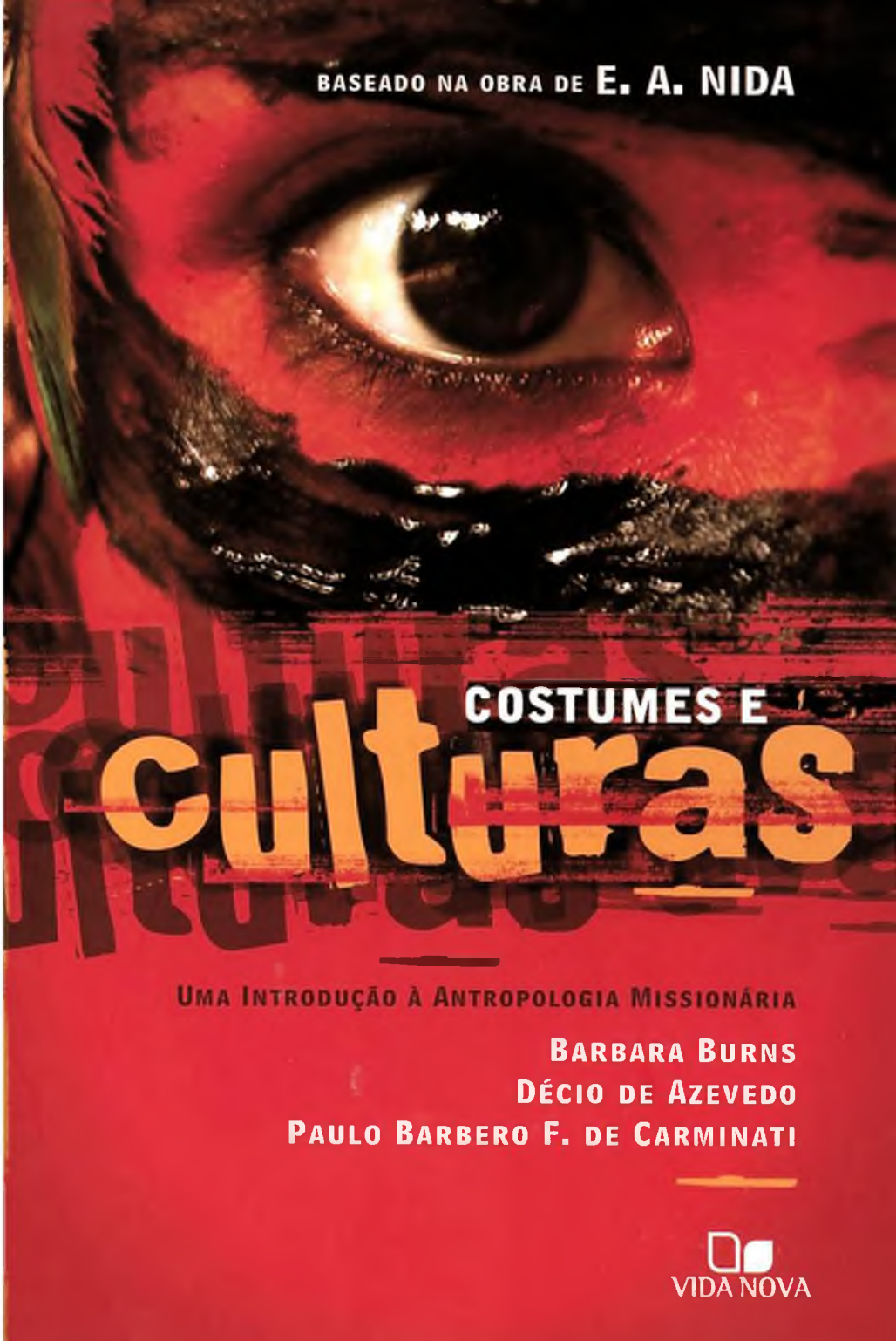

BASEADO NA OBRA DE E. A. NIDA
COSTUMES E
culturas
UMA INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA MISSIONÁRIA
BARBARA BURNS
DÉCIO DE AZEVEDO
PAULO BARBERO F. DE CARMINATI
VIDA NOVA

O homem, com suas crenças, costumes, comportamento e organização social, em suas mais variadas manifestações nas culturas através do mundo, representa um objeto de estudo fascinante e indispensável a quem deseja comunicar-se bem em situações transculturais. É por isso que a antropologia cultural (ou social, como desejam alguns) é um ramo do conhecimento humano essencial, absolutamente necessário, ao preparo e treinamento para a obra missionária.

Em sua origem, **COSTUMES E CULTURAS** foi escrito por Eugene Nida, lingüista mundialmente reconhecido. Percebendo-lhe o altíssimo valor, Barbara Burns, Décio de Azevedo e Paulo Barbero F. de Carminati, figuras de expressão nacional na missiologia brasileira, modificaram-no e adaptaram-no para o estudo em nosso país, conseguindo produzir um texto de maior aplicabilidade conjugada com uma leitura fácil, agradável e bem-humorada.

A presente edição teve o texto totalmente corrigido e redigitado, recebeu nova capa e sofreu outros pequenos aperfeiçoamentos, conferindo-se assim maior valor e esta obra que já se tornou um clássico na bibliografia missionária em português.

EUGENE A. NIDA trabalhou em 75 países ao lado de tradutores, produzindo textos em mais de duzentos idiomas. Escreveu 22 livros sobre tradução, lingüística, antropologia e missões.

ISBN 978-85-275-0010-4

VIDA NOVA

COSTUMES E

culturas

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Burns, Bárbara
Costumes e culturas : uma introdução à antropologia missionária / Bárbara Burns, Décio de Azevedo, Paulo Barbero F. de Carminati. — 3 ed. — São Paulo : Vida Nova, 1996.

Baseado na obra de E. A. Nida.
Título original: Customs, culture and christianity.

1. Antropologia social 2. Estudos interculturais
3. Missões – spectos antropológicos I. Azevedo, Décio de.
II. Carminati, Paulo Barbero F. de. III. Título.

95-3900 CDD-266.001

Índices para catálogo sistemático
1. Antropologia missionária : Cristianismo 266.001
2. Missões : Aspectos antropológicos : Cristianismo 266.001

BASEADO NA OBRA DE **E. A. NIDA**

COSTUMES E Culturas

UMA INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA MISSIONÁRIA

BARBARA BURNS
DÉCIO DE AZEVEDO
PAULO BARBERO F. DE CARMINATI

© 1954 de Harper & Row Publishers, Inc.
Título do original da presente adaptação:
Customs, Culture and Christianity

1.ª edição: 1985
2.ª edição: 1988
Reimpressões: 1990, 1992
3.ª edição: 1996
Reimpressões: 1999, 2000, 2001, 2003, 2004, 2005, 2007, 2008, 2012, 2015

Publicado com a devida autorização e com todos os direitos
reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos,
eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem
em banco de dados, etc.), a não ser em citações
breves, com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0010-4

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Robinson Malkomes

REVISÕES
Josué Xavier
Solange Domingues Soares

DIAGRAMAÇÃO
Janete Dias Celestino

CAPA
Julio Carvalho

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Roger Luiz Malkomes

Conteúdo

Prefácio / 7

Introdução / 9

CAPÍTULO **1.** *Choques e Surpresas* / 11

CAPÍTULO **2.** *"É Lógico"* / 17

CAPÍTULO **3.** *Racismo — O Preconceito é Universal!* / 31

CAPÍTULO **4.** *Agricultura e Economia* / 35

CAPÍTULO **5.** *As Relações Sociais* / 45

CAPÍTULO **6.** *A Religião* / 63

CAPÍTULO **7.** *A Estética* / 85

CAPÍTULO **8.** *A Lingüística* / 91

CAPÍTULO **9.** *Velhos Costumes e Novos Caminhos* / 105

CAPÍTULO **10.** *Novas Soluções para Velhos Problemas* / 117

Prefácio

Acontecem muitas coisas engraçadas no campo missionário, você sabia disso?

Amigo, nossa missionária na Indonésia entregou uma mensagem poderosa às senhoras. Ela percebeu que algo estava errado quando as desafiou, dizendo: "Venham e aceitem a Cristo". Cada vez que ela fazia um desafio, as senhoras riam. Aquela missionária foi suficientemente corajosa e curiosa para perguntar à amiga daquele lugar a razão pela qual as senhoras davam risadas. "Será que são ímpias?" "Será que querem rejeitá-lo?" Mas, graças à coragem da amiga nativa, a nossa colega missionária descobriu que em vez de falar "venham aceitar a Cristo" ela estava dizendo: "venham aceitar porco". Sim, no campo missionário não basta ser sincero. O compromisso e a vocação de Cristo, embora sejam importantes, não são suficientes. Cada missionário precisa de orientação transcultural, i.e., a comunicação para quem não é da sua cultura. Como o leitor já deve ter visto, não é fácil a tarefa transcultural.

Meu profundo desejo é que você possa digerir a mensagem deste livro para que venha a ser um missionário bem sucedido, ou para

que compreenda como é difícil a tarefa daqueles que foram para os campos missionários.

Ken Kudo
Diretor Nacional
SEPAL — Serviço de Evangelização
para a América Latina

Introdução

O benefício e a necessidade do estudo da antropologia para qualquer missionário são incalculáveis. A antropologia é absolutamente necessária ao preparo para a obra missionária. Se queremos comunicar o evangelho para um povo cujo modo de vida é diferente do nosso, precisamos estar em condições de analisar as razões de sua maneira de pensar, agir e viver. Se tentarmos entender aquele modo de vida através de nossos próprios "óculos culturais", vamos cometer erros sérios e freqüentes. Por isso, apresentamos este estudo, baseado na análise das razões dos fracassos ou sucessos de muitos missionários. No entanto, é bom saber que todos os que entram num meio estranho vão cometer erros, especialmente no início de seu trabalho. Assim, nosso intuito não é julgar aqueles que erraram; é apenas procurar diminuir a nossa margem de erro ao empreendermos um trabalho entre outro povo, dentro ou fora do nosso próprio país.

1

Choques e Surpresas

Observando as diversas culturas do mundo, vemos que cada povo tem sua própria idéia a respeito de um assunto qualquer. Cada povo considera sua idéia como universal e a única correta. Tomemos como exemplo a maneira de se vestir. Muitas vezes uma determinada vestimenta que, para um povo, encaixa-se totalmente nos seus conceitos de modéstia, para outro povo é totalmente escandalosa. Seria uma coisa rara ver uma mulher sem meia fina num culto de qualquer igreja nos Estados Unidos. Mas, aqui no Brasil, isso não é necessário. Por outro lado, nós, como brasileiros, acharíamos muito estranho alguém participar de um culto usando chapéu, o que no Haiti é um costume absolutamente normal. No Zaire, África, entre a tribo dos ngbakas, os presbíteros da igreja se recusaram a aceitar a exigência dos missionários de que as suas esposas usassem blusas na igreja. Algum tempo depois, os missionários descobriram que naquela aldeia somente as prostitutas usavam blusas, pois só elas tinham dinheiro para comprar roupas melhores.

Outro exemplo: — e há muitos — na ilha de Yap, os chefes da aldeia exigiram que as mulheres usassem saias até aos pés. Para

eles, é chocante uma mulher mostrar qualquer parte das pernas, e uma brasileira que lá fosse com sua saia só até o joelho causaria muitos comentários!

Há muitas diferenças também nas atitudes dos povos em relação ao ato de amamentar os nenês. No Brasil, é aceitável a mãe descobrir o peito e dar de mamar em quase qualquer lugar. Nos Estados Unidos, isso não é aceitável. Em outros lugares, isso não é uma preocupação, porque as mulheres nunca cobrem o peito, e cada nenê tem fácil e imediato acesso às suas "refeições"!

Além da maneira de se vestir, há muitos outros costumes que variam de povo para povo. Um missionário nas Filipinas ficou zangado quando, ao receber algumas visitas, estas limparam, com os seus lenços, as cadeiras onde iam se sentar. Depois, à mesa, fizeram a mesma coisa com os pratos e os talheres. Para o missionário, aquilo era um grande insulto à capacidade da sua esposa de limpar a casa e lavar as louças! Mas, na realidade, a reação do missionário foi errada, pois aquelas atitudes demonstravam boas maneiras, segundo o costume daquele povo.

Nós pensamos que nossos costumes é que são certos, e rimo-nos dos costumes dos outros. É esquisito ver um chefe africano vestido orgulhosamente duma capa de frio que ganhou, onde o clima é sempre quente. Mas não achamos esquisito quando, num dia de muito calor, um pastor prega numa de nossas igrejas vestido de paletó e gravata — e suando muito!

Nossos costumes em outras partes do mundo podem ser considerados ridículos e engraçados. Certa vez, um casal de missionários estava trabalhando com uma tribo de índios que costumavam pintar seus corpos e não usavam nenhuma roupa. Mesmo assim, a esposa do missionário achava que as bermudas do marido eram curtas demais. Imediatamente, emendou nelas três dedos de renda cor-de-rosa para cobrir-lhe os joelhos expostos.

Certa missionária recebeu uma carta de sua irmã que morava nos Estados Unidos, perguntando-lhe: "Você tem ensinado a doutrina das roupas santificadas?" A missionária respondeu: "Minha querida irmã, teremos sorte, se, pelo menos, o povo daqui usar alguma roupa!"

Se não entendermos as razões de determinados costumes, não poderemos apreciá-los e muito menos aceitá-los. Por exemplo, na Tailândia, as mulheres não podem ocupar quartos do primeiro andar do hospital e os homens do térreo; isso significaria que as mulheres

são superiores aos homens — coisa inaceitável naquela cultura. Também naquele país não se pode cruzar as pernas e mostrar a planta do pé para alguém; isso seria um grande insulto. Engraçado? Não! Apenas diferente para nós, mas com significado para eles.

Diferenças assim podem causar sérias dificuldades. No Japão, é ética social curvar-se diante de uma pessoa para cumprimentá-la. Algumas vezes, missionários que foram ao Japão em campanhas evangelísticas pensaram que muitos japoneses estavam aceitando Cristo, quando na realidade, devido ao seu modo de cumprimentar, estavam apenas sendo corteses para com eles.

Outro exemplo que mostra o quanto é difícil entender certas atitudes, quando não se compreendem as suas razões básicas, foi o que ocorreu nas ilhas Marshall, do Pacífico. Os missionários dali recebiam cartas apenas uma vez por ano, por ocasião da chegada de um navio. Certa vez, o navio chegou adiantado, e os missionários não estavam em casa. O capitão do navio deixou as cartas com o povo da ilha e foi-se embora. Eles ficaram muito contentes por terem em suas mãos aquilo de que os missionários gostavam tanto. Começaram, então, a examinar as cartas para descobrirem por que eram motivo de tanta alegria para os missionários. Não achando nada de especial, rasgaram, cozinharam e comeram as cartas. Ainda assim, não descobriram o seu segredo. Quando os missionários voltaram e viram o mingau de suas cartas, o povo não pôde entender a reação deles. Você ficaria bravo se alguém fizesse um cozido de sua correspondência, recebida apenas uma vez por ano, simplesmente por querer descobrir por que ela é causadora de tanta alegria?

Na China, as pessoas pensavam que os missionários louvavam as cadeiras, porque oravam ajoelhados de frente para elas.

Da mesma forma, os índios navajos, dos Estados Unidos, pensavam que os missionários louvavam o pinheiro de Natal por se preocuparem tanto em enfeitá-lo.

Muitas vezes saímos da nossa terra pensando que somos os melhores, que os nossos costumes é que são corretos. Julgamos as atividades dos outros, sem entender por que aquele povo está agindo daquela forma, e agimos conforme os nossos costumes, sem perceber como estamos sendo analisados por eles.

Os norte-americanos decepcionam os brasileiros porque, no cumprimentar, os homens americanos não apertam as mãos de todos, e as suas mulheres não abraçam e beijam as brasileiras. Já os

americanos estranham a maneira fria de os ingleses se cumprimentarem. Por outro lado, um brasileiro nos Estados Unidos ou na Inglaterra causaria espanto, por sua maneira calorosa de cumprimentar as pessoas. Também no Zimbábue, um brasileiro nunca poderia pedir uma informação a um desconhecido, sem antes perguntar sobre a saúde da sua esposa ou dos seus filhos, como vão os negócios ou como está o clima. Na África do Sul uma brasileira poderia levar um susto quando, ao cumprimentar outra mulher, fosse beijada nos lábios. Na Rússia é pior ainda para quem não está acostumado, pois os homens é que se cumprimentam beijando uns aos outros na boca!

Poderíamos, igualmente, causar estranheza a um shiluk, do Sudão, se lhe oferecêssemos qualquer coisa sem usar as duas mãos (pois eles nunca usam só uma das mãos), ou se não pedíssemos licença para usar o caminho quando cruzássemos com outra pessoa.

Eugene Nida, o autor do nosso livro, cometeu um grave erro em certa parte da África, quando apontou com o dedo as coisas cujo nome queria saber. Isso era muito errado e grosseiro. Em vez de usar o dedo, ele deveria ter usado o lábio inferior!

Na Micronésia, não se usa nem o dedo nem o lábio inferior quando se aponta para um objeto, mas, sim, fecha-se um olho na direção do objeto!

Quantas vezes nós julgamos um povo e o consideramos ignorante, quando na realidade ele tem muito a nos ensinar. Por exemplo, como os homens das ilhas Marshall podem navegar em embarcações tão pequenas, atravessando centenas de quilômetros, e achar ilhas pequeninas e quase invisíveis? Eles possuem um conhecimento muito grande sobre o mar, que só temos de admirar.

Uma tribo de índios, que vive de frutas e caça, mora em casas de palha e quase não usa roupas, muitas vezes tem uma vida normal muito melhor do que o povo, por exemplo, de uma grande cidade. Por isso, vamos tomar o cuidado de não dar o título de "selvagem" a uma pessoa que para nós é aparentemente inferior, só porque ela não tem os mesmos costumes que nós.

A comunicação do evangelho é muito difícil se não imitarmos Jesus, o qual, para se fazer compreendido e mostrar amor, identificou-se com os homens, não só encarnando-se em forma humana, mas também encarnando-se culturalmente. "Ele veio para os seus..." Os seus eram o povo judeu. Por isso, Ele falou a língua daquele povo, vestiu-se conforme os costumes da época, comeu o que eles

comiam, dormiu onde eles dormiam — enfim, Jesus foi um judeu como todos os outros, humanamente falando.

Devemos humildemente procurar compreender um povo com o qual trabalhamos, falando a sua língua e evitando todo escândalo cultural que possa fechar as portas para o evangelho.

O amor de Deus manifestar-se-á através das nossas vidas quando pudermos comunicar o evangelho identificados culturalmente com todos.

O processo de aprendizagem da língua e dos costumes não vem automaticamente, assim que pisamos o campo missionário. Quando lá chegamos, somos como crianças que irão aprender como viver. É como uma verdadeira morte para a nossa cultura. Então, em todo o tempo que lá estivermos, sempre estaremos aprendendo e nos aperfeiçoando no nosso processo de identificação.

Quanto à língua, vejamos alguns exemplos que mostram algumas dificuldades que poderemos enfrentar. Tomemos, principalmente, a palavra "coração". Falamos que sentimos tristeza, amor, alegria, etc., referindo-nos ao nosso coração. Isso para os karrés, na África, não tem sentido, pois suas emoções são localizadas no fígado; para os conobos, da Guatemala, as emoções estão no abdômen, e para os habitantes das ilhas Marshall, na garganta. Quando os habbes, da África, querem comunicar que estão tristes, dizem: "Meu fígado está doente". E os seus vizinhos do norte, os bambaras, referem-se à tristeza, dizendo: "Meu olho está preto".

Talvez sejam muito estranhas para o nosso ouvido as expressões acima descritas, mas há também o outro lado da moeda. Para os que estão nos ouvindo, soam também estranhas as expressões que usamos: "estou *morrendo* de medo"; "estou *cheio* de amargura"; "meu *coração* está triste"; "estou *fervendo* de raiva", etc.

Em tais campos missionários, será preciso muito mais do que aprender a língua, pois muitas dessas línguas nunca foram analisadas, e, portanto, não há ortografia, gramática expositiva, dicionários ou livros escritos no idioma. Isso será um trabalho a ser feito pelo missionário, pois ele precisará dar também a Bíblia escrita para o povo. Ele terá de aprender e analisar o sistema gramatical daquela língua para poder dar-lhe uma ortografia prática. Neste processo, sua língua materna terá que ceder a esta nova língua, tão necessária para o seu trabalho.

Certo missionário, que trabalhava entre uma tribo indígena do Norte do Brasil, ao traduzir um versículo da Bíblia, cometeu um

grave erro. Ele estava dizendo aos índios: "Pequem", enquanto o certo seria: "Não pequem". Acontece que a palavra *não* é um som muito difícil de ser distinguido dos outros, e ele ainda não o tinha ouvido.

Também é de suma importância saber a reação que uma ação nossa vai causar numa pessoa que está nos observando. Isso implica em observar, analisar e entender a nova cultura de forma que a nossa vida também possa falar. Duas missionárias tiveram certa dificuldade no início do seu trabalho numa tribo no México, porque costumavam tomar limonada junto com o café da manhã. Ninguém aceitou a mensagem delas, até que elas descobriram que os membros daquela tribo criam que limonada é um anticoncepcional! Eles pensavam que as missionárias solteiras eram mulheres de vida irregular por causa da limonada!

Mas, apesar das dificuldades, a nossa mensagem é o evangelho, compreensível a todos. Por mais diversas que sejam as culturas e línguas, o evangelho pode ser transmitido a todos, sem exceção.

Esse evangelho tem três aspectos fundamentais para todos os que o ouvem:

1. É uma mensagem que satisfaz ao ser humano em todas as áreas da sua vida (moral, sentimental, psicológica, social, material). Nenhuma fase da vida humana está excluída do senhorio de Jesus Cristo.
2. O evangelho precisa ser compreendido por todas as pessoas em termos conhecidos dentro da sua maneira de pensar e viver.
3. O Espírito Santo é quem deve expressar para os convertidos a maneira de viver a vida cristã. O evangelho, em cada cultura, será expresso de muitas formas, diferentes umas das outras, tendo, cada uma, qualidades distintas, justamente por causa desta diversificação de costumes. Consideremos que nenhuma cultura conseguiu ainda uma expressão perfeita da vida cristã (incluindo a nossa), mas cada uma tem sua própria contribuição a dar, que deve ser feita com liberdade.

2

"É Lógico"

"Se no inferno é quente, queremos ir para lá!" Assim disseram os bano'os aos primeiros missionários que chegaram àquela parte da África. Para os bano'os, o melhor lugar é um lugar quente, sem frio e sem doença. É difícil entendermos por que alguém diria que gostaria de ir para o inferno, até descobrirmos a razão do seu pensamento. É fácil entendermos o nosso pensamento, porque ele é formado em *nossa* cultura, em *nosso* ambiente e foi em nós inculcado quando crianças, sem que o percebêssemos. Mas, no estudo da antropologia, veremos e compreenderemos com mais clareza as razões das atitudes dos outros, bem como das nossas próprias!

Em todas as culturas há costumes oriundos da tradição, sem fundamento no presente. Por exemplo: os paletós dos homens em geral têm dois ou três botões na manga. Esses botões para nada servem, mas originalmente, quando as camisas tinham renda na manga, eram de muita utilidade (qual seria não sei, mas os livros dizem isto). Outro exemplo: ainda hoje são festejadas as datas juninas. Mas são meramente festas, onde o povo come, dança e se diverte sem a maioria jamais pensar em qualquer significado religioso para tudo aquilo. O mesmo acontece com o Papai Noel e a

árvore de Natal. Nas suas origens, eram bem diferentes do que vemos hoje, tendo um significado diferente também do de hoje, que é mero comércio. Ainda são celebrados meramente por tradição.

O vestido de noiva, que, originalmente, significava pureza e virgindade, hoje tem sido grandemente deturpado, pois muitas moças o usam já grávidas, e outras usam vestidos coloridos. Isso é um sinal claro de que aquele primeiro significado já não é tão respeitado e considerado.

Houve uma época no Brasil em que todos os homens usavam chapéu e bengala. Tratava-se apenas de uma moda. Sabemos que a bengala e o chapéu têm uma utilidade, mas naquele tempo eram apenas moda. O chapéu, até recentemente, era usado pelos mais idosos como sinal de respeito. Mas tudo isso somente por tradição e não por utilidade prática.

E quanto aos cintos que se usam hoje em dia? A maioria não tem utilidade. Estão nas saias ou nas calças apenas por motivo de estética, de moda, de beleza. Mas ninguém vê isso. Todos os usam e acham normal e necessário que se deva usá-los.

Você poderia lembrar-se de outros costumes que tinham sua razão de existir, no passado, mas hoje já não há mais razão para seu uso, e, no entanto, as pessoas continuam a fazê-lo?

O Que é Antropologia?

A antropologia é o "estudo do ser humano" ou, mais especificamente, "a ciência da cultura humana", ou, como Kroeber a define, é "a ciência dos grupos humanos, seu comportamento e suas produções".

A antropologia abrange uma ampla esfera de estudos. Divide-se em duas áreas: Antropologia Física e Antropologia Cultural. Na primeira, estudam-se os primatas, a genética, a evolução, as medidas do corpo humano e as descrições das características físicas dos povos. Já a segunda estuda as culturas pré-históricas, a etnologia, o folclore, a organização social, a cultura e a personalidade, a aculturação e a aplicação da antropologia aos problemas humanos.

Na análise dos modelos padrões de vida e do comportamento humano nas diversas culturas, o antropólogo deve procurar respostas para três perguntas principais:

1. Quais as funções dos vários aspectos duma cultura, isto é, comida, abrigo, transporte, organização da família, crenças religiosas, língua, valores, etc.?
2. O que faz um membro de uma sociedade agir como age? Em outras palavras, por que todos não agem da mesma maneira? Quais sãos as normas que determinam a conduta dos membros de uma sociedade?
3. Quais os fatores que determinam a conservação de certos aspectos culturais e a substituição de outros com o correr do tempo?

Como podemos perceber, não é suficiente apenas analisar os tipos de vestimenta ou comida de um povo, mas precisamos analisar também quem usa esta ou aquela roupa, e por que a usa. Exemplificando: no Haiti, algumas pessoas usam sapatos, e outras não. Por quê? Será porque algumas gostam de sapatos, e outras não? Por falta de dinheiro? O motivo, na verdade, é um pouco diferente. É que lá o sapato é um símbolo de classe social. Um médico que certa vez estava passeando nas montanhas do Haiti foi abordado por alguém que lhe pediu que atendesse uma pessoa doente. O médico imediatamente perguntou: "Ele tem sapatos ou não?" Se a resposta fosse "sim", ele, então, atenderia o doente imediatamente. Mas, se a resposta fosse "não", o doente teria de esperar. Uma coisa que para nós é tão insignificante (pois aqui quase todo mundo tem pelo menos um chinelo, e nenhum médico basearia seu atendimento numa pergunta sobre sapatos) para as pessoas do Haiti é muito importante.

Mas pense agora e faça uma lista de símbolos das várias classes sociais do Brasil. Por exemplo: o que significa uma pessoa de terno? O que significa um anel de brilhantes? Que tipo de pessoa usa chinelo na rua, ou macacão de brim, ou cabelo comprido, curto, etc.?

O Que é Cultura?

Para muitas pessoas, a palavra "cultura" significa o grau de estudos de uma pessoa. Por isso, é comum ouvirmos alguém falar: "Fulano de Tal tem muita cultura". Quase todas as pessoas fazem esta associação da cultura com o desenvolvimento intelectual ou o nível de estudo de alguém. Por esta razão, uma pessoa que tem um linguajar rude, um modo de vida simples, logo é taxada de uma

pessoa sem cultura. O mesmo acontece com as tribos indígenas. Pelo fato de terem uma vida bem simples são taxadas de povo "sem cultura". Mas esta não é a definição de um antropólogo; e muito menos a definição que vamos dar aqui. Definimos *cultura* como o conjunto de comportamentos e idéias característicos de um povo, que se transmite de uma geração a outra e que resulta da socialização e aculturação verificadas no decorrer de sua história.

Com os animais não acontece este aprendizado, porque eles se valem apenas do seu instinto natural. Os pássaros não precisam aprender a fazer os seus ninhos, mas o homem precisa aprender a fazer a sua casa. O cão não precisa aprender a latir, mas o homem precisa aprender uma língua. Para o homem, tais coisas não são automáticas. O termo "cultura" designa os modos de agir, e o termo "sociedade" designa o grupo de indivíduos que compartilham de um mesmo modo de agir.

"Cultura civilizada" e "cultura primitiva" são expressões comuns que designam os dois principais tipos de cultura humana, não em termos negativos, mas simplesmente em função do grau de desenvolvimento para industrialização de cada grupo. Geralmente a cultura chamada civilizada tem uma maior variedade de escolhas, todas aceitáveis dentro de uma sociedade. Exemplificando: um indivíduo da classe média dos Estados Unidos pode ser membro ou de uma igreja católica, ou de uma igreja protestante, ou de uma igreja budista, etc. Ele pode concordar ou não com o governo e dar plena voz às suas objeções. Não há impedimento para ele se casar com praticamente qualquer moça do país (a não ser com a sua própria irmã). Ele dispõe de uma grande variedade de comidas, desde o macarrão ao caviar. Podemos observar que no Brasil, por exemplo, alguém pode ter uma variedade de ações dentro da sua própria cultura também. Ele pode gastar o seu dinheiro com roupas, automóveis, esportes e uma série de outras coisas. Pode morar numa casa de madeira ou de alvenaria, com ou sem quintal, com o chão feito de taco, cimento ou azulejo. Nos Estados Unidos e aqui no Brasil, como em muitos outros países do mundo, há uma grande possibilidade de escolhas para o indivíduo. Mas, numa "cultura primitiva", não há tantas possibilidades, tanto para o homem como para a mulher. A vida consiste quase que apenas em pescar, caçar e plantar, cozinhar, criar os filhos, participar de rituais, etc. — todos da mesma maneira que os demais membros da sua sociedade. Quase não há diferença na religião, e os jovens vão aprendendo e aceitando

o comportamento dos mais velhos sem questioná-lo, ficando bem mais limitadas as suas escolhas de comportamento, pois os modelos de vida são bem mais "fixos".

Mas convém frisar aqui que não é pelo fato de uma cultura ser primitiva ou pré-letrada (termo que usaremos como sinônimo de "primitiva"; estes povos não têm sua língua escrita.) que ela é errada ou inferior à nossa. Em certos aspectos ela dispõe de menos alternativas que a nossa, não se desenvolve para a industrialização ou invenções que melhoram sua vida e não tem uma língua escrita. O problema, então, é que pelo fato de outras culturas não terem esses aspectos, nós as desprezamos e as consideramos inferiores. Isto é grave. Muitas vezes, em muitos aspectos, tais culturas têm conhecimentos muito mais profundos do que nós, sem que nunca tenha sido necessário passarem pelos nossos sistemas de escolaridade. Não dispõem de todas as possibilidades de escolhas que temos, mas vivem muito bem e com sua linguagem expressam todos os conceitos da sua vida. Fixemos isto em nossa mente: a diferença está nas alternativas de comportamento. E, muitas vezes, essa limitação de escolha e a falta das outras preocupações materiais os têm levado a um nível de vida melhor em outras áreas — moralidade, vida familiar, etc.

As Razões do Comportamento — Explicações Fáceis e Difíceis!

Muitas tentativas buscam explicar por que as pessoas agem como agem. Muitos dizem que a diferenciação racial é a razão principal. Mas, se o comportamento baseia-se na raça, por que os negros dos Estados Unidos não são como os negros da África, e estes, por sua vez, não são como os negros do Brasil? Por que algumas tribos indígenas do México foram mais desenvolvidas tecnologicamente do que algumas tribos do Amazonas? Por que alguns são muito educados e inteligentes, e outros não são? A raça não é razão suficiente para explicar o comportamento humano.

Outras pessoas dizem que é a geografia que faz a pessoa agir como age. Não resta a menor dúvida de que a geografia explica algumas partes do comportamento humano. Exemplificando: por que o esquimó usa roupas grossas e peles de animais, e o índio do Amazonas usa apenas uma tanga (quando usa) e enfeites de penas?

Logicamente, porque o esquimó vive numa região gélida e precisa se aquecer bem, enquanto a região do índio amazonense é tropical. Mas como explicar o comportamento dos índios da Terra do Fogo, onde a região é bem fria, e eles se vestem mal e não têm abrigos suficientes? A geografia também não basta para explicar todos os aspectos da vida humana.

Outros dizem que é a cultura que faz o indivíduo agir como age. Mas, então, por que há sempre aqueles que rejeitam a sua própria cultura, agindo ao contrário daquilo que é aceito por todos? A cultura também não é uma explicação total, apesar de ser melhor que as duas anteriores.

Outros, ainda, dizem que a explicação está na psicologia. Mas a psicologia do comportamento difere de um lugar para outro, e não se pode categorizar todos os povos da mesma maneira. Um exemplo é a teoria de Freud, de que o fundamento dos problemas psicológicos do homem começou com o senso de culpa causado pela raiva e competição entre o filho e o pai, a figura de autoridade no lar. Mas Freud pensava que em todas as culturas do mundo era o pai quem dominava. Acontece que há certas culturas onde é a mãe quem domina, e ela é a figura de autoridade. A teoria de Freud não tem valor em tais culturas (e provavelmente nem na nossa, depois que os anos tiraram um pouco do "brilho" das suas idéias).

Já outros dizem que isso tudo "é natural". Mas o que é natural para nós pode não ser natural para outros. É natural querermos que nosso pai tenha uma só esposa. Mas para algumas tribos da África é perfeitamente natural o pai ter muitas esposas para poderem ajudar no trabalho, para protegerem o lar contra inimigos e para ajudarem nos projetos da família. Para nós, "é natural" que um homem queira que sua esposa seja fiel a ele, mas os esquimós acham muito "natural" emprestar sua esposa para os homens que visitam seus lares. Enfim, o que é natural para nós pode não ser natural para outros, e vice-versa. Isto também não nos dá a solução do problema — o porquê do comportamento humano.

A Resposta

Mencionamos que a raça, a geografia, a psicologia e a cultura não são razões suficientes em si para explicarem o comportamento humano. Analisadas separadamente, estas razões realmente não

preenchem o vazio do nosso entendimento. Mas, se as interligarmos, teremos, então, algumas bases para a compreensão do problema. Assim, podemos descrever a cultura como sendo fundamentalmente determinada por três fatores: (1) a cultura, (2) a situação atual das condições de vida e (3) a capacidade biológica dos indivíduos envolvidos (não de uma raça, pois não existe tal diferença geral).

Primeiramente, as pessoas de uma cultura agem de certa forma porque seus antepassados agiram daquela forma também. Dirigimos nossos automóveis pelo lado direito da estrada, porque antigamente as pessoas faziam assim com as carroças. Porém os australianos dirigem pelo lado esquerdo das ruas, porque na Inglaterra, de onde veio a maioria dos australianos, dirige-se pelo lado esquerdo.

Tudo isso não quer dizer, porém, que os costumes não mudem quando a situação o exige. Antigamente, na Argentina, os automóveis trafegavam pelo lado esquerdo, mas, quando começaram a importar mais e mais veículos dos Estados Unidos, a sinalização de trânsito foi mudada, passando-se a dirigir pelo lado direito da estrada (os automóveis americanos são construídos com o volante do lado esquerdo, enquanto os antigos veículos argentinos tinham o volante do lado direito). Apesar dos costumes passados, que não deixavam de ser certos, a nova situação obrigou uma mudança de comportamento (com muita confusão para todos durante algum tempo!).

Quanto à parte biológica, em todas as pessoas ela é mais ou menos semelhante. A capacidade e as possibilidades mentais não diferem de povo para povo, mas a falta de nutrição, higiene, certas doenças, etc. podem influenciar o seu desenvolvimento. A biologia pode explicar algumas coisas; por exemplo, os bantus da África, que são altos, venceram os pigmeus, que são baixos; mas não sabemos por que os pigmeus são caçadores (até de elefantes), e os bantus são agricultores! A biologia, então, é apenas uma parte da explicação do comportamento humano total.

Duas Forças Fundamentais

Além destas três explicações do agir do homem, há duas forças fundamentais que o motivam a agir e continuar agindo. A primeira se encaixa no terceiro item acima, a biologia. A biologia do homem

o leva a alimentar-se e reproduzir-se. Além disso, ele procura abrigo e proteção para seu corpo físico.

A segunda força fundamental do homem é psicológica. Todos os homens desejam naturalmente fazer parte de um grupo, ter reconhecimento e carinho. Há o desejo nato de segurança. Estas forças psicológicas não são tão fortes quanto as biológicas, mas se manifestam de maneiras mais diversas e complexas. Muitas vezes o desejo de reconhecimento social leva a pessoa a sair dum emprego que lhe dá maior segurança financeira para um menos vantajoso, mas onde ela vai ganhar mais prestígio.

Essas duas forças básicas que motivam o homem são, contudo, dirigidas e canalizadas pela cultura. Exemplificando: todos precisam comer, mas no Brasil come-se muito arroz e feijão e nos Estados Unidos muita batata e hambúrguer. A cultura brasileira faz a pessoa selecionar arroz e feijão, e a cultura norte-americana a selecionar batata ou, talvez, um hambúrguer. Apesar das razões históricas para os dois costumes, as pessoas não as conhecem e escolhem arroz ou batata conforme a sua cultura as dirigir.

Nos costumes gerais de certa cultura, sempre há seletividade, isto é, a possibilidade de escolha de comportamento. Esta se divide em comportamento alternativo (pode-se fazer ou não tal coisa) e comportamento exclusivo (só algumas pessoas podem fazer tal coisa). Exemplificando: todos podem comer peixe, mas o querer peixe cru ou cozido é questão de alternativa. Quanto ao comer ovos de peixe, talvez seja só para os ricos, que podem pagar tão caro por esse prato. Outro exemplo de alternativa: podemos ou não beber leite. Só depende de decidirmos. Mas, para os shiluks, do Sudão, os que podem beber leite são exclusivamente as crianças e os homens. Eles crêem que se uma mulher menstruada beber leite, a vaca não mais o produzirá!

A seletividade numa cultura torna-se muito importante na conduta diária. "Devo apertar a mão do governador?" "Será que posso recusar o cafezinho sem ofender a dona da casa?"; "Será que ela vai gostar deste presente?"

Subdivisões da Cultura

Podemos classificar a cultura como material, social, religiosa, lingüística, estética, musical, artística, etc.

Há muitas partes da nossa cultura que supomos serem tão lógicas, tão naturais e até universais, que nem estamos conscientes delas, realizando-as automaticamente. Outros povos têm outra maneira, bem diferente, de considerar o mesmo assunto. Exemplificando: no uso cotidiano da língua portuguesa, usamos verbos, artigos, substantivos, em sentenças lógicas e coerentes, utilizando uma concordância correta (geralmente). Mas nunca paramos para procurar entender ou mesmo tentar analisar por que "guarda-roupa" é masculino e "tribo" é feminino. Simplesmente os dizemos. Os indivíduos de fala inglesa têm muita dificuldade com o gênero das palavras portuguesas, porque não há esta distinção no inglês, especialmente com as palavras terminadas em "e". Sabonete, pente, Chile, balde, sangue, sapé, parente são todas palavras masculinas, e parede, gilete, estante, gente, pose, crise são todas palavras femininas. Essa concordância nossa não é natural para os americanos e ingleses!

A maior parte dos brasileiros crê que há vida depois da morte e que tudo o que acontece foi porque Deus quis, tinha de acontecer (a este modo de pensar chamamos de "fatalismo"). Mas, na Europa, poucas pessoas crêem em Deus e aceitam a idéia da vida eterna. Para eles, essa idéia é uma bobagem, fantasia, conversa de tolos. Nos Estados Unidos, os homens (a maioria) consideram um ato de cavalheirismo abrir a porta para que as mulheres entrem primeiro. Mas, na China, é exatamente o oposto. O ato de cavalheirismo é os homens entrarem primeiro, e não as mulheres. Apesar desses costumes opostos, cada um pensa que o seu modo de agir é que está certo, agindo automaticamente, sem pensar se deve ou não ser daquela maneira. Em São Paulo, supõe-se que o certo é a mulher andar do lado "de dentro" da calçada quando acompanhada de um homem. Um paulista acharia muito estranho ver no interior do Brasil ou numa tribo de índios nos Estados Unidos o homem andando na frente, e a mulher uns bons metros atrás. Para os índios daquela tribo, isso é muito natural, pois é desta maneira que o homem está protegendo sua esposa de cobras ou animais ferozes. Podemos até achar que é desprezo até descobrirmos que é sinal de proteção e que é um dever do homem. Além disso, naquela tribo, são as mulheres que possuem toda a propriedade. Quando se casam, os homens têm de ir morar com a família da noiva, e no fim não são donos de nada! Na verdade, as mulheres são bem respeitadas!

Para nós, o metal mais precioso é o ouro. Mas, para os incas, do Peru, a turquesa era mais importante. Por isso, quando os conquistadores chegaram àquelas plagas e exigiram o ouro dos incas, estes o concederam sem resistência. Mas, se tivessem exigido turquesa, talvez nunca o tivessem conseguido.

Há diferenças de valor em outros aspectos da vida também. Exemplificando: o boiadeiro brasileiro e os dinkas do Sudão dedicam-se à criação de gado. Se for exigido de um boiadeiro escolher entre a vida de uma vaca e a vida da sua esposa, certamente ele escolherá perder a vaca. Mas não os dinkas. Eles perderiam as suas esposas, antes de deixarem alguém matar uma de suas vacas!

O brasileiro dá muito valor à cidade do Rio de Janeiro, mas é muito diferente do valor que o judeu dá a Jerusalém ou do valor que o muçulmano dá a Meca. Estas duas últimas cidades são muito mais importantes, porque não somente têm significado histórico e patriótico, mas também religioso.

Como Funciona a Cultura?

Para sabermos como funciona uma cultura, não basta fazermos uma descrição do que observamos do comportamento humano naquela sociedade. É necessário que entendamos o porquê dos acontecimentos — a lógica da cultura. Podemos observar uma aliança de ouro, usada no dedo anular da mão direita de uma pessoa antes do casamento e na mão esquerda depois do casamento. Mas qual o significado desse anel? Qual a sua função? Quando entendermos que aquele anel é um símbolo de um compromisso assumido entre duas pessoas perante a sociedade, saberemos que houve uma união de duas pessoas, conseqüentemente de duas famílias, pelos laços do matrimônio. Quando entendermos isso, aí então estaremos entendendo como funciona uma cultura.

As Várias Partes de uma Cultura Formam um Sistema Organizado

A cultura não é um aglomerado de traços e características, nem um amontoado de conhecimentos. Mas cada parte distinta da cultura se interliga às demais de forma que resulta num funciona-

mento sistemático da sociedade — a sociedade organizada.

Um exemplo disto é o significado da cerveja na cultura dos tarahumara do Norte do México. O sistema econômico inteiro é centralizado na cerveja. Quando um homem tem muita cerveja, ele pode convidar muitos amigos para o ajudarem a cortar as árvores e limpar a terra para a plantação de milho. Quanto mais cerveja, mais amigos para o trabalho. Conseqüentemente, no ano seguinte ele produz mais milho, e deste milho o homem pode fazer mais cerveja. Com mais milho, o homem pode obter mais gado, que produz mais esterco, que ajuda a produzir mais milho ainda.

Todos os Traços Culturais Têm um Propósito?

Muitas das nossas atitudes são determinadas pelo fator da necessidade real. Para nós, é necessário comprar sapatos novos, quando o que temos já está velho e usado. Isto é uma realidade. Mas muitos dos nossos atos culturais são determinados pelo fator da necessidade imaginária. Em muitas culturas indígenas, o pai de um nenê recém-nascido é que fica de "resguardo", e não a mãe. Logo que o nenê nasce, o pai vai para a rede por três dias, enquanto a mãe continua trabalhando na roça! Já com outros povos ocorre a proibição do casamento com um parente, mesmo distante. Biologicamente, não há razão para o pai se resguardar por causa do seu filho recém-nascido, nem para uma pessoa não se casar com parentes distantes. Essas razões são "imaginárias".

Acontece por vezes considerarmos "imaginário" certo costume de um povo, quando na verdade não o é. Exemplificando: os velhos esquimós, quando já não podem mais trabalhar, são obrigados a se suicidarem ou a pedirem que alguém os mate. Para nós, isso é uma loucura — um verdadeiro assassinato. Mas, para eles, que não têm comida suficiente para todos, e todos os membros da sociedade precisam trabalhar, essa atitude é humanamente lógica.

Por muito tempo os médicos pensaram que os remédios "caseiros" eram imaginários, mas recentemente eles os vêm pesquisando, por estarem descobrindo que muitos têm bases medicinais.

O Relativismo Cultural

Em decorrência dos estudos antropológicos efetuados até o momento presente, alguns antropólogos estão dizendo que há relativismo cultural. "Se os esquimós matam os velhos que não podem mais trabalhar, por que não podemos fazer o mesmo também?" "Se pode haver liberdade sexual em algumas tribos da África, por que não podemos tê-la também? Tudo é relativo."

A Bíblia tem muito a dizer sobre isso. Deus conhece os diferentes valores de cada cultura. Ele reconhece também as oportunidades de cada povo, a revelação que este tem recebido de Deus. Em Lucas 12.48 também se diz: "Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez cousas dignas de reprovação levará poucos açoites. Mas àquele a quem muito foi dado muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia muito mais lhe pedirão". O homem sem Jesus receberá o castigo eterno pelo seu pecado, mas será de uma forma mais leve, se o conhecimento que teve foi menor.

Paulo também sabia que os valores de cada cultura eram diferentes e que alguns costumes eram relativos e outros não (1 Co 9.20-21). Ele exigiu que Timóteo se circuncidasse (At 16.3) e deixou Tito sem circuncisão (Gl 2.3). Não foi incoerência na conduta do apóstolo, mas um reconhecimento bíblico de que há níveis de valores de uma cultura para outra e mesmo dentro de uma cultura.

A Bíblia deixa muitos costumes e regras em aberto para que a própria pessoa, dentro da sua respectiva cultura, escolha o melhor. Outros mandamentos são fixos para todas as pessoas na face da terra. A Bíblia diz que não podemos matar, nem por ato nem por pensamento. Em todas as culturas isto é pecado (inclusive na dos esquimós). A Bíblia também proíbe a vaidade, que é um sentimento íntimo manifestado de maneiras diferentes em cada cultura. E assim por diante. Há outros atos que são meros costumes (como a maneira de se vestir ou a circuncisão de Timóteo e a não circuncisão de Tito) e, portanto, deixados à livre decisão de cada um, sem que a Bíblia os regulamente.

Talvez o discernimento sobre essas coisas seja uma das tarefas mais difíceis e mais importantes do missionário. Por isso ele tem de, em primeiro lugar, conhecer profundamente a Bíblia e o que a Bíblia realmente ensina sobre tais coisas. Ele tem de conhecer também a sua própria cultura para poder compreender as razões básicas das suas próprias reações e pensamentos. Além disso, ele

tem de conhecer de maneira "êmica" (de dentro da cultura — não de fora) a cultura dentro da qual vai trabalhar, para poder transmitir o verdadeiro ensino da Palavra de Deus, separando-o das práticas da sua própria cultura. Temos de levar a Palavra do Senhor para os outros povos, não a nossa cultura e nossos costumes.

O Que a Antropologia nos Ensina?

A antropologia tem feito muitas contribuições ao conhecimento de nós mesmos e de outros seres humanos. Podemos resumir algumas dessas contribuições básicas da seguinte maneira:

1. O comportamento humano não é ilógico ou efetuado ao acaso, mas segue modelos culturais definidos.
2. As partes que formam o padrão de comportamento de uma cultura são inter-relacionadas.
3. A maneira como os diferentes povos seguem e pensam pode tomar formas bastante variadas de cultura para cultura.

3

Racismo — O Preconceito É Universal!

Os batusis, orgulhosos habitantes do Burundi, África, desprezam os bahutus, que são os moradores tradicionais daquelas terras e constituem 90% da população. Nem por um minuto os batusis esquecem que os seus antepassados desceram do norte e conquistaram os bahutus. Até hoje, os bahutus são obrigados a suportar a destruição das suas plantações pelo gado dos arrogantes batusis. Estes se consideram muito superiores e racialmente melhores, por serem altos e fortes. Os bahutus são menores e mais gordos. Assim, os batusis pensam que a razão do seu domínio sobre os outros é a sua estatura física.

Para compensar este desprezo, os bahutus maltratam os pigmeus, que vivem isolados e em grupos pequenos. Os bahutus os consideram quase como animais. Apesar disso, eles fazem negócios com os batwas (nome do povo pigmeu), trocando cerâmica e caça por cereais. Para um batwa tomar um copo de cerveja, ele precisa esperar que o bahutu sirva a cerveja num lugar separado e retire-se dali. Aí, então, ele pode beber a cerveja, e só depois de se afastar é que o copo será buscado. Mas, se o batwa não tomou toda a cerveja, o bahutu não hesitará em beber o resto!

Não foi nada fácil resolver esse problema racial quando alguns batusis, bahutus e batwas se converteram e se tornaram membros de uma mesma igreja!

O mesmo ocorria na África do Sul, onde os negros não podiam se hospedar nas casas dos brancos nem ter muito relacionamento com eles, além de serem os seus servos. Tudo era separado — restaurantes, banheiros, entradas para as estações de trens, lojas, etc. O racismo é forte, e a distância entre as raças é regulada rigidamente pelas leis do país.

Em todas as partes do mundo, as pessoas reconhecem a existência do "meu grupo" (o grupo com o qual elas se identificam) e o "outro grupo" (todos os demais grupos). A existência e a determinação de uma consciência de que pertenço a um "meu grupo" fazem parte da força psicológica de que se necessita para ser membro de uma comunidade. A hostilidade que freqüentemente faz parte do conceito que formamos do "outro grupo" serve para fortalecer os sentimentos de solidariedade do "meu grupo", que se considera superior àquele. Exemplificando: os católicos e os protestantes consideram-se mutuamente parte do "outro grupo", isto é, não se consideram membros do mesmo grupo. Criticam-se mutuamente e dificilmente se aceitam. Supondo que um país qualquer declarasse guerra ao Brasil, os católicos e os protestantes se tornariam membros do mesmo grupo — o grupo brasileiro. Teriam, então, um inimigo e um alvo comuns — a defesa de sua pátria. E se tornariam, com isso, membros de um "meu grupo".

O racismo, um forte sentimento de "meu grupo" baseado na raça, manifesta-se em muitos povos, não somente entre brancos e pretos, mas também entre tribos, famílias e comunidades. Os japoneses antigamente pensavam que eram divinos; os gregos, que eram superiores aos demais povos intelectualmente; e os norte-americanos pensam que são mais desenvolvidos nas ciências (mas os alemães não concordam, nem os ingleses, muito menos os chineses e os russos!). A base do nazismo e, por conseguinte, da Segunda Guerra Mundial foi um racismo que se chamava "arianismo" — a idéia de que a raça alemã era pura e perfeita, e que as outras raças deviam ser dominadas ou até exterminadas por ela.

O Mito da Superioridade Racial

No início do século XIX, o colonialismo, o imperialismo e a escravidão precisavam urgentemente de uma justificação moral e social. Algumas pessoas tentaram usar Gênesis 9.25 para provar que, como Canaã era filho de Cão, o qual foi amaldiçoado pelo seu pai, dele descenderam os negros (acontece que os cananitas é que são os descendentes e não são negros!). Mas essa não era uma explicação suficientemente científica, "necessária" para o século XIX. Então, para colocar panos quentes no assunto, surgiu uma teoria biológica segundo a qual os mulatos e os negros eram menos desenvolvidos na escala evolucionária e, conseqüentemente, menos capacitados e menos "homens"! Essa teoria foi grandemente aceita, e a Europa forneceu a sua própria base "científica" para provar a sua superioridade, edificando-a sobre os seguintes fundamentos: a descoberta da pólvora (que na verdade foi inventada pelos chineses); a invenção da navegação (não inventada pelos europeus) e o desejo de riquezas (que é um desejo universal, inerente a todo homem).

Felizmente, hoje, as teorias da superioridade racial foram abolidas entre os cientistas (depois de muito estudo e muitas pesquisas), mas, infelizmente, entre a maioria das pessoas existem ainda alguns traços daquela idéia do século XIX. E isso não exclui o Brasil, que, apesar de em sua Constituição condenar veementemente o racismo, tem essa idéia permeada na mente de muitas pessoas. Esta influência não vem só de fora; o próprio Brasil teve o seu período de escravatura, que muito contribuiu para a infiltração desta forma de racismo. É verdade que já está bem mais apagado agora, mas, para que seja totalmente erradicado, talvez demore um pouco mais ainda.

O Que É Raça?

A raça humana pode ser dividida em três grupos étnicos principais: (1) negróide; (2) mongolóide; e (3) caucasóide. Para uma explicação detalhada sobre esta classificação, leia o livro de Ashley Montagu, *Introdução à Antropologia*, capítulo 7, Editora Cultrix, São Paulo, 1972.

As Conseqüências do Racismo

O racismo tem sempre prejudicado o relacionamento das raças, consistindo num problema sério no século presente, o que afetou também o trabalho missionário. Poderíamos citar muitos exemplos de dificuldades enfrentadas nesta área, tais como na África do Sul, onde era proibida a mistura das raças. Mas cremos não ser preciso, pois já deixamos claro o perigo de se considerar alguém inferior a mim por causa da cor da sua pele. Deixamos aqui quatro orientações que podemos seguir, a fim de evitar muitos problemas em relação ao orgulho nacional e à interação com pessoas de outro povo.

1. Adaptar-se aos costumes locais em relação às boas maneiras. Seguir as boas maneiras do povo. Se no Brasil as mulheres não devem colocar suas bolsas no chão (o que nos Estados Unidos podem fazer), então que as missionárias norte-americanas não o façam. Se nos Estados Unidos todos esperam para comer até que a dona da casa se assente à mesa também, então observe bem e trate de esperá-la. Mostre respeito para com os costumes locais.
2. Demonstrar genuíno interesse pelas idéias dos outros. Sem dar a impressão de que estamos de acordo, podemos manifestar sincero desejo de entender as crenças das outras pessoas. Isso se chama amor.
3. Procurar meios para curar sentimentos feridos. Entende-se que muitas vezes já há sentimentos feridos no íntimo das pessoas, por causa de experiências de discriminação no passado. Cuidar para não piorar esta situação e procurar sanar o problema que talvez já exista.
4. Procurar descobrir um ponto de concordância, em vez de, logo no princípio, descobrir e apontar defeitos. Fazer o possível para ser entendido, o que implica em não servir de escândalo para os que estão nos observando.

Assim as atitudes de racismo e superioridade podem ser superadas. O amor de Deus é para o mundo inteiro, para todos os seres humanos. Ele não encara um povo como melhor ou mais amado que outro povo. Nossa tarefa nesta terra é manifestar o amor dele para com as nações.

4

Agricultura e Economia

Muitas vezes, quando pensamos sobre os índios do Amazonas ou da África, temos um retrato mental de um povo preguiçoso, sem criatividade para viver uma vida melhor e sem condições suficientes de sustento, a não ser um pouco de caça, pesca e coleta de frutas silvestres. Mas podemos estar muito enganados, longe da realidade dos povos chamados "primitivos".

Esses povos, que geralmente são desprezados pela nossa civilização "tão adiantada", fizeram coisas realmente extraordinárias. Exemplificando: os incas, do Peru, inventaram um sistema de irrigação que ultrapassa o nosso conhecimento e capacidade inventiva. As casas, na África Central, feitas de barro e sem janelas, parecem insuportáveis por causa do clima, mas não há tipo de construção mais fresca. (Como não sabemos fazer uma casa assim, inventamos o ar condicionado, que não deixa de ser artificial e impossível de ser adquirido pela maioria das pessoas.) Onde estão as vantagens da nossa tecnologia? Aquelas casas ainda têm a conveniência de serem escuras, o que elimina as moscas, para o conforto de todos. Já os esquimós têm uma maneira muito natural e inteligente de esquentar as suas casas, que são feitas de gelo, com

uma entrada que tem uma parte mais baixa. Nessa entrada, o ar fica estagnado. Assim é mais fácil o ar quente permanecer dentro da casa, e o gasto de combustível é menor.

É muito interessante observar os dinkas, que dormem em cinzas de esterco. Eles não fazem isso porque preferem ter uma aparência diferente (o que acontece — aos nossos olhos!), mas, sim, porque a cinza usada é um tipo de anti-séptico. Os dinkas têm poucos problemas com infecções e doenças da pele. Já os motilones possuem uma arte muito refinada e fazem armas excelentes. Outros possuem muita capacidade para construção, ou lapidação, ou cerâmica, a qual nunca poderemos entender e muito menos imitar.

Esta mesma história se repete em questões científicas. O conceito de "zero", por exemplo, foi descoberto pelos hindus e também pelos maias. Estes mesmos maias podiam prever eclipses e tinham um excelente calendário. Já o remédio usado no combate à malária nos foi outorgado pelos índios da América Latina. O melhor tratamento das infecções do seio durante a fase da amamentação são os raios do sol. Muitos povos já resolveram tais infecções, porque as mulheres nem usam blusas.

Foram os "agricultores primitivos" das Américas e de outros lugares que nos legaram produtos tais como o milho, a batata, o tomate, o chocolate, o café (este é o mais importante, não é mesmo?), o trigo, o arroz, a banana, etc. Eles também domesticaram animais para o nosso uso.

Barcos de madeira resistentes até em alto mar, pirâmides, ferramentas, armas afiadas e perfeitas são a herança que recebemos do passado, de povos "menos desenvolvidos".

Os tipos de comida também fazem parte da nossa herança. Um povo gosta de formigas, outro de caracóis, outros de ovos de peixe, outro de ovos de onze dias de incubação (isto é, ovo choco), outros gostam de beber leite de vaca com um pouco de sangue e umas gotas de urina do animal, etc. As variedades são inesgotáveis. A cozinha brasileira é uma das mais variadas do mundo, tendo recebido influências dos indígenas, dos africanos, dos portugueses, dos espanhóis, dos italianos, etc. O próprio clima influencia nossa variedade alimentar. Mas tanto gostamos do que comemos, que muitas vezes criticamos outros povos por causa da sua comida. Certa vez, aconteceu um fato interessante entre duas norte-americanas e uma inglesa. A última estava muitíssimo preocupada porque uma das suas companheiras norte-americanas estava comendo ovos e

torrada com geléia. Espantada, procurou uma explicação e foi então que ficou sabendo que aquela norte-americana não estava louca nem doente, mas que era um costume e gosto comum nos Estados Unidos. Os brasileiros sempre criticam quem come doce misturado com salgado, mas se esquecem que uma das suas sobremesas prediletas é goiabada com queijo! Também não rejeitam uma banana frita com arroz e feijão!

É impossível descrever todas as variedades de comida, objetos materiais e costumes, as quais diferem de acordo com o número de influências externas e as muitas divisões da cultura. Poderíamos escrever muitos livros sobre as muitas maneiras de comer, de construir uma casa, de se vestir, as leis que determinam o comportamento, a agricultura, a religião, a arte, etc. Mas estamos mais interessados, por enquanto, na importância que se dá aos bens materiais e como tais bens afetam outras áreas da vida — a vida social, religiosa, estética, etc. e como estas, por sua vez, afetam a cultura material.

Desde o surgimento da teoria do "determinismo econômico" (de que o dinheiro é a base e a força, motivação de toda ação humana), grande importância tem sido dada ao estudo dos efeitos da economia sobre a cultura. Sem dúvida, no decurso da história, sempre houve muita influência de fatores econômicos sobre o comportamento humano, que se tornou notável desde que se começou a escrever sobre isso. As famosas Cruzadas, a própria Inquisição e mesmo a guerra civil dos Estados Unidos, em parte, foram motivadas pelo desejo de riqueza e progresso material. Logicamente, com esta afirmação não estamos excluindo os outros fatores que, por sua vez, foram preponderantes para esses acontecimentos. Nas Cruzadas, por exemplo, muitos criam que estavam tão-somente servindo a Deus, o mesmo se aplicava à Inquisição. Na guerra civil americana, muitos estavam preocupados com os horrores da escravidão e queriam colocar um fim a esta prática.

Na verdade, muitos povos têm costumes que não trazem nenhuma vantagem, economicamente falando. Por exemplo, entre os índios astecas, do México, quando se vai construir uma casa, convidam-se todos os vizinhos para ajudar. O dono da casa que está sendo construída providencia comida e cerveja para todos que vierem trabalhar. Logicamente, seria muito mais econômico o próprio dono construir a casa ou pagar somente alguns homens

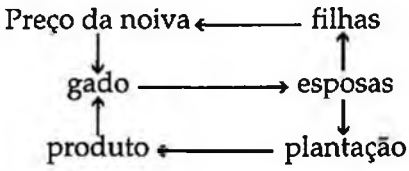
para fazerem o serviço. Mas isso não é, de maneira nenhuma, aceitável naquela sociedade, pois esse é um momento adequado para a amizade e a confraternização. A perda do dinheiro é de menos importância.

Com relação à troca de bens materiais e dinheiro, há muitas maneiras para fazer comércio. A maneira mais simples se encontra nas pequenas aldeias tribais, onde o caçador distribui para todos o que caçou, ficando com uma quantidade suficiente para ele e a família, geralmente a melhor parte do animal. Realmente, o comunismo não funciona verdadeiramente em nenhuma parte do mundo!

Outro exemplo de comércio é o que acontece com alguns povos do Pacífico Sul. Eles usam um sistema de "presentes". Uma aldeia dá um "presente" para outra aldeia — no caso, peixe. Por seu turno, a outra aldeia fica na obrigação de retribuir o presente, dando, no caso, mandioca. Esses "presentes" são deixados em lugares escondidos, e não há contatos pessoais entre os "doadores". Mas, se o "presente" não é retribuído, as conseqüências podem ser graves.

Não é a moeda em si ou o papel-moeda que determinam a existência do comércio. Na ausência destes, usam-se feijão, jóias, cerâmica, etc., dependendo do costume local.

Observamos que até as culturas mais simples possuem um sistema econômico, e esses sistemas nem sempre são tão simples como os acima citados. Veja este diagrama que mostra o sistema dos shiluks:



Aqui temos dois ciclos dependentes. Se alguém tem muito gado, pode comprar muitas esposas. Tendo muitas esposas, pode ter mais plantações, porque são as mulheres que trabalham na roça. Com mais plantações, maior colheita e maior renda, e então mais gado. Com mais gado, mais esposas; com mais esposas, mais filhas; com mais filhas, mais dotes recebidos, pois os seus noivos teriam de

pagar o preço estipulado pelo pai delas. Com mais dotes, mais gado, e assim continua o ciclo.

Quanto à influência econômica na vida dos países capitalistas, não é necessária nenhuma explicação, a não ser esta: não são somente os capitalistas que têm, como motivação de suas vidas, o sucesso financeiro. Nas diferentes sociedades, desde as mais complexas até as mais simples, a economia é uma grande (ainda que não a única) influência na cultura e na vida diária.

Os conceitos de propriedade são variados também. No norte do Zaire, quando uma pessoa compra um terreno, os montículos de cupim nela existentes não pertencem ao novo dono, mas ao agora antigo proprietário, pois esses cupins são herança de família, os quais passam de geração a geração. Por isso, depois das chuvas, as famílias saem até esses montículos (às vezes a quilômetros de distância), a fim de catarem os cupins para os comerem.

Nas Filipinas, as pessoas podem construir suas moradias em qualquer terreno que não tenha cerca, não importa quem sejam os donos. Quando, então, o dono do terreno quer construir sua casa naquele terreno, ele tem de reembolsar aquele que está utilizando o seu próprio terreno. Mas não temos nós, aqui no Brasil, os posseiros? Eles tomam posse de terras de outros e após muitos anos, se o dono legítimo não procurou aquela terra, eles perdem o direito de posse para o "grileiro".

Já para os maias de Yucatã, as terras de plantação que estão ao redor de suas aldeias pertencem a todos. Por isso, qualquer homem usa um quinhão da terra durante três anos e depois deixa o mato crescer novamente (para fortalecer a terra). Após esse descanso, a terra pode ser utilizada por qualquer pessoa.

A Cultura Material em Relação à Cultura Social

O dinheiro e a riqueza são desejados pelo homem, não só porque possuem valor em si, mas também porque proporcionam um *status* diferente diante de uma sociedade. Um homem rico é um homem importante, respeitado. A riqueza proporciona segurança, poder e prestígio (a não ser que tenha sido adquirida por roubo).

A tendência natural do homem de querer possuir tal *status* produz uma influência inevitável da cultura material sobre a cultura social. Por isso, entre os índios atapascam, do norte do Canadá,

antigamente, quando o clima era muito frio e a vida, conseqüentemente, muito difícil, uma mulher tinha dois ou três maridos. A escassez de alimentos e a difícil economia não proporcionavam condições para um homem sustentar uma esposa e a respectiva prole. Mas aconteceu um fato que mudou radicalmente este sistema. Os homens daquela tribo adquiriram espingardas, e se tornou bem mais fácil conseguir caça. Então podiam matar animais maiores, e houve abundância de alimentos. A partir de então, os homens podiam sustentar suas respectivas famílias e eles é que passaram a ter duas ou três esposas. A espingarda, que é um bem material, mudou a cultura social.

Também, na África do Sul, houve uma sensível mudança no sistema familiar, ocasionada pelo surgimento das minas de ouro e diamante. Essas minas estão localizadas nos grandes centros urbanos, longe das residências dos seus trabalhadores. Por isso, os homens ficam longo tempo separados das suas famílias, pois o governo não permite que elas se locomovam para perto das minas. Isso provocou graves problemas à vida familiar dos mineiros africanos. O conseqüente sofrimento e frustração são um alto preço pago pelo "progresso" do país.

A vida familiar brasileira não está imune a esta influência material. Temos observado um êxodo constante de famílias nordestinas para os grandes centros, especialmente São Paulo, em busca de melhores condições de vida. Essa migração tornou famosos os "paus de arara", com muitas famílias saindo do Norte em caminhões velhos, sem o menor conforto. Como conseqüência dessas migrações, os grandes centros têm recebido milhares de pessoas. Muitos estão trabalhando, mas muitos outros têm ficado desorientados diante de um modo tão diferente de vida e não conseguem emprego. Deve-se considerar o fato de que muitos não têm profissão nem estudo, o que agrava a situação e tem causado um aumento considerável da marginalidade e da corrupção.

A Cultura Material em Relação à Cultura Religiosa

A influência do material é forte, até mesmo na vida religiosa. Isso nos traz mais uma vez à revelação da verdadeira essência da natureza humana. Observando algumas tribos de índios, vemos que eles têm toda uma hierarquia de deuses que dirigem o seu cotidiano.

Agem, por um lado, com o medo de ofendê-los e, por outro lado, com o desejo de agradá-los para que possam viver bem. Eles querem êxito na caça, boas plantações, uma farta pescaria, etc. Então fazem sacrifícios aos deuses para que estes mandem chuva ou sol, etc., e assim a terra possa produzir, a caça não fugir, e por fim haja alimento. Talvez eles realmente nem percebam o ciclo vicioso de todo esse complexo, mas ali estão a economia e a sua influência. Quem tiver mais plantação tem mais *status*. Quem tiver mais caça pode ter mais esposas. Quem tiver melhor pesca tem mais fama. Vemos que o dinheiro é um meio pelo qual o egoísmo humano alcança os seus objetivos, e a religião também é utilizada para o mesmo.

No Brasil, muitos vão aos centros espíritas com o propósito de conseguir êxito nos negócios e até ganhar na loteria ou num jogo de futebol. A razão dessa procura religiosa é meramente econômica.

Por outro lado, observamos que as pessoas que possuem poucos recursos econômicos, ou que já tiveram muito e tudo perderam, são mais abertas para uma experiência genuinamente religiosa. Os nordestinos, acima citados, aceitam mais facilmente o evangelho, pois sentem a necessidade de ajuda, por estar deslocados da sua sociedade conhecida e mais estável. Os refugiados de Angola e Moçambique que estão em Portugal, após terem deixado tudo o que tinham, vivendo agora em favelas mais parecidas com campos de concentração, estão agora muito mais abertos para aceitarem uma experiência real com Jesus Cristo.

A Cultura Material em Relação à Cultura Estética

A cultura estética também pode ser influenciada pela economia. A arte dos povos depende dos materiais que eles possuem. Os índios do Oeste dos Estados Unidos fazem lindas jóias com prata e turquesa, que se acham com abundância naquela região. Já os esquimós usam o marfim da morsa para decorações e enfeites. Também muitos brasileiros utilizam as ricas madeiras do Sul do país para expressar seus talentos artísticos.

Se formos considerar as indumentárias, observaremos que a roupa não é somente utilizada para cobrir e proteger o corpo, mas também é uma expressão artística, tem um valor estético. Os povos que usam pouca roupa, ou até mesmo nenhuma, não sentem vergonha de viverem assim e não compreendem por que outros

povos precisam usar tanta roupa. Os estudos antropológicos sobre os costumes e os valores estéticos e morais dos tipos de roupas têm concluído que o uso de pouca roupa por parte de certos povos pouco tem que ver com a moralidade em si daquelas sociedades. O que afeta a moralidade de uma sociedade é o desobedecer às leis que determinam quais as roupas que podem e devem ser usadas dentro daquela sociedade. Isso significa que a moralidade de um povo não pode ser medida segundo as leis da nossa sociedade, mas, sim, pelas leis particulares de cada sociedade em si. Exemplificando: certa tribo indígena brasileira determina que as mulheres devem usar como roupa um cordão em volta da cintura com outro amarrado na direção oposta. Como brasileiros que somos, achamos que isso é muito pouco para cobrir a nudez de uma mulher. Mas, dentro daquela sociedade, isso é o suficiente. E não é imoral. Os homens não se sentem perturbados por causa daquele cordão apenas. Mas, se uma daquelas mulheres sair para o trabalho sem o cordão, ela estará cometendo um ato grandemente imoral. É verdade que as pessoas que não obedecem às leis da sua própria sociedade, em relação à roupa, têm mais tendência para a imoralidade do que outras que obedecem. A modéstia é relativa de povo para povo, mas em cada povo específico ela é quase que fixa, admitindo-se pouca margem de relatividade. Logicamente isso é condicionado pela complexidade das culturas. Nas culturas mais complexas, pode haver mais flexibilidade no uso da roupa dentro dos padrões considerados modestos e estéticos.

A Cultura Material e a Missão Cristã

Nós sabemos que Deus está interessado no indivíduo inteiro, tanto na sua parte espiritual como na física. No entanto, acontece que, não poucas vezes, temos separado estas duas partes essenciais do ser humano, pensando que Deus só está interessado na parte espiritual. Essa não é a mensagem que a Bíblia nos transmite. Muito pelo contrário; desde o Gênesis até ao Apocalipse, vemos a importância que é dada ao homem total. Por isso, é dever das missões transmitirem essa mesma mensagem, de um modo que penetre na vida toda do homem e da sociedade.

A segunda razão por que deve ser assim, é o fato comprovado de que a cultura de um homem convertido vai mudando e melho-

rando dentro do seu pensamento e da sua sociedade. A expressão do cristianismo pode se achar em melhoramentos na área da saúde, agricultura, economia, moralidade, etc... O dever do missionário é levar o homem à expressão mais perfeita possível de sua fé em Cristo Jesus, numa nova vida nEle. Os costumes da cultura do missionário são irrelevantes e sem sentido para um homem de outra cultura, mas o missionário, mesmo assim, deve ajudar o novo homem em Cristo a avaliar sua vida e buscar uma expressão certa do cristianismo. O Espírito Santo e um estudo profundo da Palavra de Deus mostrarão o que os novos cristãos devem rejeitar e o que devem reter e melhorar para a glória de Deus, na sua própria cultura.

O poder salvador do evangelho manifesta-se pelas boas obras e não pelos costumes, especialmente numa experiência transcultural. Acima de tudo, está o amor, que deverá ser expresso de maneira prática e convincente, o único meio de atrair homens para Cristo.

Pense nisso: se você diz para alguém que Jesus salva, o seu interlocutor quererá saber como e quererá provas disso na sua própria vida.

Observe o gráfico da página seguinte, que mostra o poder do evangelho na vida de um povo indígena do Brasil:

	Antes da Bíblia	Depois da Bíblia
Condição Social	Dispersos Antipáticos para com as pessoas de fora Sem liderança Contínuas rixas entre si Sem respeito ao governo	Unidos Simpáticos para com as pessoas de fora Com liderança Ausência de rixas Desejosos de ser uma parte do Brasil
Condição Física	Saúde ruim Muitas mortes Sem assistência médica Muita bebedeira Roças pequenas Poucas frutas Sem poços	Saúde melhor Menos mortes Assistência médica Ausência de bebedeiras Roças grandes Muitas frutas Sete poços
Condição Espiritual	Medo dos demônios Medo de feitiçaria Sem motivação para a vida Escravidão aos ritos e sacrifícios exigidos pelos feiticeiros	Sem medo dos demônios Ausência de feitiçaria e espiritismo Satisfação, gozo e paz Liberdade da escravidão
Nível Educacional	Dois homens podiam falar e ler português Falta de interesse pela educação	Quarenta e oito adultos podem ler palikur e português Grande interesse pela educação
Contribuição Econômica	Vendiam pouca farinha e peixe	Vendem muita farinha e peixe Vendem laranjas Pretendem vender muitos outros produtos

Essas são as situações antèrior e posterior à chegada da Bíblia à tribo palikur, do Brasil. Isso começou a acontecer de 1967 para cá, com a chegada de missionários do Instituto Lingüístico de Verão. *(O Elo de Oração,* n.º 2, 1978.)

5

As Relações Sociais

Neste capítulo, estudaremos as relações dos homens entre si, isto é, a sua vida social. As pessoas vivem juntas, em grupos, não somente por causa das necessidades físicas da vida ou por causa da nutrição dos membros menores. Essa associação de "uns com os outros" é realizada, primeiramente, para satisfazer uma necessidade básica de cada indivíduo: sentir-se membro de um grupo e ter reconhecimento social. Essas necessidades são egocêntricas, mas dependem da sociedade para serem satisfeitas. Por causa dessa dependência, o homem enfrenta frustrações na vida social. A associação do homem com outros homens é uma relação emotiva de competição, sucesso, insucesso, rejeição, aceitação. O fato de o homem precisar achar seu lugar na estrutura social é uma das atividades mais urgentes e frustrantes que ele experimenta.

No estudo das relações sociais humanas, enfrentamos muita diversidade e complexidades. Talvez possamos entender o desejo de um povo, como o do ifugao, que sempre vinga o homicídio ou as rixas de família que passam de geração para geração. Mas é muito difícil para nós entendermos certa atitude dos esquimós, que aceitam, em lugar do membro morto, o seu assassino como membro

substituto da família, para recompensar a perda. Assim, no mundo inteiro, podemos descobrir surpresas em relação aos agrupamentos humanos.

Da Família para Toda a Humanidade

A primeira associação do homem é com a menor unidade funcional da sociedade, a família biológica, e daí com grupos cada vez maiores, até incluir no seu relacionamento toda a humanidade. A verdade é que quase todos os homens são interdependentes (com exceção de umas tribos muito isoladas do Amazonas e da Nova Guiné). Através dos modernos meios de comunicação e das grandes facilidades de locomoção, o nosso mundo tem se tornado cada vez mais uma comunidade bem ligada, em todas as partes e de muitas maneiras.

As motivações para as relações sociais do homem são muitas. Podemos ter grupos baseados nos seguintes aspectos:

1. Família biológica
2. Sexo
3. Idade
4. Profissão
5. Religião
6. Geografia
7. Língua
8. Educação
9. Classe social
10. Clubes de recreação
11. Nível socioeconômico
12. Política

Podemos, ainda, acrescentar muitas outras motivações que mostram quão variadas maneiras há de ligações de uns para com os outros. Temos alguns exemplos interessantes que nos mostram essas ligações. Um deles é a de dois soldados na Segunda Guerra Mundial, sendo um norte-americano e outro alemão. Eles eram inimigos, e, logicamente, o objetivo de cada um era matar o outro. Um dia, o soldado alemão viu de longe o soldado norte-americano orando de joelhos. Ele também era crente. Então, ele fez um sinal

para o norte-americano, cruzando os braços em forma de cruz. Os dois atravessaram a divisa e se abraçaram e choraram. Eles eram inimigos politicamente, mas membros de um mesmo grupo religioso, que era muito mais forte do que a política.

No entanto, não estamos apenas interessados em saber quais os possíveis grupos de relacionamento o homem pode ter, mas principalmente *como* o homem chegou a se associar com tais possíveis grupos e quais as funções dessas associações na sociedade.

Em muitas culturas, o papel que alguém exerce na sociedade é determinando pelo seu nascimento. Nestes casos, é praticamente impossível que alguém possa fugir da rotina imposta pela vida da sua família. O primogênito da família real inglesa, quase sem exceção, será o próximo rei, ocupando o trono da Inglaterra. Isso o condiciona a um casamento com alguém que pertence à alta sociedade real inglesa. Se ele recusar esta condição e optar por uma "plebéia", este ato será tido como um grande escândalo para a família e o país.

Em certas culturas, o *status* adquirido devido a certas associações pode ser comprado. Por exemplo, para ser membro do melhor clube esportivo, é preciso pagar as mensalidades exigidas (que por sinal são bem elevadas).

O fator educação geralmente tem uma função significativa na sociedade, pois só os "mais importantes" é que podem usufruir dos benefícios educativos. Exemplo clássico é Moçambique, onde 95% da população não sabem ler nem escrever. Somente os portugueses que para lá foram como colonizadores é que tiveram o privilégio de estudar e, conseqüentemente, de governar o país.

Já em muitas tribos indígenas, para ser membro de algumas altas sociedades, é preciso enfrentar grandes perigos de vida ou morte e passar por muitas dores, sem mostrar fraqueza. Exemplo desses perigos é ter de sair pelas selvas e trazer a pele de uma onça ou a cabeça de um guerreiro de outra tribo! Numa tribo das ilhas Trobiandesas, para ser um membro da elite, precisa-se ter sucesso na plantação de batata doce. Em outras sociedades, a qualificação exigida é religiosa. Por isso, os pajés são vistos com muito respeito; e geralmente os caciques, para aumentar seu prestígio, também se tornam pajés. Nos Estados Unidos, e este exemplo bem serve para o Brasil, para ser aceito como pentecostal, é preciso falar em línguas estranhas. São tipos de pré-requisitos necessários para alguém se identificar e se associar a um determinado grupo.

Mas há muitas outras maneiras de se associar uns com os outros e formar grupos sociais de interesse comum. Às vezes, numa mesma cultura, há diferentes modalidades de provas para a entrada e aceitação num mesmo grupo social, e estas podem ser: individuais, coletivas ou competitivas. Nas estruturas sociais de alto grau de diversificação, pode haver uma complexidade de fatores cujo funcionamento é quase impossível de se entender.

A Família: Pequena ou Grande, Nuclear ou Extensa

Nós, brasileiros, pensamos na família em termos de pai, mãe, irmãos e irmãs. Geralmente incluímos os avós, tios e primos. Também consideramos os genros e cunhados como parte integrante da nossa família, mas com uma ligação mais distante. No entanto, em outras partes do mundo, a "família" é uma estrutura muito grande, que pode incluir até todos os antecessores dos avós, além de cunhados e genros. Já em outros lugares, são considerados como membros da família todas as mulheres da geração da mãe, que também são chamadas de "mãe". Para tal pessoa, todas as moças da sua geração são suas irmãs, e ela as chama de "irmãs" — sejam elas, na verdade, primas, sejam primas em segundo grau, etc. A própria mãe de nascimento ou sua própria irmã, gerada pelos mesmos pais, não são mais queridas do que as demais da mesma descendência geral.

Os clãs, e o próprio nome já o indica, são um aglomerado de famílias, que são ou presumem ser descendentes de ancestrais comuns. Pensam alguns que esses ancestrais tiveram sua origem no sol, ou na lua, ou nas estrelas, ou eram animais, ou insetos, etc. Seja qual for a origem, o ancestral comum a todos é tido como o totem do clã. Essa crença é muito comum em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil. Se o totem é um animal ou um inseto, ninguém do clã pode matar um exemplar deste animal ou inseto: seria canibalismo! Eles louvam e respeitam seu totem e dele esperam favores. Entre os shiluks, há um clã que tem o escorpião como o seu totem. Eles podem segurar um escorpião na mão sem sofrerem dano algum (pelo menos é o que dizem). Mas, se qualquer outro shiluk tentar a mesma façanha, será picado. Os membros do clã descendentes do crocodilo dizem que nunca foram comidos pelos

crocodilos. Alguns até dizem que alguém do clã já foi pego por um crocodilo e nada sofreu — saiu ileso! No entanto, os antropólogos observaram que poucos deles se colocam à disposição dos crocodilos!

A linhagem familiar pode ser matrilinear (descendência pela mãe) ou patrilinear (descendência pelo pai). Mas, numa mesma tribo, pode haver as duas linhagens ao mesmo tempo, como é o caso em certas partes da Melanésia. Alguém pode herdar a terra pela descendência matrilinear e as árvores frutíferas pela descendência patrilinear.

Para nós, o mais comum é a linhagem patrilinear. Recebemos o sobrenome do pai. Entretanto, economicamente, temos as duas linhagens. Podemos herdar coisas ou dinheiro do pai ou da mãe. Já em outros lugares, é o irmão da mãe que tem a maior responsabilidade sobre os filhos dela. É ele quem dá a propriedade residencial, o lugar na sociedade, a esposa, a educação, etc. Outro exemplo é o que já foi mencionado sobre certas tribos indígenas, onde são as mulheres as donas de tudo!

Cada um desses diferentes tipos de estrutura de relacionamento serve para dar estabilidade à família. O nível de clã funciona para os seus membros se sentirem seguros e aceitos, até no caso de perderem os pais, ou por morte ou por separação. Cada sistema visa a proteção, manutenção e, muitas vezes, disciplina.

O Sexo Antes do Casamento

Há grandes diferenças entre as culturas quanto ao modo de pensar e agir a respeito do uso do sexo antes do casamento. Em muitos lugares, o uso é permitido e até incentivado. Uma tribo do Zaire, os ngombes, têm o costume de trocar as mulheres até descobrirem a certa, para então se casarem com ela. Isso é um fato tão comum para eles, que, quando alguns deles se converteram, demoraram a entender que a Bíblia proíbe tais práticas.

Entre os xavantes, do Mato Grosso, quando um rapaz já é considerado homem, apto para a vida sexual, ele começa o seu aprendizado sexual geralmente com uma cunhada e com ela tem uma vida sexual geralmente ativa, até o seu próprio casamento.

Já entre outros povos, é expressamente proibido ter relações sexuais antes do casamento, e a família e os costumes regulam

estreitamente a amizade entre moças e rapazes.

Em nossa cultura, é contra o ideal haver "licenciosidade sexual". Mas o *real* é que o Brasil é um lugar onde há muita prostituição. Além disso, a liberdade sexual, entre os jovens, está crescendo espantosamente nestes últimos dias. A verdade é que o ideal, na maioria das vezes, não corresponde ao real.

Quem Pode Se Casar e Com Quem?

Desde os primórdios da história bíblica, podemos observar costumes diferentes com referência ao casamento. A escolha ou a compra — o processo para obter uma esposa — é um estudo complexo, mas interessante.

Geralmente, os casamentos nas "culturas pré-letradas" se constituem num verdadeiro *negócio*, que pode envolver até o grupo inteiro, e também podem estar cercados de interesses políticos e outros de ordem econômica. Os noivos praticamente não têm escolha nenhuma, a não ser aceitar o que os parentes mais velhos ou os pais já escolheram. Fugir dessa regra é praticamente impossível.

Às vezes, a escolha de um cônjuge é muito limitada, mas este fator é condicionado pelo número de membros de uma sociedade, pela complexidade da cultura em si e até por fatores bem diferentes destes, como, por exemplo, em relação aos príncipes da Inglaterra. Eles, via de regra, só podem se casar com membros da alta sociedade real inglesa ou de outro país. Nas sociedades indígenas brasileiras, a escolha ou está limitada aos membros de um mesmo clã ou, ao contrário, a parentes distantes ou não-parentes. Tudo depende de o clã ser considerado um grupo de parentes consangüíneos ou não.

Um exemplo curioso é o casamento de "primos cruzados". Um moço só pode se casar com a filha do irmão da sua mãe ou da irmã do seu pai. Entre povos onde a noiva é comprada, isso se torna uma prática bem aceita. Mas, por outro lado, pode ser um fator de restrição na escolha de uma esposa, do nosso ponto de vista. Mas, ao contrário do que pensamos, para tais povos isso não impede nada, já que o casamento não é baseado no conceito amoroso e romântico, como para nós.

No Antigo Testamento, era lei o cunhado de uma viúva tomá-la como esposa, a fim de prover descendência para o seu irmão

falecido. Isso se chama levirato, que era necessário para proteger a herança dada por Deus àquelas famílias e também para a manutenção da viúva e sua família. Rute e Boaz são um bom exemplo do levirato (com uma nova extensão do costume). Veja Rt 3.10-13; 4.4-5; Dt 25.5-12; Gn 38 (o caso de Onã).

Venha a Noiva!

Na maior parte das sociedades indígenas, o casamento é um processo complicado e difícil (em contraste, o outro extremo seria a possibilidade, em certos estados dos Estados Unidos, de os dois decidirem, na hora, chegar a um juiz, assinar seus nomes e dez minutos depois saírem casados!). Geralmente, os noivos praticamente nada têm que ver com a escolha do parceiro (a não ser que dêem "um jeito") nem com o processo da escolha em si, mas sim as famílias envolvidas no caso, e até mesmo todo o grupo em que vivem. Com exceção de certos "jovens modernos", é costume dos indígenas das ilhas San Blas, sem aviso prévio, de repente pegarem um moço e uma moça e jogá-los numa grande rede. As pessoas ficam balançando a rede e abanando uma tocha de fogo debaixo da rede. Depois, eles são instruídos sobre as suas responsabilidades de casados, e, naquela mesma noite, o noivo pode dormir na casa da noiva. Mas durante a noite, por muitos dias, ele tem de voltar para sua própria casa até o dia em que a sua sogra vá buscá-lo. Então, ele passa a viver na casa da família da esposa.

Há três características gerais sobre o casamento nas sociedades pré-letradas: (1) o casamento é considerado ao nível da obrigação entre grupos (clãs, tribos, etc.); (2) há obrigação de pagamento do grupo do homem ao grupo da mulher, ou mesmo, troca de pagamentos, e (3) a mulher tem uma posição legal inferior em relação ao homem. (No segundo item há casos em que o único responsável pelo pagamento da esposa é somente o homem que a comprou, não envolvendo os demais membros do seu grupo.)

Entre cada povo, o homem não pode se casar até que ele prove o seu valor e capacidade. No Brasil, geralmente tem que ter um emprego, casa (nem que seja alugada), móveis, mas há muitas exceções. Jacó, para poder se casar com as filhas de Labão, precisou passar por uns bons anos de trabalho (Gn 29.15-30). Os arawaks, da Guiana Inglesa, exigem que o homem limpe uma porção de terra,

construa uma casa e demonstre sua capacidade de usar o arco e a flecha antes de se casar.

O preço que um homem paga pela noiva tem muita utilidade para o casamento. Se qualquer dia ela se desentender com ele ou ficar chateada a ponto de querer voltar para a casa da mãe, eles não vão aceitá-la de volta, pois receberam um bom preço por ela!

Companheiros Múltiplos

Um homem que tem mais de uma esposa (poliginia) não é raro em sociedades do nosso mundo, mas uma esposa com muitos maridos (poliandria) quase não existe. Temos, como exemplos do segundo caso, os esquimós, entre os quais existia muito infanticídio de meninas; alguns povos do Tibete, onde é difícil para as mulheres sobreviverem, e os todas, da Índia do Sul, que mataram muitas meninas. Entre os todas, a poliandria é de tipo especial: os irmãos de uma só família "compartilham" entre si uma esposa. Às vezes, muitos irmãos têm muitas esposas, compartilhando-as entre si. Em algumas aldeias dos leles, na África, há uma mulher para cada dez homens, e, por isso, ela é chamada "esposa da aldeia". Ela pode ter relações sexuais com qualquer homem (menos os homens do seu próprio clã), e os filhos tornam-se propriedade da aldeia toda. Ela não é considerada uma prostituta, mas sim uma senhora de posição.

Contudo, a poliginia não é uma coisa tão comum como podemos pensar. Não há tanto excesso de mulheres no mundo para isso. O rei da Suazilândia, com suas cem mulheres, é uma raridade!

Por outro lado, as razões para a existência da poliginia geralmente são mal-entendidas. Achamos que tal prática não passa de promiscuidade sexual em excesso entre os povos que a admitem. Mas as razões econômicas são muito relevantes nesses casos. As esposas trabalham na roça, "produzem" filhos que irão trabalhar na roça também, etc. Muitas vezes, as próprias esposas querem mais mulheres no lar, para poder dividir o trabalho.

Sexo e Procriação

Pelo que se conhece, há apenas dois crimes inaceitáveis para todas as sociedades do nosso mundo: o homicídio e o incesto. O

homicídio é definido como matar alguém do próprio grupo — ou alguém do "meu grupo" — , ou matar um inimigo — alguém do "outro grupo" — é geralmente considerado heroísmo se o motivo é "justo". A definição do que é incesto está condicionada ao conceito de parentesco. Às vezes, todo um clã é considerado como uma só família, e, por isso, não pode haver casamento entre os seus membros, pois um ato desses seria considerado incesto. Em outros casos, pode acontecer o contrário, e as ligações sexuais são permitidas só com membros do mesmo clã, e isso não é incesto. Por exemplo, os ifugaos nem sequer permitem que membros de uma mesma família conversem a respeito de sexo. O castigo para tal imprudência é morte imediata!

O Divórcio

As razões para o divórcio modificam-se de povo para povo. Para alguns, o adultério é a causa principal para pedir o divórcio. Para outros, é a esterilidade ou a doença e até o fato de marido e mulher já não se gostarem.

Quanto ao processo para conseguir o divórcio, pode ser complicado e longo, tendo a sua tramitação de passar pela mão de advogados e juízes. Mas pode ser bem simples e rápido, como acontece entre os maometanos, para os quais o marido só precisa dizer: "Eu te repudio!" e tudo está feito. Os judeus, na antigüidade, apenas concediam uma carta de divórcio para a esposa. Já as mulheres navajos, dos Estados Unidos, só precisam colocar as roupas do marido do lado de fora da casa.

A Vida Familiar

Conceituamos a família como uma comunidade onde todos os seus membros moram juntos. Mas esta não é a regra que todos conhecem. Em alguns lugares, há o "clube dos homens" e o "clube das mulheres", e os casados vivem em casas separadas. Em alguns países comunistas, os filhos têm de sair dos seus lares, ainda pequenos, para viver em internatos.

Quanto ao relacionamento com os filhos, há um povo na Birmânia que não aceita o nascimento de gêmeos. Quando isso

acontece, eles matam os nenês, expulsam os pais da aldeia e queimam-lhe casa e plantações. Depois de um ano, o casal pode voltar a morar na aldeia. Apesar das exceções, a maioria dos povos deseja e trata bem os seus filhos.

Os avós, os quais fazem parte da família, podem até ser venerados, como na China, ou respeitados, como aqui na América Latina. Mas, às vezes, os velhos são apenas tolerados, afastados ou até mesmo exterminados, como acontece entre os esquimós.

O Nome dos Filhos

A maneira de dar nomes aos filhos não somente revela como as práticas culturais são diversas, mas também revela muitas atitudes sociais fundamentais que precisamos conhecer para entender os diversos povos.

É estranho para nós que em algumas partes do mundo os filhos recebam nomes feios e vulgares. Mas o propósito de tal costume é espantar os espíritos maus para que não atormentem as crianças. Os monis, da Nova Guiné, usam nomes como "esterco de cachorro" ou "esterco de porco". Certa vez, um missionário cometeu um grave erro, chamando alguém de "esterco de cachorro", quando o nome certo era "esterco de porco". Aquilo era um insulto, porque naquela cultura o porco tem muito mais estimação do que um cachorro.

O povo mazateco, do México, não dá nomes feios para os seus filhos, mas sempre se refere a eles como crianças feias. Eles querem enganar os demônios (que chamam de "bons espíritos" — mas é um engano), pois estes não atormentam as crianças feias.

Em outros lugares, os nomes são secretos. Alguns crêem que, se os feiticeiros descobrirem os nomes verdadeiros das pessoas, podem então fazer mal a elas. Outros povos nem dão nomes para os filhos, mas os chamam de "Número 1", "Número 2", etc.

Educação — Formal e Informal

Nos lugares onde não há escolas para educar e instruir as crianças, descobrimos que há muitos outros métodos, até bem sofisticados, para cumprir esse propósito. Muitas vezes, o grupo inteiro assume a responsabilidade do preparo dos mais novos,

visando a torná-los membros úteis à sociedade. As tradições são ensinadas, e cada indivíduo aprende a agir no seu devido lugar.

Grande é à capacidade que todos os povos possuem de moldar os seus indivíduos segundo o seu modelo cultural. Com muito pouca regulamentação formal e, às vezes, até sem castigo corporal, as sociedades preparam as crianças para serem leais, responsáveis e morais, de acordo com o pensamento comum. O baixo índice de criminalidade nas culturas pré-letradas é devido à forte ênfase dada à tradição e à importância de cada indivíduo e sua função no grupo.

Puberdade

A época da puberdade, especialmente entre os povos indígenas, é de muita importância. É um tempo de importantes ritos de passagem, em que se dá a aceitação de novos "homens" e "mulheres" na sociedade, aptos para participarem dos negócios da tribo ou clã e aptos para o casamento. Às vezes, as provas físicas que precisam ser suportadas são cruéis e causam até a morte. Quem não é aprovado, para o resto da vida, enfrenta derrota e vergonha. No capítulo seguinte, trataremos deste assunto mais detalhadamente.

Quem Faz o Quê?

Há sempre divisão de trabalho entre os homens e as mulheres, mas como se dá essa divisão difere de povo para povo. Para nós, quem trabalha em casa, fazendo o serviço doméstico, é a mulher, e cabe ao homem o trabalho da roça ou qualquer outro, fora de casa. Mas, em muitos lugares da África, quem cozinha, limpa a casa e cuida das crianças é um empregado. É perfeitamente aceitável ter um homem como servente doméstico.

No México, entre os maias somente as mulheres podem tirar água do poço. Uma vez, um missionário quis dar uma lição a eles e tirou a água para sua esposa. Os anciãos da aldeia o exortaram a nunca mais fazer aquilo!

O Sexo Frágil

Apesar de todas as brincadeiras, um verdadeiro matriarcado (reinado de mulheres) nunca foi descoberto. Mas isso não anula a grande influência que o "sexo frágil" tem exercido em todos os lugares!

Para avaliarmos a posição das mulheres numa sociedade, é necessário analisar quatro fatores da questão: (1) tratamento; (2) direitos legais; (3) atividades públicas e (4) tipo e extensão de trabalho. As mulheres dos ifugaos, por exemplo, são legalmente iguais aos homens e, por isso, trabalham nas mesmas condições que eles trabalham. Na tradicional sociedade judaica, as mulheres são tidas em alto nível de consideração, mas não têm direitos legais ou privilégios religiosos ou jurídicos.

Para as mulheres interessadas na "Libertação Feminina", sugerimos que considerem mais detalhadamente a vida dos ifugaos. Entre eles, as mulheres podem exercer qualquer profissão que os homens têm, inclusive no âmbito religioso e político. Elas são respeitadas pelos guerreiros e não são maltratadas ou raptadas em tempos de guerra. Se um homem quer se divorciar, todas as suas propriedades ficam com a esposa, até que os filhos se casem. Então, eles podem herdar as propriedades (que não voltam para a posse do marido). Se o homem divorciado quiser se casar de novo, ele precisa pagar uma quantia à família da primeira esposa.

Morte, Herança e Vingança

A morte e o enterro, geralmente, estão bem ligados à religião, e por isso vamos estudar este assunto mais detalhadamente no próximo capítulo. Por outro lado, há o aspecto das relações sociais familiares que visam à herança e à vingança de morte, que estudaremos neste capítulo. Os maidus, dos Estados Unidos, destroem totalmente os bens do falecido, e não fica herança para ninguém. Os tarahumaras, do México, nada destroem e geralmente colocam o corpo do falecido num pequeno buraco, para que os cachorros selvagens o desenterrem e o comam. Os navajos abandonam a casa do falecido e nem sequer tocam mais nela. Por isso, eles têm um medo horrível dos hospitais, pois sabem que neles pessoas morrem.

Os ifugaos dividem a herança dos pais, em partes iguais, entre os três primeiros filhos, enquanto os maoris, da Nova Zelândia, dão toda a propriedade para o primogênito. Se o primogênito morrer, a herança passa para o próximo irmão (não para os filhos do primogênito).

Geralmente, pelo menos entre as tribos indígenas brasileiras, a herança não se constitui de bens materiais, pois as terras são de todos, e os bens pessoais do falecido são enterrados junto com ele. A importância da herança está, então, no nome e no *status* que o falecido deixa para os descendentes. O uso exclusivo de certo enfeite, o privilégio de participar de certas cerimônias e coisas semelhantes são a herança principal que é deixada.

O normal é que os bens sejam repartidos de igual forma entre todos os filhos. Mas o que deixa a herança tem o direito de fazer o que quiser com o seu testamento. Pode fazer herdar a quem quiser e da mesma forma deserdar a quem bem entender.

A vingança de morte, nas sociedades de elevado grau de civilização, geralmente é deixada com a justiça, isto é, com os órgãos competentes do governo para tais atos. Mas nem sempre isso acontece.

Em muitas tribos, a vingança é feita com base nas suas crenças animistas. Às vezes, "caçam a cabeça" de um assassino para satisfazer a cólera dos espíritos (e, logicamente, a deles também). Na Escócia, o povo era dividido em clãs, os quais tinham a responsabilidade de vingar entre eles qualquer homicídio. Por gerações e séculos, certos clãs foram inimigos entre si, matando uns aos outros em vingança por coisas de que já nem se lembravam!

Aqui no Brasil, ainda existem os capangas e os assassinos profissionais. Nos Estados Unidos, a Máfia exerce ainda uma grande influência e poder por meio das ameaças e assassinatos. Se um membro da Máfia trai outro membro, a sua morte é quase certa.

Suicídio

A maioria dos povos condena o suicídio, com exceção de alguns. São eles os esquimós, citados no início do livro, e os soldados japoneses, que se suicidam quando estão sendo derrotados numa batalha. Aliás, este ato é nobre e traz fama para eles. Na Europa Ocidental, os oficiais dos exércitos, às vezes, se suicidam para não

irem a julgamento por erros pessoais. Na Índia, antigamente e às vezes ainda hoje, quando vão cremar um morto na fogueira, a viúva pode se juntar a ele e ser queimada junto, como oferenda ao deus Xiva. Esse ato é realizado em praça pública, e, apesar dos esforços do governo, ainda não conseguiram eliminar totalmente essa horrível prática.

Apesar de as sociedades condenarem o suicídio, o número dos que recorrem a tais práticas está aumentando assustadoramente, até entre adolescentes.

Governos

Enquanto uma sociedade é pequena, o governo que a dirige pode ser simples e até informal. Às vezes, não há nem chefe, e todas as decisões são tomadas pelo grupo todo. É muito comum haver chefes ou líderes (um ou muitos) que assumem tais posições por eleição ou como resultado de demonstração de sua coragem e valor. As sociedades maiores têm seus governos baseados em dois princípios: (1) no sistema de parentesco ou (2) no sistema moderno do Estado. Com o sistema de parentesco, as funções do Estado, tais como a aplicação de impostos, taxas e medidas de justiça, são feitas pelos líderes dos clãs. Estes são também responsáveis pela conduta dos membros dos seus clãs e, em conseqüência, a lealdade dos membros é para com o seu próprio chefe e seu próprio clã. Se o clã cresce muito, ele pode ser dividido geograficamente e ter subchefes. Aqui está a origem dos estados dentro de uma nação, como no Brasil.

Há também outra maneira de classificar os governos. Eles podem ser episcopais, ou presbiterianos, ou congregacionais. Um governo episcopal é uma hierarquia que se perpetua. Exemplo disso é uma monarquia onde o filho do rei será rei.

O governo presbiteriano é o que dá toda autoridade para os líderes dos clãs ou grupos maiores, ainda que haja rei ou qualquer tipo de liderança e estilo.

O governo congregacional caracteriza-se pelo fato de que o poder permanece com o povo. É o sistema democrático.

Esses métodos de governo têm sido adotados pelas igrejas conforme a situação histórica de cada caso. Assim é que os episcopais adotaram o governo popular do dia — a monarquia. Os presbiterianos, originários da Escócia, seguiram o método de liderança

exercido pelos chefes dos clãs, e os congregacionais são os que queriam mais direitos para o povo, como no país da sua origem àquela época — os Estados Unidos durante os anos de Guerra Revolucionária.

Disciplina

Quando pensamos em leis, justiça e castigo numa sociedade, logo visualizamos o juiz, o guarda e a cadeia. Apesar disso, há relativamente uma pequena parte do mundo que disciplina o comportamento humano com esses métodos. Na maioria dos casos, o comportamento é controlado pelos hábitos e atitudes aceitos pela sociedade. Os métodos de disciplina mais eficazes são a crítica (no sentido de zombaria, escárnio) e o ostracismo social. Às vezes, pessoas que têm desafiado governos através de rebeliões têm sido obedientes à opinião pública. Os índios hopis usam o mexerico para o controle social dos seus membros. Algumas tribos indígenas, como as da Austrália, punem com pena de morte certos crimes graves — chegar atrasado a uma cerimônia religiosa, por exemplo! Na África, é comum o criminoso ser surrado, e é lei entre os muçulmanos que o braço direito dos ladrões seja cortado!

O Antigo Testamento dá muita ênfase às leis, e nós podemos descobrir nele certos hábitos disciplinares usados ainda hoje — pagamentos (no sentido de restituições); olho por olho, dente por dente, etc...

Os esquimós possuem um sistema de justiça bastante curioso. A vítima desafia o criminoso para uma "batalha de cânticos"! Então, a vítima expõe publicamente todo o crime, em cântico, e, às vezes, a batalha continua durante anos. Assim são desabafados todos os sentimentos, e a justiça esquimó é satisfeita.

Na África, é comum o acusado passar por testes físicos, a fim de provar a sua incidência ou não, em provas tais como: tomar veneno, pegar pedrinhas no fundo de uma panela cheia de óleo fervente ou agüentar castigos corporais. Se a pessoa não morrer, então está provada a sua inocência. Se ela morrer ou ficar ferida, então certamente é culpada.

Guerra

De todas as atividades humanas, parece que a guerra é a que tem menos leis ou regulamentos. Contudo, isso não é verdade. Os astecas foram grandes guerreiros, mas não com o objetivo de matar os inimigos e sim de levá-los vivos para sacrifício aos seus deuses. Então, quando os espanhóis chegaram, mesmo sendo em número muito menor e em desvantagem, por não conhecerem o campo de batalha, logo conquistaram os astecas. Eles só queriam matar os astecas, enquanto os astecas estavam lutando para aprisionar os espanhóis. Por causa de regras de guerra diferentes, os astecas perderam as batalhas.

Nos Estados Unidos, os patriotas ganharam a guerra revolucionária contra a Inglaterra. Isso se deveu, em parte, ao fato de que eles aprenderam a se esconder atrás das árvores e rochas quando guerreavam contra os índios. Mas os ingleses, por considerarem essa atitude uma desonra às suas rígidas e formais tradições, no momento da batalha ficaram em desvantagem e perderam a colônia americana.

Classe Social

Na estrutura das sociedades, sempre há vários níveis de classes sociais. O que determina os vários níveis são: riqueza, posição política, grau de estudos, profissão, tradição familiar, religião, etc. Um país onde se manifesta essa divisão de forma bem fixa e com maiores conseqüências é a Índia. Lá, há cem classes sociais. Cinco delas são praticamente isoladas.

Em alguns lugares da África, a alta classe está ligada ao número de esposas que um homem possui ou à quantidade de vacas que ele tem. Nos Estados Unidos, a pessoa pertence à alta classe de acordo com o modelo de carro, ou da piscina da casa, ou por ser membro de certos clubes esportivos. Em outros lugares, isso depende do número de ídolos que alguém possui e, em outros, do número de medalhas ou honras adquiridas em guerra (no caso de tribos indígenas, essas honras podem ser cabeças de inimigos!). Nos países comunistas, são somente os líderes do partido que têm prestígio ou privilégios.

A Missão Cristã e a Cultura Social

Os missionários, em todas as épocas, têm enfrentado grandes desafios para comunicar a Palavra de Deus e aplicá-la socialmente em outros países. Não é de um dia para outro que todas as tradições e formas culturais são transformadas para uma obediência total às Escrituras. Também, nem sempre o missionário, logo de início, entende todas as implicações e raízes dos hábitos culturais de determinado povo. Ele mesmo precisa ao máximo possível esquecer e se divorciar da sua própria cultura e levar para outro povo não uma cultura, não os seus costumes, mas sim e unicamente a Palavra de Deus. Por isso, ele precisa analisar a nova cultura "a fundo" e apresentar a Palavra de maneira que ela possa ser expressa de forma relevante àquela cultura. Deve haver identificação e adaptação da transmissão da Palavra à cultura e não da cultura do missionário à cultura do povo em questão. Alguém pode entender que estamos querendo dizer que a Palavra precisa se submeter à cultura, mas não é isso. Queremos dizer que os conceitos da Palavra não serão mudados, mas serão demonstrados e aplicados de forma lógica e natural a cada cultura.

Com relação às estruturas sociais dos povos, um dos mais graves problemas que têm surgido é o da poligamia. Quais são os verdadeiros ensinamentos bíblicos sobre esse assunto? Qual a maneira bíblica de resolver os muitos problemas que surgem nos muitos campos missionários onde a poligamia é perfeitamente aceita em termos culturais?

Ainda no âmbito da estrutura social dos povos, outro sério problema é o da organização das igrejas. Missionários presbiterianos estabeleceram igrejas presbiterianas nos campos missionários. Os anglicanos estabeleceram igrejas episcopais, e os batistas, igrejas congregacionais. Contudo, é interessante notar que, depois de os "nacionais" (o povo nativo) assumirem a liderança dessas igrejas fundadas pelos missionários, há uma tendência para modificar o funcionamento das igrejas, que assume uma forma mais similar às estruturas sociais já conhecidas (mesmo permanecendo a aparência da igreja dos missionários). E o problema não está nesta modificação de funcionamento, mas na forma que o missionário estabeleceu para a igreja.

Para resolverem os problemas culturais, muitos missionários têm se preocupado principalmente com formas e não com conteúdo. É

muito fácil pensar que, substituindo-se as instituições e organizações sociais, pode-se superar o pecado que inevitavelmente existe nas relações sociais de todos os homens. Exemplo: se o modelo social existente é a poligamia, então institui-se a monogamia, e pronto! O povo "que se vire", e o missionário não se esforça para analisar a situação e aplicar uma solução bíblica. Outro exemplo: não é dos hábitos naturais de certo povo o se reunirem todos no mesmo lugar para participar de um culto. Eles não realizam tais reuniões da mesma maneira que nós as realizamos. Mas o missionário constrói um templo (por causa de sua cultura e a preocupação com a forma externa), usando a mesma arquitetura com que ele está acostumado, e eis que a maneira certa para louvar a Deus é reunindo-se naquele templo. Além disso, ele impõe o mesmo horário e até a mesma programação e ordem de culto que são da sua própria cultura. Muitas vezes, os missionários também são culpados de apenas denunciarem os pecados mais visíveis e não denunciarem também os pecados mais corrosivos, como o orgulho e a vaidade.

Deus tem operado através dos séculos e tem se manifestado em muitas estruturas sociais e vai continuar a fazê-lo. Nenhuma sociedade é ideal, e mudar as estruturas sociais não resolve o problema do homem. Somente a reconciliação do homem com Deus, pelo sacrifício vicário de Jesus Cristo, pode transformar o seu coração, abrindo caminho para que, pelo Espírito Santo, todas as relações humanas possam ser santificadas!

6

A Religião

No *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* (MEC), a palavra "religião" é definida como um "conjunto de práticas e princípios que regem as relações entre o homem e a divindade". O *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, define-a como a "crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais, considerada(s) como criadora(s) do Universo, e que como tal deve(m) ser adorada(s) e obedecida(s)". Estas definições incluem tanto o cristianismo como o espiritismo e todas as demais religiões do mundo. Pois, na realidade, a religião é um fenômeno mundial, até mesmo nos países onde a proclamação da ausência de religião torna-se uma religião em si (o comunismo, por exemplo).

A experiência religiosa dos índios das planícies dos Estados Unidos era, tradicionalmente, muito intensa. Eles buscavam visões, a qualquer custo, chegando a cortar seus corpos ou a se dependurar por meio de cordas. Apesar disso, eles não tinham nenhuma "teologia" sobre a vida após a morte ou sobre castigos e recompensas de pecados e boas obras. A religião não é somente uma teologia ou um relacionamento de obediência ao Criador, mas também uma

resposta emotiva, a qual é expressa com ritos, cerimônias, orações, sacrifícios e leis. Aqueles índios queriam *sentir* a resposta, e não importava o preço. Já para alguns povos importam outros aspectos da religião, variando grandemente de cultura para cultura.

Espíritos e Deuses, Poderes e Profetas

Há muitas maneiras de se classificar as crenças religiosas. Nenhuma é totalmente perfeita; mas vamos basear-nos numa "lista de opostos", que nos ajudará a entender os diferentes aspectos das religiões:

1. Animista	X	Teísta
2. Moral (Ética)	X	Amoral (não ética)
3. Pessoal	X	Impessoal
4. Legalista	X	Salvífica
5. Mística	X	Não mística
6. Individualista	X	Corporativa
7. Revelacionista	X	Não revelacionista
8. Exclusiva	X	Inclusiva
9. Local	X	Universal

Pela palavra "animista" entende-se a crença em espíritos, não só de pessoas mortas, mas também de espíritos que habitam em objetos naturais como árvores, rios, montanhas, raízes, pedras ou meteoritos. Esses objetos recebem o nome de fetiches. O animismo é muito freqüente nas culturas pré-letradas, mas raramente subsiste isolado, pois na maioria dos casos há a influência e a inclusão de outras crenças.

O termo "teísta" implica nas crenças em Deus ou em deuses. Nem sempre é fácil distinguir entre espíritos e deuses, mas, geralmente, um "deus" tem mais autoridade e poder do que um "espírito". Para os romanos, Netuno era o "deus do mar", Plutão, o "deus do subterrâneo", e Marte, o "deus da guerra". Os espíritos podem habitar em objetos naturais, mas não são os "dominadores" supremos, apesar de que os deuses não o são também (geralmente são encarados como seres que dominam uma área e não o todo).

A religião "ética" é a que atribui penalidades sobrenaturais ao que violar o que é considerado um comportamento certo ou correto.

O cristianismo, com o seu sistema de julgamentos e conceitos de céu e inferno, é uma religião ética. Já a religião típica da Melanésia é, em essência, uma religião "não ética!" Eles crêem que não há nenhum benefício em fazer o bem ou qualquer castigo em fazer o mal. É uma religião amoral.

Tanto o cristianismo como o islamismo crêem num poder sobrenatural "pessoal". Alá, o deus dos muçulmanos, parece estar preso pelo destino, mas ainda é soberano, pelo menos em parte, e tem personalidade. Nosso Deus (dos cristãos) é bem pessoal, comunicativo, amoroso, justo, totalmente soberano e poderoso. Em contraste, em muitas partes da África, a crença num poder sobrenatural está centralizada em espíritos específicos. Na Melanésia, o poder sobrenatural se chama "mana" e é, em essência, "impessoal"; existe em toda sorte de objetos — árvores, rochas, pessoas, ervas, etc. — e pode ser ampliado ou diminuído pelas artes mágicas. "Mana" pode também ser usado tanto para o bem como para o mal, mas é um poder sempre sobrenatural. Os "manitu" dos algonquianos, o "wakando" dos sioux, e a "orenda" dos iroqueses são muito semelhantes ao "mana" dos melanésios. Eles descrevem esse poder sobrenatural como igual à eletricidade, que não pode ser explicada senão por meio daquilo que é realizado por ela. Não é definido por meio de palavras, mas é o poder onipotente que está por trás de tudo. O "brama" dos hindus é quase igual. É indeterminado, impessoal (sem forma e sem personalidade ou comunicação) e inclui tudo em si. "Tão", a força-vida dos taoístas, é também um poder impessoal.

O cristianismo proclama a existência de um Salvador, sendo o maior exemplo de uma religião "salvífica". A sua ênfase recai sobre a graça (favor imerecido) de Deus e não em obras humanas ou no cumprimento da lei para se receber a salvação. Algumas ramificações do budismo também têm a pretensão de serem salvíficas. Por exemplo, o budista japonês, Honen Shonim, ensinou que há duas maneiras para se ganhar a salvação: (1) pela realização moral e intelectual e (2) pelo Amida Butsu, que, segundo supõe-se, pelas práticas de santidade adquiriu o ser de Buda e sofreu pela humanidade pecaminosa, criou a terra da felicidade e proclamou uma promessa de novo nascimento no paraíso. Tudo isso é para aqueles que crerem. Por outro lado, a maioria das religiões oferece para os seus "crentes" poder e benefícios sobrenaturais numa base legalista, isto é, pelos rituais, obediência a certos regulamentos,

sacrifícios, jejuns, penitência, peregrinações, etc. É o esforço humano que garante a salvação.

A atitude "mística" para com a religião, a qual definimos como uma tentativa do adepto para obter um estado de êxtase, visionário ou de revelação, pode se manifestar de muitas maneiras distintas. O místico, no afã de conseguir tais objetivos, pode se retirar para um lugar isolado ou pode se autoflagelar (como os índios das planícies dos Estados Unidos). Pode também utilizar-se da dança, por exemplo, ao ritmo de tambores africanos. Ou, como em algumas tribos do Brasil, utilizar ervas tóxicas. Mas, seja qual for o método, há uma característica comum, que é a de se deixar "possuir" por outro ser. Por outro lado, quase como exceção entre os povos pré-letrados, a religião dos índios zunis não é mística, mas social. As partes mais importantes da religião zuni são os atos sociais e o cumprimento das responsabilidades de cada membro da comunidade.

Uma religião pode dar ênfase à crença do "indivíduo", seu comportamento e reação ao sobrenatural ou pode enfatizar a participação "coletiva" para o benefício de toda a comunidade. O primeiro caso é verdade para o cristianismo. Cada um de per si precisa ter um encontro com Deus para ter os *seus* pecados perdoados. Para o cristão, a salvação não depende da decisão da comunidade, mas sim da decisão e experiência dele próprio. Justamente o oposto prescreve a religião polinésica, que enfatiza as proibições, as cerimônias elaboradas e os deuses que reinam sobre todos os aspectos da vida humana — agricultura, caça, pesca, guerra, casamento, etc. É uma religião coletiva ou social, pois parte da pressuposição de que todos os indivíduos estarão cooperando para buscar o benefício máximo para todos.

O judaísmo, o islamismo e o cristianismo são as religiões que mais dão lugar à "revelação". O hinduísmo e o budismo incluem, em parte, a revelação no seu sistema doutrinário. Por outro lado, o confucionismo exclui totalmente a revelação. A revelação também geralmente não faz parte do animismo, com exceção do momento em que o médium se torna possesso e os espíritos fazem predições sobre o futuro. Qualquer religião que pretenda receber inspiração divina para sua mensagem pode ser classificada como revelacionista.

O ponto de desarmonia entre o cristianismo e as religiões da Grécia e da Roma antiga concentrava-se no conceito da "exclu-

sividade". O mundo clássico teria com muito prazer colocado uma estátua de Jesus no panteão de Roma, junto a outros líderes religiosos contemporâneos. Mas os cristãos declararam abertamente que Jesus não era mais "outro" líder, mas O Único! O judaísmo, o islamismo e o cristianismo crêem em um Deus exclusivo, Jeová não se satisfez em ser o Deus só dos hebreus — pois só Ele é o único Deus do mundo inteiro! Este mesmo monoteísmo é característico também do cristianismo e do islamismo, sendo para o segundo uma posição bem radical. Quanto às demais religiões, são inclusivistas. Um navajo bem pode dizer: "O cristianismo é verdadeiro e bom para o branco, mas a religião navajo é verdadeira e boa para o navajo". Um grande problema para os missionários que trabalham entre os hindus é que eles podem ouvir a mensagem cristã, mas não aceitá-la. Para o missionário sim, mas para eles não. Crêem que todas as religiões são certas, e, por isso, ninguém precisa nem deve mudar de religião. Por isso, um hindu é proibido de deixar sua seita em favor de outra. Notamos que no Brasil muitos também pensam assim. Freqüentemente, ouvimos alguém dizer: "Não importa o caminho; o importante é que todos os caminhos levam a Deus". Isso será verdade? A Bíblia diz: "Não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (At 4.12). Através dos séculos, a Igreja de Jesus Cristo tem sofrido as conseqüências da proclamação de um único Deus e de um único evangelho. Qualquer declaração que procure diminuir esta verdade atinge o centro da teologia cristã.

As religiões animistas, em geral, são "locais", isto é, os deuses de uma determinada comunidade pertencem somente àquela comunidade em particular e a mais ninguém. Os animistas não pensam em evangelizar outras tribos ou outras pessoas para se tornarem também adeptos dos seus deuses particulares. Por isso, o xintoísmo é uma religião localizada, porque é inseparável do destino nacional do Japão. Embora exigindo respeito dos povos conquistados e até mesmo culto ao xintoísmo, esses povos nunca podem participar plenamente da religião por não serem japoneses. Por outro lado, uma religião que é "universal" inclui todos os homens, seja qual for a sua cultura, raça, idade, etc. O cristianismo é universal, porque crê que sua mensagem é válida (e não somente válida, mas necessária) para todos no mundo inteiro.

Poderíamos continuar descrevendo os vários aspectos da religião,

mas cremos que o que foi dito anteriormente é o suficiente para um entendimento inicial. Concluindo esta parte, reafirmamos que a religião é parte integrante de todos os povos, e um estudo dos povos, sem incluir suas crenças religiosas, seria incompleto e de pouco valor.

Não É Verdade

Há muitas noções falsas sobre religião. Uma delas é que todos os povos crêem em Deus ou, pelo menos, num "Deus-Supremo". Que é verdade que os povos crêem em manifestações sobrenaturais e que quase todos os povos têm idéias sobre criaturas mitológicas que operam milagres, não há dúvida. Mas que isso signifique que os povos crêem em Deus não é, absolutamente, verdade. E certamente não crêem da maneira como nós pensamos. Por exemplo, os esquimós crêem em divindades, mas não crêem em um ser supremo. Também os hotentotes namas crêem nos poderes sobrenaturais dos heróis deificados, mas não crêem que há um poder acima destes. No Oriente, há muitos deuses que formam um sistema hierárquico, como na Índia. Esses deuses simbolizam as diferentes fases da existência do homem. Vixnu, por exemplo, é o deus da produção criadora e da vida. Xiva é o deus da destruição e da morte. Porém, a realidade última da maioria das religiões orientais não é determinado deus, mas a substância indeterminada da alma — o Brama indivisível e sem forma do hinduísmo, o nada do Nirvana budista ou a fonte da força da vida no Tao, que se manifesta no sobrenatural.

É um grave erro igualar a crença num deus supremo como o monoteísmo exclusivo do judaísmo, islamismo e cristianismo. Em algumas partes da África e em muitas outras partes do mundo, há esta crença num deus supremo, mas geralmente ele está tão distante do povo, a ponto de se tornar inútil, sem valor. Um congolês explicou esta idéia, dizendo: "Por que fazer sacrifícios para ele, se não sabemos onde ele está nem o que ele está fazendo? E, também, ele não vai nos ferir. É muito melhor satisfazer aos espíritos maus que nos prejudicam do que nos preocuparmos com Deus!"

Cometemos outro erro quando pensamos que todas as criaturas humanas crêem numa vida após a morte. Há uma diversidade de conceitos também nesta área. Há os que crêem que nada existe além

do túmulo, os que crêem em transformações ou reencarnações e os que crêem que dormirão por toda a eternidade.

Ídolos Atrás das Cruzes

Muitas crenças estranhas subjazem certas práticas religiosas, como no exemplo da idolatria escondida atrás de cruzes. Foi isso o que certo missionário verificou no Equador. Ele estava de viagem por aquelas terras e chegou a uma aldeia praticamente dominada pelo álcool. Muitos brigavam, outros gritavam, outros dançavam como loucos, e alguns estavam caídos na lama das ruas. O dono de um bar, que estava mais sóbrio, explicou que tudo aquilo era uma celebração em honra a João Batista. O missionário, então, comentou que, de todos os santos, João Batista era certamente o menos dado à bebida, pois tinha feito um voto de abstinência. O homem lhe respondeu: "Ah, bebemos também aos santos dos prazeres", e enumerou uma lista de "santos", concluindo com a exclamação: "Todos os nossos santos são beberrões, e nós também". Mas aquela explicação não tinha muita coerência, e por isso o missionário pediu que lhe informasse quais outros santos os haviam incentivado a dançar e a beber. Aquele homem respondeu com mais sinceridade então e lhe disse: "Olhe, realmente bebemos também aos espíritos das montanhas deste vale", e lhe deu o nome desses espíritos. Atrás da máscara das catedrais cristãs, do símbolo da cruz e dos dias de santos, existia a crença muito forte nos espíritos entronizados nas montanhas.

A *Santería* de Cuba é uma estranha mistura externa de símbolos cristãos, mas com significados totalmente não-cristãos. Eles usam a cruz e falam muito dos santos, especialmente de Santa Bárbara, sua padroeira. Não obstante, os verdadeiros objetos de louvor são as pedras, que estão na *Santería*. Eles dizem que essas pedras podem se reproduzir, recebendo todos os anos poder, quando lhe é oferecido o sangue de animais sacrificados e ervas misturadas com água. Eles dizem que, com isso, estão dando comida "para os santos", mas cada um daqueles santos é representado por uma pedra, a qual possui esse poder sobrenatural de reprodução. Além das pedras, há ainda dois símbolos da fertilidade: o bode e o galo. Na realidade, o culto de louvor à *Santería* é um verdadeiro culto à fertilidade. Vemos, pois, que, atrás da cortina de respeitabilidade do catolicismo

romano, há outra realidade bem diferente. Os membros da *Santería* afirmam que são católicos unicamente porque aceitam as formas exteriores, quando na verdade rejeitam o conteúdo do catolicismo. São, então, católicos apenas de nome — católicos nominais.

No Brasil, nem todos os católicos são verdadeiros seguidores da religião. Há os católicos nominais, e muitos também seguem o espiritismo, alto e baixo. Usam cruzes, santos e outros objetos religiosos do catolicismo nos seus cultos espíritas. Também, nos mesmos cultos, usam o nome de Maria, de Jesus, de Deus, junto com os nomes dos espíritos, Xangô, Orixá, Oxalá, etc. Muitas vezes, dão aos espíritos os nomes dos santos da Igreja Católica. Há quem use cruzes, possua quadros de Maria, quadros de Jesus, do Padre Cícero, etc. e os tenha, não como símbolos de uma realidade religiosa, mas, sim, como uma realidade de per si. O povo passa a acreditar que a cruz em si, os quadros em si, etc. possuem poder para proteger, interceder, dar sorte, etc. O próprio material utilizado para a fabricação de tais objetos é adorado e mistificado. Eles também estão escondendo "ídolos atrás das cruzes".

O Homem num Mundo de Espíritos

Podemos pensar que os povos pré-letrados, por serem quase todos animistas, têm todos a mesma forma de religião. Contudo, as variações que existem, debaixo do título "animismo", são muitas. Por exemplo, na religião dos hotentotes namas, os únicos espíritos são os dos mortos. Há também um culto à lua, honrada com danças e cânticos. Os astecas tinham muitos deuses e espíritos, e os sacerdotes sempre estavam muito ocupados com a tarefa de satisfazer o apetite dessas divindades com sangue humano. Os sacerdotes usavam um manto preto, que ficava constantemente sujo de sangue, assim como as suas mãos e cabelos, porque sete vezes por dia precisavam oferecer sacrifícios aos deuses e espíritos.

Mas, apesar dessas diferenças de crenças entre os povos animistas, há certos princípios que estão sempre presentes na sua maioria:

1. O homem é essencialmente parte da natureza;
2. Ele se constitui de mais de uma realidade (corpo e alma ou corpo, alma e espírito);

3. Há poderes sobrenaturais;
4. Os poderes sobrenaturais são, pelo menos em parte, controláveis;
5. Não há, necessariamente, uma relação entre a moralidade e a religião.

O conceito de que o homem é uma parte integrante da natureza é refletido em várias crenças. A crença, muito comum, em antepassados totêmicos, como árvores, rios, plantas, nuvens, estrelas, é uma forma de lembrar constantemente a ligação do homem com a natureza, do homem com o seu ambiente. Os ainus, do Japão, insistem em que o homem não é diferente dos animais, plantas e até mesmo de alguns objetos (para nós inanimados, mas para eles animados, pois pensam que os objetos também possuem alma). Na Nova Caledônia, crê-se que, quando alguém planta uma árvore no lugar onde a placenta de um nenê foi enterrada, enquanto aquela árvore viver e crescer, a criança também viverá e crescerá. A criança está ligada integralmente à natureza.

Pelo que se sabe, todos os povos crêem que há uma parte do homem que não é física, corporal. Essa outra parte pode receber o nome de "alma", "espírito", "respiração", "sombra", etc.; é alguma coisa além do físico, transcendental. Os índios do Panamá crêem que cada pessoa tem um "uyae", uma alma considerada boa, mas que se torna má ("bokoi") depois da morte. Para os esquimós, o homem é formado de três partes: corpo, alma e nome — todas com igual importância, sendo que a combinação delas constitui a pessoa total. Os danomeanos do Oeste da África, crêem que cada pessoa possui três almas, e os homens adultos, quatro almas. A primeira alma é um espírito protetor que vem de um antepassado morto. A segunda alma é pessoal, e a terceira é uma parte pequena do deus criador, "Mawu". A quarta alma é o destino que, por sinal, precisa ser propiciado com sacrifícios três vezes por ano.

O pensamento da maior parte do mundo animista é de que as almas das pessoas mortas estão nas sombras, aterrorizando, aparecendo como espíritos, enviando pragas e epidemias, se não são agradadas, e abençoando com chuva e boa colheita, se são satisfeitas.

Com exceção de algumas pessoas sofisticadas e "modernas", a crença na existência de poderes sobrenaturais é universal. Esses poderes podem ser uma força impessoal, como o "mana", ou podem

ser pessoal, como para os haidas, do Canadá, que crêem existir espíritos em todos os lugares: no mar, no céu, no ar, no fogo, nas montanhas, nas rochas, nos lagos, nos rios, etc. Mas, apesar dessa numerosidade de espíritos, o povo em si não dá muita atenção a eles. Estão tão preocupados com a vida diária, que nem podem se preocupar com outras coisas.

Em geral, o mundo espiritual dos animistas contém não somente os espíritos da natureza, mas também os espíritos dos mortos. Estes podem aparecer em tempestades, redemoinhos, barulhos estranhos e, como fantasmas, ficam de emboscada à noite para se divertir ou matar.

Na crença de que os poderes sobrenaturais podem ser controlados pelas "técnicas mágicas" está a raiz da feitiçaria. Se um haida quisesse matar um inimigo, ele procuraria obter cabelos ou qualquer outra parte do corpo ou da roupa desse inimigo. Em seguida, ele faria o feitiço, e logo o inimigo morreria. É comum, não só na África e na Melanésia, mas também no Brasil, usar a feitiçaria para resolver os problemas da vida. Não é segredo que a vingança, o amor, a colheita, a saúde, a sorte, etc. são procurados nos centros espíritas, usando-se meios diabólicos para se conseguir o resultado desejado.

Os poderes mágicos podem ser utilizados para outras coisas, além de destruir os inimigos ou curar enfermos. Os esquimós crêem que o feiticeiro pode acalmar tempestades, descer ao mundo subterrâneo ou subir e até andar nas nuvens. Os feiticeiros do Haiti insistem em que podem ser transformados em animais, passar por portas fechadas e ressuscitar mortos para fazê-los escravos (ou zumbis), que serão obedientes e nunca se lembrarão do seu passado se não comerem sal. Motivado pelo medo de se tornar um "zumbi", certo homem pediu à sua família que, quando ele morresse, o cortassem em dois pedaços para serem colocados em sepulturas separadas.

Muitas vezes, como já falamos, há pouca ou nenhuma relação entre a religião e a moralidade. O poder de "Mana", por exemplo, é inteiramente neutro no sentido ético. É apenas um poder que pode ser usado para curar ou destruir — às vezes as duas coisas são empregadas pela mesma pessoa no mesmo dia. Outros crêem em poderes espirituais que possuem uma ética muito distante do que nós chamamos de ética. Crê-se que as divindades dos todas, da Índia, às vezes infligem doenças numa pessoa para indicar um com-

portamento errado dessa pessoa. Ou ela roubou leite, ou entrou no celeiro depois de ter mantido relações sexuais durante o dia, ou aproximou-se do gado depois de um enterro. Para eles, fazer tudo isso é errado. É "pecado" e precisa ser propiciado, geralmente com ofertas para os membros do clã.

Já as proibições do deus "Karei", o deus dos trovões dos semangs, da Malásia, não incluem o roubo ou o homicídio, mas intimidades excessivas com a sogra, matar uma abelha sagrada, zombar de um animal, brincar com ovos de passarinho ou tirar água de um poço ou de um rio com uma panela enegrecida de fumaça.

Entre os incas, as proibições incluíam práticas mais familiares a nós, tais como: adultério, homicídio e feitiçaria. Para eles, esses pecados traziam culpa não somente para a pessoa que os praticou, mas também para toda a comunidade. Por isso, os pecados tinham de ser confessados e expiados por meio de banhos cerimoniais e da abstinência de relações sexuais e do uso de sal e pimenta na comida.

Há várias outras religiões que têm um conteúdo ético. Os konos, da Serra Leoa, crêem que seu deus, Yataa, é uma divindade ética, que castiga transgressores. Ele enxerga, pensa, tem o poder de ajudar e é o poder e símbolo da ordem moral. Contudo, é mais freqüente achar situações semelhantes àquelas que há entre os ovambos, do Sudoeste da África, do que situações semelhantes à dos konos. O deus do ovambo, Kalunga, requer um tipo de comportamento bom, no sentido de se conformar à ética da tribo (e não a qualquer tipo de moralidade). Ele não permite que moças fiquem grávidas antes de passarem pelos ritos da fertilidade, mas não tem nenhuma objeção contra o adultério, o incesto e o aborto. De fato, o povo julga que Kalunga tenha sido o responsável por alguns casos de homossexualismo na tribo.

Muitos têm feito pesquisas para descobrir o grau do senso de culpa que os povos animistas sentem. Para estudarmos essa questão, precisamos dividir em três as reações que esses povos têm, depois de violarem as normas das suas respectivas tribos. São elas: medo, vergonha e culpa. Parece que, para a maioria, é o medo que domina os sentimentos, quando fazem algo errado. Há o medo de ser descoberto. Muitas vezes, há também um sentimento de vergonha, que assim se expressa: "Eu me sentiria terrivelmente embaraçado, se alguém me visse fazendo isso". A terceira reação é o sentimento de culpa que se expressa no íntimo do indivíduo, quando ele se considera falho por não ter feito aquilo que a sociedade ou a

divindade esperava dele. O sentimento não depende de ser descoberto ou não. Por isso, o sentimento de culpa é muito menos comum do que poderíamos imaginar. Parece que a culpa não se encaixa bem dentro do conceito egoísta do homem. No entanto, temos que distinguir entre o comportamento objetivo e a atitude subjetiva. Muitos norte-americanos insistem em que certas práticas sexuais não são pecado, mas eles se sentem culpados depois de as praticarem. Nas ilhas Marshall, os missionários têm ensinado que tais práticas são erradas, e as pessoas concordam, mas continuam a praticá-las, e parece que não se sentem culpadas. Palavras e ações nem sempre são coerentes.

Do Sol Até ao Louva-a-deus

Desde o sol, adorado pelos índios quechuas, dos Andes, até ao inseto "louva-a-deus", reverenciado pelos hotentotes, quase não há objetos debaixo do céu que não tenham sido usados como ídolos. Os quechuas, acima citados, também selecionaram como tótenes onças, condores, serpentes e montanhas. Qualquer animal albino é particularmente considerado dotado de poder sobrenatural. Também uma pedra que cai e mata alguém possui alto valor para eles. Para os gandas, o cordão umbilical do rei é sagrado e guardado num lugar especial depois do parto.

Os objetos de louvor dos índios hopis são bonecos chamados "Kachina", feitos em modelos geométricos, para representarem os espíritos dos antepassados do clã. Eles também fazem varetas de pau, coladas com penas de pássaros, para então lhes despejarem farinha de milho e orarem pedindo as bênçãos dos deuses.

Na Nova Caledônia, as pessoas tratam a batata doce com reverência. Eles a acariciam, identificando alguma de suas partes com o corpo humano. Dizem que o crescimento da batata doce é semelhante à função sexual do homem. Quando alguém falece, dão batata doce para a família, como símbolo da promessa de vida, porque, mesmo se o tronco morrer, sempre haverá novos brotos continuando a viver.

Amuletos e talismãs podem ser usados tanto para proteção contra o mal como para trazer sorte. Muita gente carrega chaveiros de pé de coelhos. Na África, pode ser um colar de contas ou alguma coisa feita de couro ou dente de onça. Nas Américas, muitos consideram

o crucifixo ou a Bíblia como poder em si para dar sorte ("ídolos atrás das cruzes").

Os objetos podem ser sagrados por si mesmos ou tornarem-se sagrados com o uso. Os sacrifícios sanguinários dos astecas não eram cometidos somente por brutalidade. O culto asteca requeria 2.500 vítimas por ano, mas algumas vítimas voluntariamente se ofereciam para o sacrifício, devido à honra e à glória que receberiam. Depois de retirar o coração da vítima, o povo dançava, vestia-se da pele da vítima e, às vezes, comia a sua carne. Ao ser consagrada na qualidade de sacrifício aos deuses, a vítima se identificava com os deuses. E aqueles que a comiam também participavam dessa identificação.

Bênçãos, Maldições, Adivinhações e Comunhão

Acima de tudo, os homens buscam bênçãos dos poderes sobrenaturais. Eles querem saúde, boa colheita, segurança contra os inimigos, perdão e uma prole para fortalecer a família ou o clã. Muitos não estão preocupados se, para vencerem na vida, outros serão prejudicados. Pensando assim é que em Cuba, quando uma pessoa está doente, jogam sobre ela um pouco de água e recolhem o que podem desta água numa xícara. Então jogam a água na rua, na esperança de que a primeira pessoa a pisar sobre aquela terra úmida será contagiada e levará a doença embora consigo. Outros procuram transferir suas doenças para uma imagem de barro, a qual é friccionada na pessoa doente e depois enterrada num caminho, para que a primeira pessoa que por ali passar fique doente.

Essas práticas abrangem as duas características essenciais da maioria dos atos mágicos: imitação e transmissão. Quando um hotentote faz uma dança igual à da caça que pretende matar, ele está fazendo uma mágica imitativa, a fim de garantir o seu sucesso. Quando alguém do Haiti faz chá de folha de Bíblia para curar reumatismo, é o princípio da transmissão que está operando. A prática medicinal do Leste da África depende grandemente dos atos mágicos de imitação e transmissão. Uma parte dos ingredientes do remédio tem que representar o paciente: serragem, se a pessoa é alta; ou casca de árvore vermelha, se é uma mulher que perde muito sangue durante o parto. A outra parte dos ingredientes precisa ser do tipo transmissor: um pedaço de retalho de uma prostituta, para

assegurar o sucesso no amor; um pedaço da placenta de uma vaca, para garantir que a pessoa não será vista, pois a placenta ficou escondida dentro da vaca durante a gestação, etc.

Os poderes espirituais não somente abençoam, mas também amaldiçoam. Um homem aranda, quando quer matar um inimigo, faz um encanto sobre um osso com a ponta bem afiada e aponta o osso em direção à sua vítima. Outros usam agulhas, etc. E, se a pessoa atacada não fizer um feitiço mais forte, provavelmente morrerá.

Além de tudo isso, os poderes espirituais também são usados para se adivinhar o futuro, para evitar desastres e calamidades. Para tal, observa-se o vôo dos pássaros, examinam-se os fígados dos sacrifícios (como os gregos e os romanos), esquenta-se um osso do ombro de um animal e observa-se em qual direção ele se trinca, etc. Pode-se também olhar as linhas da palma da mão, as folhas de chá numa xícara ou as posições das estrelas. O tão divulgado horóscopo é mais uma tentativa de se descobrir o futuro através de poderes espirituais.

Ritos

Não é suficiente crer nos espíritos, ter remédios mágicos ou querer curas, mas é necessário *fazer* alguma coisa (rito) para que se alcancem os resultados desejados. A religião é crença em ação.

Os ingredientes principais dos ritos religiosos são: objetos sagrados, palavras sagradas e pessoas sagradas. Já falamos sobre objetos sagrados e mencionaremos agora palavras sagradas.

Geralmente, as palavras são muito importantes para os veneradores de qualquer nível de religião, desde a feitiçaria até a oração intercessória. Algumas palavras são tão "santas", que nem podem ser ditas, a não ser por uma pessoa especialmente consagrada. É o caso dos judeus nos tempos do Novo Testamento, quanto ao nome de Deus — *Jeová*. Especialmente no Evangelho de Mateus (escrito para os judeus), podemos ver claramente que ele não usou o nome Jeová, mas substituiu-o por outros nomes, tais como "Poder", "Reino dos Céus" (em vez de Reino de Deus), "Majestade", etc. (Aliás, seria bom, se pudéssemos ter um pouco mais de temor e respeito a Deus, como os judeus têm, pois assim ordena a Bíblia: não tomar o nome de Deus em vão.)

Há muitas variantes para o uso de palavras sagradas. A oração

pode ser muito informal, até em forma de gritos, todos orando de uma só vez, ou pode ser bem formal, num tom de voz normal ou mesmo cantada, etc.

Também, muitas vezes, nem é necessário que as palavras sejam entendidas. Os islamitas, no mundo inteiro (com exceção dos próprios árabes), oram cinco vezes por dia numa língua que não entendem. O mesmo fato é verdade para os feiticeiros das ilhas San Blas, para os sacerdotes da Igreja Ortodoxa e, até algum tempo atrás, para os padres católicos, pois oficiavam cerimônias numa língua que ninguém falava nem entendia — o latim. O importante, no entanto, é que as palavras sagradas sejam usadas e o povo se sinta satisfeito.

Assim como objetos e palavras são importantes nas religiões, também as ações têm seu devido lugar. As danças são comuns aos deuses. Podem ser violentas, como no Haiti, ou vagarosas e monótonas, como entre os índios das planícies norte-americanas. Podem ser também imitativas, como as danças obscenas dos shiluks, ou formalizadas e elaboradas, como as dos hopis, do Arizona. Estes têm várias danças, das quais a mais famosa é a dança das cobras. As cobras (venenosas e não-venenosas) são purificadas com água e com um sabão especial e depois postas num lugar para secar. Até as crianças brincam com elas. Então, numa determinada cerimônia, os homens dançam, enrolando-as ao pescoço e colocando-as na boca. É raro alguém ser picado durante essa cerimônia.

Talvez um rito mais comovente seja o dos astecas do Texcatl, México. Um jovem cativo era escolhido, devido ao seu valor e coragem, capacidade física e talento musical, para ser a encarnação do deus Texcatlipoca durante um ano. Ele recebia roupas suntuosas e flores e era servido pelos escravos, guerreiros e sacerdotes. Ele recebia a honra do rei e do povo. No último mês do ano, ele podia se casar com quatro moças bonitas e era o convidado de honra nos banquetes e festas. No último dia desse mês, ele se despedia do povo e das suas esposas e, acompanhado pelos seus servos, atravessava o lago Texcolo numa canoa. Finalmente, ia até um templo em ruínas, tirava sua aparatosa roupa e, com apenas um colar de pequeníssimas flautas, subia devagar cada degrau da pirâmide do templo. Exatamente à meia-noite, ele se deitava num altar feito de pedra. O sacerdote, vestido de preto, arrancava o seu coração e o oferecia ao deus Texcatlipoca, enquanto o povo, lá embaixo na cidade, alegremente escolhia o seu sucessor para o ano seguinte.

Além das danças, sacrifícios e "brincadeiras" com cobras, são também atos comuns transes, visões, sonhos, jejuns, autoflagelação e vida ascética (negação de todos os prazeres desta vida para se alcançar as experiências religiosas desejadas).

Bruxos, Videntes, Sacerdotes, Profetas e Feiticeiros

São cinco os tipos de "especialistas" religiosos:

1. Aqueles que praticam a magia negra (bruxos);
2. Aqueles que predizem o futuro (videntes, adivinhadores);
3. Aqueles que fazem mal ou protegem (curandeiros e feiticeiros);
4. Aqueles que são representantes do povo nas cerimônias religiosas (sacerdotes);
5. Aqueles que transmitem ao povo o que os poderes espirituais ordenam (profetas).

É claro que uma só pessoa pode exercer mais de uma dessas funções ao mesmo tempo.

De povo para povo, há muitas diferenças entre os especialistas religiosos. Eles podem ser considerados maus, bons, dignos de respeito ou temor. A maneira de tornar-se habilitado numa área religiosa específica depende exclusivamente das exigências de cada religião e de cada sociedade. Os ainus exigem que a pessoa seja nervosa e sensível, mas não epilética, enquanto os incas preferiam os epiléticos nascidos durante uma tempestade. Um religioso de San Blas se parece com qualquer homem, mas um religioso de Mongbandi, na África, usa pele de onça, uma grande bolsa de couro, faca, colares de dentes e ossos de animais selvagens.

Mitos e Magia

Os polinésios possuem muitos mitos estranhos que descrevem o nascimento milagroso dos primeiros homens. Assim dizem os mitos: após o nascimento dos primeiros homens, um horroroso monstro, um tipo mitológico feminino, tentou comê-los, mas eles foram salvos daquele intento maligno por um herói. Tais mitos não

podem ser totalmente descritos como uma "cosmologia" ou uma "teologia", mas, apesar de não serem formulados duma maneira sistemática, refletem conceitos básicos sobre o mundo e os poderes espirituais que no mundo existem. Sem dúvida, muitos mitos começam com fatos históricos e, depois de gerações, são modificados e aumentados, passando a ter significado místico e religioso. Já outros mitos tiveram origem religiosa, baseados em espíritos e divindades.

Certos mitos têm preparado povos para aceitarem o evangelho. Por exemplo, os karens, da Birmânia, tinham um mito sobre o "Livro Perdido da Vida". Segundo eles, Ywa ia fazer uma longa jornada e, antes de sair, chamou seus filhos e deu para cada um deles um livro da vida. Para Karen, o filho mais velho, ele deu o "Livro de Ouro da Vida". Para os demais ele deu outros livros e, finalmente, para o mais novo, ele deu o "Livro Branco da Vida". O caçula, com seu livro, foi para o Ocidente para nunca mais aparecer. Enquanto Karen leu seu livro e lhe obedeceu, ele foi próspero e feliz. Porém, aos poucos foi esquecendo-se do seu livro, até que, finalmente, o livro se perdeu. Sem seu livro, a vida de Karen piorou: perseguido pelo medo, doenças, pobreza, a situação se tornou insuportável. Mas ele sempre tinha a esperança da volta do seu irmão caçula, que traria em suas mãos o livro branco, e que nesta volta ele seria carregado pelas asas de um pássaro grande que flutuava sobre a água. Os primeiros missionários que lá chegaram vieram em navios com o "Livro Branco" e foram aceitos com muita alegria pelos karens!

Do Nascimento Até à Morte

Os quatro acontecimentos mais importantes da vida estão ligados às crenças religiosas ou às cerimônias. Os povos pensam que há poderes misteriosos que atuam quando uma pessoa nasce, passa pela puberdade, casa-se e morre. Entre estes, geralmente a morte é o acontecimento que tem mais significado religioso.

O nascimento geralmente tem pouco significado religioso. Pode ser que, por causa de dificuldades no parto, seja necessário um feiticeiro para fazer encantamentos ou de um "médico" animista para fazer suas práticas cruéis. Pode ser que, nascendo gêmeos, estes sejam mortos, por superstição, como acontece na Birmânia. Mas é mais comum a experiência do parto e do nascimento ser regulamentada por fatores sócioeconômicos. As mulheres podem dar à

luz enquanto estão trabalhando na roça (como no Amazonas), ou deixadas no caminho, para depois correr para alcançar o seu grupo (como os nômades da Síria). Ou pode ser que a mulher seja cercada de parentes, amigos e médicos que querem ajudá-la e com ela se regozijar por mais uma pessoa vir ao mundo.

O conceito mais generalizado sobre a puberdade é que esta se constitui numa época de grande transição, quando os mistérios do sexo são revelados pelos poderes sobrenaturais. Algumas tribos não têm nenhuma cerimônia especial quando alguém passa por essa fase, mas, para a maioria dos africanos, por exemplo, este é um período de grande valor, e os rituais de iniciação são parte integrante da vida das tribos. O mesmo acontece com tribos indígenas brasileiras, que dão muita importância à puberdade. As aulas de iniciação podem assumir muitas formas: simples lições dadas na aldeia ou acampamentos separados e especiais na selva. Em algumas tribos brasileiras, os jovens passam a morar numa casa especial até que estejam prontos para o casamento. Os moços passam por um intenso aprendizado com os anciões da tribo. Para algumas tribos, há apenas cerimônias curtas e, para outras, meses de doutrinação e uma série de duros testes para o jovem. São então ensinadas as tradições da tribo, a arte da caça, da pesca, da guerra, os credos religiosos, sexo, responsabilidades, etc. Os testes de coragem, capacidade, etc. são muitas vezes torturas de vários tipos. Uma parte geralmente importante da cerimônia é a circuncisão: em geral só para os moços, mas raramente também para as moças, quando é cortado o clitóris (uma operação que pode causar infecções, doenças e até mesmo a morte). Entre os ngbakas, do Zaire, uma mulher que não foi circuncidada é considerada estéril, e, se ela der à luz um filho, este é imediatamente morto, pois eles crêem que, se aquela criança chegar à maturidade, poderá gerar um terrível monstro.

O casamento geralmente é considerado mais como um contrato social do que um ato religioso. Às vezes, o sacerdote tem que dar a sua permissão para o casamento ou, num caso mais extremo como entre os hopis, o casal é apresentado aos espíritos ao nascer do sol; fazem-se orações e uma oferta de milho, símbolo da vida e da bênção. Os astecas exigiam que o casal jejuasse por quatro dias, fizesse orações, oferecesse sacrifícios (entre os quais o sangue das orelhas e da língua), antes da consumação do casamento. Entre os evangélicos, o casamento também tem características religiosas, mas entre os católicos é considerado até um sacramento.

Há muitas maneiras de considerar a doença e a morte. Os arandas, da Austrália, pensam que a morte é sempre conseqüência de magia negra. Para eles e para muitos outros, não existe uma morte natural e, por isso, sempre procuram o culpado. Para outros, a morte é o resultado da quebra de leis aceitas pela sociedade.

No México, a tribo dos tarahumaras aparentemente não sente tristeza pela morte. Eles, às vezes, nem mencionam que alguém morreu, até que realizem uma festa, mais tarde, para os parentes e amigos da comunidade, e então fazem o anúncio. As mulheres dos astecas fazem exatamente o oposto: gritam e pulam, atirando cinza e terra sobre a cabeça. Nas Filipinas, os igorotes colocam o cadáver sentado debaixo da casa (pois estas são construídas na forma de paliçada) e observam a deterioração do corpo. Os tais colocam o defunto num caixão fechado e o deixam na casa por cem dias. Esse caixão é feito de tal maneira, que o odor do cadáver é levado para fora da casa, e, por meio de um cano, os líquidos da deterioração também são expelidos. Depois do tempo determinado, eles tiram os ossos e os queimam. Na África, há uma tribo em que os homens agarram a viúva, depois da morte de seu esposo, e a conduzem por um caminho tortuoso enquanto ela grita e chora. Tudo isso para confundir o espírito do marido falecido, pois este poderia voltar para matar a esposa.

Talvez achemos esses costumes esquisitos e até engraçados. No entanto, já examinamos os costumes da nossa própria cultura? Se assim fizermos, veremos que muitas das nossas práticas não tem razão de ser: são meras superstições. Simplesmente estamos obedecendo a uma tradição dos nossos antepassados. Túmulos e caixões de luxo, velas, flores, etc. são coisas que os africanos, por exemplo, não entenderiam, especialmente se lhes disséssemos que não cremos que a pessoa em si, a alma, não está mais presente no cadáver.

A maior parte dos povos pré-letrados crê que depois da morte terá uma vida quase igual a esta, porém, melhor. Assim, os todas crêem que irão cuidar de gado, mas sem a perturbação dos ratos. Os índios das planícies dos Estados Unidos crêem que irão morar num lugar onde há abundância de caça — "a Terra da Caça Feliz". Há uma grande diversificação de idéias sobre a vida além-túmulo, inclusive entre os cristãos.

No Fundo São Animistas

No fundo, um muçulmano da África está sendo animista quando ele escreve os noventa e nove nomes de Alá num pedaço de papel e despeja-lhes água que é usada para curas. O mesmo se aplica ao soldado cristão que coloca uma Bíblia sobre o seu coração durante uma batalha. Ele, na verdade, está crendo que a Bíblia tem uma "magia" para protegê-lo das balas. O hindu que escreve suas orações num papel e mastiga-o para depois jogá-lo aos pés de um ídolo, esperando que assim serão aceitas, também está agindo como animista. O mesmo é verdade para os católicos que fazem do crucifixo, dos santos e das imagens ídolos. Quando o homem de letras despreza o animista que vive nas selvas, mas evita cruzar o caminho de um gato preto porque dá azar, ele mesmo está se fazendo igual àqueles que despreza.

As Diferenças Entre o Animismo e as Demais Religiões do Mundo

Poderíamos agora pensar que, depois de termos visto que a maioria das pessoas misturam o animismo com suas religiões, tudo então não passa de um animismo disfarçado. Porém, há algumas distinções que podem ajudar a classificar as religiões do mundo em comparação ao animismo. São elas:

1. Um sistema de credo mais ou menos organizado;
2. A existência de um princípio que unifica a religião, ou seja, uma divindade comum a todos;
3. Um credo escrito e aceito como sagrado;
4. A crença de que a vida tem sentido e razão.

Não é possível estudar detalhadamente aqui o islamismo, o budismo, o hinduísmo, o xintoísmo e as outras religiões maiores. Por enquanto, basta dizer que, como essas religiões têm traços de animismo por causa da sua universalidade, da mesma forma é muito perigoso misturar-se o cristianismo com o animismo. E isso pode acontecer sem que se perceba. Por isso, é que muitos pensam que é pela ceia que são perdoados e salvos; que o batismo é a entrada para uma sociedade mística, a igreja, e assim preocupam-se somente

com o prestígio de pertencerem a um determinado grupo especial. Pessoas que assim pensam nada têm que ver com o Filho de Deus — Jesus Cristo. Para tais, o cristianismo não é perdão, vida transformada, senhorio de Cristo, mas uma obediência a vários regulamentos para agradar a uma divindade distante e impessoal. A importância é dada aos objetos ou aos ritos, fazendo os "animados" — com poder em si. Essas pessoas não tem fé em Deus, mas, sim, no visível, no material.

A Missão Cristã e as Religiões do Mundo

Neste capítulo, notamos vários problemas importantes que a missão cristã enfrenta em cada cultura. Mais problemas serão mais bem estudados no último capítulo. Porém, queremos aqui destacar dois deles. Veremos situações que deixam transparecer a importância do conhecimento das culturas religiosas dos povos por parte dos missionários, antes de se ter uma penetração real em seu meio.

O que fazer quando mais de 10.000 pessoas afirmam que aceitaram o cristianismo, todas de uma só vez? Tal caso certa vez aconteceu na Ásia. Um feiticeiro ouviu sobre o evangelho o suficiente para entender que ser cristão era deixar de fumar ópio, beber cerveja e ser maldoso. Pregando isso, ele batizou aldeias inteiras. Os missionários cooperaram, mandando evangelhos para os "novos convertidos". Esses livros receberam muito valor e por isso foram todos guardados em caixinhas de bambu. E o povo celebrou sua nova fé com grandes festas. Mas, não muito tempo depois, o feiticeiro casou-se com uma segunda mulher e abandonou o movimento, levando consigo grande porcentagem dos "convertidos". Tudo o que restou foi o medo de que o nome da pessoa fosse "tirado do livro".

Tais movimentos de massa têm feito surgir dúvidas nos missionários. Pode acontecer, de verdade, que muitas pessoas aceitem Cristo rapidamente? Ou tais movimentos são todos levianos, como este aqui mencionado? Um missionário da África quase não acreditou quando um homem lhe disse que voltaria na semana seguinte com a família toda. Quando ele voltou, com mais 47 pessoas (suas 5 esposas e seus 42 filhos), todos confessaram sua fé em Cristo. Na Índia, às vezes aldeias inteiras têm aceitado, de uma só vez, o cristianismo. Tais decisões são genuínas? Em certas

sociedades, porém, há ligações culturais tão estreitas, que tal ação de Deus, em muitos corações de uma só vez, é facilitada. Por isso, precisa-se tomar muito cuidado para não rejeitar algo que, no final das contas, é plenamente verdadeiro. Por outro lado, não se deve também confiar num movimento emocional, superficial e vazio como o daquele feiticeiro. Precisa-se muito de discernimento para saber o que é verdadeiro e o que não é. O discernimento é uma ferramenta essencial para que o missionário possa conhecer a cultura religiosa de outro povo. É também uma ferramenta essencial para se distinguir se uma determinada decisão é somente social, egocêntrica ou se é mesmo motivada por um profundo arrependimento dos pecados e um desejo pessoal de aceitar Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

O conhecimento dos sistemas religiosos dos povos é muito importante para o missionário. Ele tem de se comunicar em termos que o povo entenda, para que este possa ouvir o verdadeiro sentido do evangelho.

Porém, há outra frente de atuação. As religiões, começando com o animismo até as mais sofisticadas estruturas religiosas, tem, como outras partes da cultura, os vestígios da revelação divina e o efeito da ação satânica. Dependendo da distância, o domínio satânico pode ter grandes dimensões. O missionário terá de estar preparado, não só com seus estudos culturais, mas com a armadura de Deus e as orações dos santos (Ef 6.10-20). Há um encontro de poder, quando se chocam o Espírito Santo no servo de Deus e as hostes malignas. Graças a Deus, em Cristo a batalha já está ganha, e os demônios não têm forças para resistir à atuação de Deus, por intermédio dos membros da Igreja de Jesus Cristo!

7

A Estética

Não se tem uma idéia exata do Zaire até se ouvir um guarda-noturno, no silêncio da noite, tocar uma melancólica melodia com seu instrumento, feito dos fios metálicos de um guarda-chuva, numa caixa de madeira ressonante. Por seu lado, os picos dos Andes permanecem monumentos silenciosos e frios até que um solitário pastor de ovelhas toque a sua flauta, que reverbera nos vales e nas montanhas, fazendo viver toda a cena. As notas cristalinas espalham-se pelo eco, de penhasco em penhasco, até receberem uma resposta de outro pastor, lá no alto.

A Tailândia não é realmente a Tailândia sem as suas cores requintadas e a beleza exótica dos seus templos. Em contraste, temos a formosura delicada de três pequenas flores com dois ramos de feto, num arranjo tipicamente japonês. Os balineses expressam sua sensibilidade estética nas danças graciosas de suas moças e também no idealismo da suas esculturas de madeira que estão entre as mais belas do mundo.

A estética tem sido parte integrante do *homem* desde o início da sua história. As gravações em pedra, a arquitetura e a escultura dos povos pré-letrados demonstram uma grande criatividade, bem

como sua habilidade de exprimir a beleza artística. Cerâmica, tapetes, roupas e jóias têm sido descobertas que a ciência moderna nem sequer consegue reproduzir.

Todos os Homens São Artistas

A expressão do senso estético é um dos componentes universais do comportamento humano, mas tal expressão nunca é predizível, variando de povo para povo. Pode tomar a forma de pinturas em rochas, como entre os bosquímanos, ou, como entre os hotentotes, ser expressa em danças imitativas. Alguns povos, como os das ilhas Marshall, gostam de flores, mas outros, como os ifugaos, não têm nenhuma apreciação por elas. Mas, de uma maneira ou de outra, todos os povos expressam o seu senso estético e, às vezes, até de maneiras que nós nem percebemos. As mulheres do Ocidente, por exemplo, procuram sempre estar na última moda. Usam roupas bonitas, se pintam e as que podem também usam jóias caras. As que não podem usam, pelo menos, alguma bijuteria. Uma mulher dinka gosta de colocar barro vermelho e branco no cabelo, adornar-se com pulseiras de marfim e colares de contas e também usar pintura no peito e no rosto. Mas não é porque tal costume seja para nós estranho que se torna antiestético. E, por serem a nós estranhos, muitas vezes esses costumes nos passam despercebidos, notados apenas como curiosidade ou motivo de pilhéria.

De acordo com a nossa cultura, distinguimos entre as pessoas aquelas que são "artistas". Geralmente, para nós, o artista é aquele que ou pinta, ou escreve, ou toca, ou canta, etc. Ele é um especialista estético. No entanto, o senso artístico em si tem uma extensão muito maior e pode ser expresso de muitas outras maneiras. O mesmo senso se manifesta quando uma mulher arruma bem a casa ou quando um jardineiro trabalha num jardim a fim de embelezá-lo. Nossa roupa, nosso cabelo, nosso carro, nossa arquitetura, etc. são expressões estéticas, e isso não falta em nenhuma cultura.

A Moda É Determinada Pela Cultura

Os escultores de madeira de Ponapé, do Bali e do Zaire podem ter a mesma equivalência de capacidade, mas o estilo de cada um é

bem diferente do outro. Para esculpir uma cabeça humana, o ponapeano usa linhas retas e narizes compridos. O resultado é uma obra de grandes e grosseiras proporções. O artista balinês esculpe com atenção especial aos detalhes preciosos e menores. É um trabalho etéreo e idealista. Já o artista do Zaire esculpe uma cabeça toda torcida mas caprichada e, com sua arte, comunica muito mais do que parece à primeira vista. Tais produções não são determinadas por uma herança biológica, mas sim pelo que é aceito na cultura de cada artista. Cada obra leva consigo as características pessoais de quem a produziu, mas a maneira como foi produzida é em sua maior parte ditada pela cultura.

Os estilos mudam? Claro que sim, mas nunca transpondo os seus limites culturais. Estes determinam a elasticidade das modificações e os desenvolvimentos estilísticos. Os estilos dos vestidos femininos no Ocidente, por exemplo, mudam em ondas regulares, que vêm e voltam. Numa época, a moda é a saia curta, noutra é a saia comprida. Uma época é de saias rodadas, a outra de saias apertadas, e assim por diante. Considerando essas modificações na cultura da mulher brasileira, vemos que são plenamente aceitáveis e nunca chegam a transpor os limites culturais para se usar uma roupa como o *sari* indiano, ou o *kimono* japonês, ou os lençóis dos shiluks.

O Primitivismo Não É Arte Imatura

Um pensamento muito errôneo, que até chega a revelar ignorância, é de que os povos pré-letrados não tinham (e não têm) capacidade artística. Temos milhares de descobertas de exemplos artísticos que demonstram que os seus produtores eram pessoas altamente capacitadas neste sentido. Geralmente, os povos indígenas não sabem usar papel e lápis para desenhar (e por isso temos a tendência de julgá-los incapazes), mas uma mulher das ilhas San Blas pode coser desenhos incomuns e extraordinários — como não encontramos no Ocidente. Arte não são somente desenhos, mas também o uso habilidoso de certos materiais. Os esquimós talham desenhos em marfim com tamanha simplicidade e com tanto realismo, que ganharam, merecidamente, fama mundial.

Artistas das Palavras

Desenhos e gravuras não são os únicos modos de expressão estética. Poetas, escritores e cantores, através de gerações, têm expressado ao mundo a sua estética por instrumentalidade da palavra, tanto escrita como oral.

Lendas, mitos e fábulas são as formas mais comuns desse tipo de arte. As estórias infantis, provérbios e poesias têm atravessado o tempo, às vezes modificados, mas ainda encantam pessoas de todas as idades.

Ritmos e Melodias

A música também difere de cultura para cultura. Muitos missionários tentam impor a sua própria música à nova cultura — às vezes sem o discernimento do que é certo e do que não é. Mas, simplesmente porque a música é diferente, isto não indica que ela é "do diabo". Por outro lado, músicas usadas em danças cerimoniais pagãs de rituais espíritas ou como expressão mundana não devem ser usadas pela igreja. Por isso, temos de saber o significado que cada música tem na sua sociedade, usando as que realmente levam as pessoas a glorificarem o Senhor com o verdadeiro louvor e gratidão que fluem do coração.

A Dança e o Drama

A dança é uma arte muito expressiva. Davi dançou expressando louvor e alegria diante de Deus. Para os hopis, a dança das cobras é muito mais do que uma simples diversão, pois encerra em si um drama representativo de relações espirituais. As festas da Páscoa, em muitos lugares, são celebradas com danças que dramatizam os acontecimentos religiosos do passado.

Desde as épocas mais antigas, chegaram até nós registros de muitos dramas sobre a vida diária, os problemas do amor e outros relacionamentos sociais, dos deuses e seus atos. Cada época, em cada lugar, tem sua própria maneira de expressar seus pensamentos e valores.

A Missão Cristã e a Cultura Estética

Talvez os erros mais freqüentes dos missionários tenham sido cometidos justamente na área da cultura estética. A maioria dos missionários supõe que os métodos de louvor de suas próprias igrejas é que são válidos universalmente. Até a ordem do culto se torna uma doutrina que deve ser obedecida por outros povos. Tudo isso é muito prejudicial, porque aquilo que há de bom na cultura local é tido sem valor e desprezado.

Há certa verdade na afirmação de alguns missionários de que, sem certos limites, "os nativos vão se descontrolar" (fazer barulho demais ou orar prolongadamente, etc.). Mas eles dizem isso por acharem que a forma de seus próprios cultos é que é correta, a única de acordo com a Bíblia. Contudo, em grande parte, *nossos* cultos hoje são bem diferentes dos da igreja primitiva. É interessante também notar que nos grandes movimentos da Igreja, através dos séculos, foram adotadas certas formas de culto um tanto diferente das da igreja primitiva, como também das formas de hoje. Muitas vezes, o problema é a falta de despertamento espiritual dos missionários que, vendo os nacionais despertados, tentam controlá-los para que eles, os missionários, não sejam criticados. O que os missionários, às vezes, julgam ser radicalismo ou fanatismo pode ser uma expressão de louvor e de vida cristã aceita e agradável aos olhos de Deus.

Em muitos lugares da África, é comum uma pessoa contar uma história em forma de cântico, com toda a igreja repetindo a primeira linha de cada estrofe. É uma maneira excelente de gravar a lição da escola dominical, mas alguns missionários se recusam a usar tal método porque é "diferente" e "pagão". O fato é que os africanos fazem isso constantemente, com temas tanto seculares como religiosos (e muitas vezes com temas de gozação sobre os "esquisitos missionários estrangeiros").

Certo representante de uma missão, chegando à África, foi avisado de que a igreja local havia preparado uma dança de três horas em sua honra. Ele ficou todo desajeitado. O que devia fazer? Ir ou não? Para ele, dançar era pecado. Ele foi. Diante dos seus olhos, desenrolou-se um drama muito bem montado, mostrando a chegada dos missionários brancos, suas dificuldades com a língua, os problemas nas viagens — especialmente com os carros velhos da missão. E, para finalizar, dramatizaram a mensagem do

evangelho e a transformação operada na vida daquele povo. Tudo isso diante de milhares de pessoas que contemplaram o que é um cristianismo dinâmico.

O quanto das realizações estéticas do povo que deve ser empregado na sociedade cristã depende da atitude dos crentes locais. Nada que é artificial ou estranho deve ser imposto sobre eles, e também não deve ser tirado qualquer aspecto cultural de valor. Isto quer dizer que, sob a direção do Espírito Santo (e não da imposição de uma missão estrangeira), o povo evangelizado deve ter a oportunidade de escolher, para si mesmo, as formas de expressão estética mais harmônicas com sua nova fé.

8

A Lingüística

Todas as línguas, no mundo inteiro, têm milhares de palavras e uma complexa gramática. Muitos pensam que as línguas indígenas são simples, mas se esquecem de que algumas das línguas mais difíceis são as dos índios. A língua dos navajos, dos Estados Unidos, por exemplo, é tão complicada, que poucas pessoas de fora conseguiram aprendê-la. No Brasil, não é diferente. Falam-se, ainda, de 100 a 120 línguas indígenas. Cada uma delas é uma língua distinta das demais, e são todas inteiramente adequadas à total expressão individual e social, no meio físico e cultural onde as tribos vivem. Isso equivale a dizer que esses povos pré-letrados possuem a capacidade de se comunicar como nós, e que a língua que falam não é formada de ruídos ou de sons animalescos.

É lógico que, numa cultura, não há palavras para coisas que não são conhecidas, até que o sejam. Por isso, a língua dos povos pré-letrados aparenta uma limitação de expressão quanto aos inúmeros objetos da "vida civilizada". Os shipibos não tinham palavra para "barco a motor" e "avião", até que viram uma amostra de cada um. Quando, então, os primeiros navios a vapor subiram seu rio, o Ucayali, os shipibos chamaram-nos de "canoas de fogo". Igual-

mente, quando os primeiros aviões começaram a chegar, pousando nas águas do rio, chamaram-no de "canoas voadoras de fogo".

Pode faltar vocabulário para designar coisas desconhecidas, mas há certa compensação numérica de palavras para coisas conhecidas, em relação a outras línguas. Por exemplo, os nativos das ilhas Marshall possuem mais de 60 palavras só para descrever as diferentes partes de um coqueiro. Para as fases do crescimento do coco, há mais de 12 palavras. Não há equivalentes na língua portuguesa para tantas palavras. Por isso, também, é que as línguas dos povos letrados apresentam deficiências de expressão para coisas desconhecidas. Esse fenômeno está condicionado ao meio físico em que cada povo vive e ao sistema de vida de cada um.

O estudo especializado da lingüística tem se desenvolvido muito nos últimos anos. Há muitas descobertas de novas línguas (chegando o número delas a quase seis mil), e com isso surgem novos métodos de análise, tradução e aprendizagem. Cada missionário precisa estar bem equipado, também lingüisticamente, para poder aprender a língua do povo entre o qual vai trabalhar: assim pode-se atravessar as barreiras de comunicação e realmente expressar o amor de Deus para com o povo.

A Língua é um Sistema Arbitrário

O que um signo lingüístico (geralmente chamado de som) significa para um povo, para outro pode ter um significado totalmente diferente. Não há uma lei fixa que determine que o signo lingüístico tem que significar isto ou aquilo. Cada povo os usa conforme seus próprios sistemas. Por exemplo, nós gritamos "ai!" quando sentimos dor, mas os norte-americanos, para expressarem a mesma coisa, dizem "ouch!" Para nós, os cachorros latem fazendo "au-au", mas para os kipsigis, do Quênia, os cachorros fazem "u-u".

Assim é que, por exemplo, a idéia de "boi" não tem relação nenhuma com a seqüência de sons b-o-i. Esta idéia poderia ser representada por outra seqüência, não importa qual. Prova disso são as diferenças existentes entre as línguas: o espanhol designa o boi com a palavra "buey", o francês, com "boeufs", e o inglês, com "ox".

Mas, quando dizemos que o signo lingüístico é arbitrário, não queremos dizer que o falante de uma língua pode usar qualquer seqüência de sons para expressar suas idéias. Desde que o grupo

lingüístico estabeleceu que, por exemplo, a idéia de "boi" deve ser representada pela seqüência de sons b-o-i, isso não pode então ser de maneira nenhuma mudado arbitrariamente por uma pessoa.

A língua é, pois, um sistema arbitrário, não somente a nível fonológico, mas também gramatical. Nós, brasileiros, quando queremos dar ênfase, repetimos a palavra, como, por exemplo, quando dizemos "muito, muito bom". Os ingleses também, neste aspecto, possuem um sistema semelhante ao nosso, pois enfatizam com a repetição: "very, very good". Porém, na língua iligaynon, nas Filipinas, a repetição de palavras tem significado oposto aos exemplos acima citados. A repetição, para eles, significa menos ênfase. Por isso, a tradução da expressão bíblica "em verdade, em verdade", naquela língua, é justamente o oposto do que é em português, pois, se assim fosse traduzido, estaria significando menos verdade do que é.

As expressões idiomáticas também são diferentes de língua para língua. Por exemplo, nós dizemos que se coloca a linha (de costurar) no "fundo" da agulha. Já os norte-americanos dizem que deve ser no "olho" da agulha. Os otomis, do México, dizem: na "orelha" da agulha, e os kekchis, da Guatemala, dizem: no "rosto" da agulha.

O conceito de "futuro", para nós, é algo que está na "frente", e o "passado" está "atrás". Mas os quechuas, do Peru, invertem este conceito, dizendo que o futuro está atrás, e o passado, na frente. Por isso, alguns estrangeiros dizem que os quechuas não têm muita capacidade de raciocínio. (Por sinal, esse tipo de julgamento é muito perigoso, pois não tem base científica e também porque não se conhece a razão fundamental do fato.) Mas os quechuas explicam: Se você olha para o passado ou para o futuro, qual dos dois pode enxergar? A resposta é que você pode "ver" o passado e não o futuro. Lógico! Se você pode ver o passado, então é porque o passado está na sua frente. E, se você não pode ver o futuro, é porque ele está escondido atrás de você! (pois quem tem olhos atrás da cabeça?). Não deixa de haver razão; apenas é diferente.

Para nós, uma pessoa com um "grande coração" é alguém generoso, de "mão aberta". Mas, para os huaves, é alguém que tem "coragem" e, para os tzeltales (ambos do México), é uma pessoa "perdoadora". Já para os shiluks, uma pessoa com um grande coração é um "pão-duro", e uma pessoa com um "coração pequeno" é generosa. A razão desse pensamento está no fato de eles entenderem que alguém que guarda tudo para si guarda no coração

— e, assim fazendo, o coração cresce, fica grande. Então, alguém que dá tudo que tem no coração fica com o coração pequeno. Claro!

Apesar dessa arbitrariedade da língua, há outra verdade também: cada língua de per si tem seu sistema exato, com suas "irregularidades" próprias (verbos irregulares, palavras femininas com terminação masculina e vice-versa, etc.) e suas regras, que precisam ser entendidas e obedecidas por alguém que quer aprendê-la.

As Línguas Sempre Mudam

As línguas estão sempre sofrendo modificações através de mudanças do sentido das palavras, de aspectos gramaticais, substituições e empréstimos de palavras de outras línguas. "Hambúrguer" e "sundae" são palavras emprestadas do inglês, assim como "pizza" e "espaguete" são emprestadas do italiano. Novos vocábulos têm surgido no linguajar do povo para designar novas realidades. Por exemplo, as palavras "moto" e "motoqueiro" têm uso bem recente na nossa língua.

Outra mudança que está ocorrendo agora no Brasil é o uso de pronomes do caso oblíquo para iniciar a oração. Por exemplo, diz-se: "Me dê dois pão", em vez de: "Dê-me dois pães". Observe, também, que o plural da palavra "pão" está caindo de uso, assim como de quase todas as palavras. Essas mudanças que estão ocorrendo no linguajar cotidiano têm a tendência de se perpetuar e, daqui a alguns anos, poderão tornar-se o padrão normal da língua.

Quando um grupo falante de uma mesma língua se separa e fica sem contato nenhum com a outra parte, passado certo tempo, cada uma dessas partes estará falando duas variantes da mesma língua: haverá dois dialetos. Vieram da mesma língua, mas a separação geográfica impediu que as mudanças que foram ocorrendo numa parte se tornassem conhecidas da outra. Assim, surgem novas línguas. Ao processo de mudança da língua através do tempo dá-se o nome de "deriva".

O Sentido das Palavras Reflete a Cultura

A palavra "ano", para os quechuas, significa, literalmente, "amarrar o sol". Não se pode entender este caso lingüístico sem

entender a sua cultura. Acontece que os quechuas usavam uma série de cordas coloridas para registrar fatos e acontecimentos, e uma dessas cordas, a do sol, servia para marcar os anos. No final da contagem, eles davam um nó naquela corda, para indicar que mais um ano havia se passado. De acordo com esse costume, foi que surgiu o termo "amarrar o sol", equivalente à idéia de "ano".

No Brasil, chamamos a primeira refeição do dia de "café". Mas, nos Estados Unidos, a primeira refeição do dia denomina-se "breakfast" (quebrajejum). Nestes termos, há uma grande lógica, pois os brasileiros tomam apenas café com leite e pão ou apenas café. Mas o norte-americano come ovos, torradas, batatas, carne, cereais, geléias, mel, frutas e toma sucos, leite ou café (lógico que geralmente não tudo num mesmo "breakfast") — um verdadeiro "quebrajejum".

Certa menina definiu o "amém" como "agora você pode abrir os olhos". Criada num ambiente em que sempre se orava de olhos fechados, abrindo-os depois da palavra final "amém", ela só podia entender dessa maneira a referida palavra. Para ela, o contexto definiu a palavra.

A Linguagem: Parte, Mecanismo e Modelo da Cultura

A linguagem não é apenas uma parte da atividade humana. É o aspecto mais característico do comportamento humano, e o uso de línguas distintas é certamente o mais óbvio aspecto que distingue as culturas humanas. Alguns países têm mais de uma língua, como a Suíça, por exemplo, onde se fala o francês, o italiano e o alemão, ou como a antiga URSS, que tinha, oficialmente reconhecidos, quarenta e seis grupos que falam línguas distintas. Isso significa que cada um desses grupos, que fala uma língua distinta dos demais do mesmo país, tem uma cultura diferente, a qual é fortemente evidenciada pela própria língua que fala. Por outro lado, há pessoas que aparentemente falam a mesma língua e que pertencem a países e culturas diferentes. Exemplo disso é o que acontece com o português falado em Portugal, no Brasil, na Guiné-Bissau, em Angola, em Moçambique e no Timor. Pelo fato de aparentemente todas as pessoas desses países falarem a mesma língua, poder-se-ia pensar que todos têm a mesma cultura. Mas a verdade é que, apesar

de usarem o português, cada país, de per si, fala um português diferente do outro, com características próprias e definidas, que reflete cada uma dessas culturas.

Estamos vendo, assim, que há uma forte ligação entre a língua e a cultura. E o significado que a língua tem, como atividade dinâmica e símbolo cultural, é fortemente exemplificado em países como Israel, onde a antiga língua hebraica foi restaurada quando os judeus voltaram para sua terra em 1948, para reedificar o Estado de Israel. Ou como na Irlanda, onde muitos querem restabelecer sua língua original, ou ainda como entre alguns índios dos Estados Unidos, que se recusam a aprender e usar o inglês. A língua está ligada ao forte sentimento de patriotismo, união e lealdade ao "meu grupo".

Essa ligação entre língua e cultura pode ser tão forte, a ponto de causar até uma completa imposição, como esforço para promover o nacionalismo. Foi o que ocorreu na Turquia. Essa nação, depois de conseguir sua independência, esforçou-se por aniquilar as suas origens árabes e persas. Por isso, aprovou-se uma lei, obrigando todo jornal ou revista a usar cem por cento de palavras turcas. Isso resultou num completo caos, pois as sentenças escritas totalmente em turco eram ininteligíveis. Para solucionar o problema, foram criadas palavras turcas para substituir as árabes e persas, e assim foi compilado um novo dicionário. A confusão aumentou ainda mais porque os jornalistas e escritores tiveram de traduzir a língua comum para a língua nova, para se comunicar. Depois, o povo se viu obrigado a consultar os dicionários e de novo traduzir o que liam na nova literatura turca. O problema foi resolvido quando certo homem anunciou uma "descoberta científica". Ele alegou que as primeiras palavras que existiram no mundo eram turcas; que a origem de todas as línguas era a língua turca. Ele conseguiu dois cientistas que concordaram em publicar oficialmente essa "descoberta", explicando para o povo que foram os persas e os árabes que tomaram emprestadas as palavras dos turcos, e não o contrário. Com isso, não houve mais problema em usar qualquer palavra de qualquer língua do mundo, inclusive persa e árabe. Assim, o governo turco conseguiu sair de uma situação muito difícil e, contudo, reafirmar a grande ligação existente entre sua língua e sua cultura.

Já como mecanismo de transmissão de uma cultura, a língua tem prioridade. Só de observar um artefato não se descobre qual a sua função e modo de produção, por exemplo. É necessário uma explicação verbal para se entenderem tais fatos. Nas áreas religiosas

e sociais das culturas, a língua é indispensável para transmitir não somente a forma externa, mas, também e principalmente, o seu conteúdo e o seu valor subjetivo. Uma prova da importância da língua no mecanismo de transmissão de uma cultura está no fracasso da penetração do evangelho em culturas onde ele não foi traduzido para a língua do povo. O livro *Manuel, o Índio Diplomata*, produto de trabalho do Instituto Lingüístico de Verão, é uma história que demonstra muito bem a absoluta necessidade do aprendizado da língua do povo — não a língua oficial do país, mas a língua nativa de um povo para transmitir o evangelho com eficácia. Manuel não podia *compreender o* professor do governo nem o missionário quando eles falavam em castelhano, pois ele entendia só superficialmente essa língua, que era bem diferente da sua língua tribal. Mas, quando um missionário chegou e aprendeu a sua língua nativa, Manuel teve compreensão verdadeira do que lhe era transmitido, inclusive do evangelho. Tanto ele como outras pessoas se converteram por causa do missionário que comunicou o evangelho na língua que eles podiam realmente entender.

Não são poucos os brasileiros que acreditam ser possível transmitir o evangelho para os nossos índios em português. Contudo, é claro que o português que os índios sabem falar, em geral, resume-se a um vocabulário meramente comercial, enquanto o vocabulário para designar as realidades espirituais só pode ser encontrado por eles mesmos na sua própria língua. Assim, é necessário haver missionários dispostos a se dedicar o bastante para aprender uma língua indígena (considerando-se que a maioria ainda não tem nem escrita), para depois poder falar efetivamente do evangelho. Assim, a mensagem de Cristo poderá ser transmitida de forma compreensível e suficiente para operar a fé nos corações.

Além de veículo transmissor da cultura, as línguas também são modelos da cultura. A Inglaterra é um bom exemplo. O tipo de inglês que uma pessoa fala é o indicador de sua posição e classe social (além da região onde nasceu e cresceu). Se um inglês fala com sotaque acadêmico de Oxford, ele fala o inglês do tipo mais sofisticado e deve ser uma pessoa de alta posição social e bom nível cultural (usando "cultural" em nosso sentido brasileiro de grau de estudo e educação). Mas os que falam o inglês "cockney" geralmente são os pobres, da classe mais baixa de Londres. Entre esses dois extremos, há vários outros tipos, todos indicando a situação social e geográfica de cada um.

No Brasil, quando ouvimos uma pessoa falar com sotaque "caipira", logo a identificamos como alguém que pertence à classe rural ou a uma cidade do interior.

Certas expressões revelam distinções culturais. Assim, às vezes, podemos ver o passado de um povo indicado por meio dessas expressões, mesmo quando a cultura já mudou e aquelas expressões não possuem mais sentido real. Os maias, de Yucatã, por exemplo, chamam as ovelhas de "veados de algodão". Isso é prova de que, antes da chegada dos espanhóis àquela região, eles não tinham ovelhas, mas tinham o veado. Através de uma associação de idéias, descreveram a ovelha em termos já conhecidos deles: a ovelha se parece com o veado, mas tem "algodão". Então chamaram-na "veado de algodão".

Outro exemplo desse fato é o que se dá no Canadá, onde muitos índios não têm um termo para "cavalo". Eles usam para os cavalos o mesmo termo que usam para os cachorros. Por quê? Porque antigamente os animais de carga eram os cachorros.

Também nós, quando nos referimos à aviação, algumas vezes usamos o termo "aeronáutica". Mas náutica relaciona-se com navio. Por que, então, aeronáutica para a aviação? Porque antigamente tínhamos apenas navios. Então, quando chegou o avião, descrevemo-lo em termos conhecidos, próprios da nossa cultura: "um navio que voa"!

Falar e Ser Entendido

A maneira de se utilizarem os sentidos das palavras é diferente de uma cultura para outra. Certa vez, um português pregava para um grupo de jovens brasileiros e dizia que as igrejas devem "dar à luz", quando, na verdade, ele queria dizer que a igreja deve ser luz no mundo. Os seus ouvintes tinham de conter o riso, porque entre eles a expressão se aplica ao nascimento dum nenê!

Por muitos anos, uma missionária norte-americana dizia: "Dormi como um pau", quando no Brasil todos dizem: "Dormi como uma pedra"! Aos nossos ouvidos tal expressão soa bem estranha. Certa vez, um pregador falava sobre a oração a sós. Ele usou a palavra derivada do inglês que significa "sós" e disse que devemos fazer oração na privada (em inglês, "private")! No entanto, não se esqueça de que você também, quando estiver aprendendo outra língua, dirá

muitas coisas engraçadas, que serão motivo de riso por muito tempo!

Em Romanos 4.7, lemos: "Bem-aventurados aqueles cujas iniqüidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos". Para nós, "cobrir pecados" significa perdoar pecados, mas, para os iligaynons isso significa que os pecados estão *escondidos* de Deus, como se esconde algo de uma pessoa. Também, pela expressão de Lucas 3.7: "raça de víboras", entendemos que Jesus estava fazendo uma severa crítica, mas tal expressão, se for traduzida literalmente para o balinês, estará dando a entender que Jesus estava elogiando os fariseus. Para eles, a víbora é um animal sagrado do paraíso.

Para comunicar idéias, não é suficiente fazer uma tradução literal, palavra por palavra, de uma língua para outra. Por exemplo, a tradução literal da frase inglesa "What time is it?" é "Que tempo é esse?", mas o sentido real é "Que horas são?" Para se perguntar "Quantos anos você tem?", em inglês, se diz "How old are you?", que literalmente significa "Quão velho é você?" Precisamos, ao contrário, fazer uma tradução idiomática, que comunique o sentido real da idéia que queremos transmitir, antes de mais nada. "Não é muito clara", foi a resposta de um homem da Polinésia, quando lhe perguntaram se ele havia entendido uma tradução literal das Escrituras. Uma tradução verdadeira é aquela que primeiramente traduz o sentido e, depois, o estilo do original. O estilo não tem lógica se, em primeiro lugar, não se comunicar o sentido verdadeiro da palavra. Temos de fazer substituições culturais.

Os seguintes problemas envolvendo importantes fatores de "substitutos culturais" precisam ser entendidos, se quisermos comunicar efetivamente a mensagem bíblica noutra língua.

1. *A soma de 2 e 2 talvez não seja 4*

Não se pode somar as palavras, e então ter o sentido verdadeiro da frase. Se assim for traduzida, a frase "amontoar brasas vivas sobre a cabeça" pode acabar sendo entendida literalmente por certas tribos indígenas, e o resultado seria desastroso: muitas pessoas morreriam de forma horrível! Temos de entender que esta expressão é figurada e dificilmente deverá se traduzida literalmente. A tradução desse tipo de expressão é difícil por causa dos diferentes sentidos que pode ter de cultura para cultura, e nem sempre é fácil achar uma expressão equivalente naquela cultura. "Fechar seu coração", de 1 João

3.17, para os chols, quer dizer "ter convulsões epiléticas"! Depois de muitas tentativas, os tradutores tiveram de deixar sem tradução a figura de linguagem, fazendo apenas a tradução do sentido: "e não lhe der nada". Este é um caso em que o substitutivo cultural não foi encontrado.

Para as tribos do México, Jesus é a *"tortilla* da vida", substitutivo cultural de o "pão da vida". Por quê? Simplesmente pelo fato de que o pão deles chama-se *tortilla.* Mas essa substituição é o suficiente para tornar a Palavra de Deus muito mais penetrante e muito mais clara também.

2. *Semelhanças ilusórias*

Às vezes, parece que há equivalência de sentido em palavras semelhantes de uma língua para outra, quando na verdade os sentidos são totalmente diferentes. Um exemplo disso é o que acontece com a expressão "bater à porta", entre os zanakis, da Tanzânia. Só bate à porta quem é ladrão. Eles chegam à noite às casas, batem à porta e, se alguém responder, correm para se esconder. Se ninguém responde... Já um homem honesto chega à porta e não bate, mas chama pelo nome as pessoas daquela residência. Por isso, se alguém traduzir literalmente Apocalipse 3.20: "Eis que estou à porta, e bato...", para os zanakis, Jesus seria um ladrão! Para eles, a tradução deve ser assim: "Eis que estou à porta e chamo".

Nós entendemos que a expressão "debaixo da lei" refere-se à jurisdição da lei. Os moradores das ilhas Marshall também têm as palavras "debaixo" e "lei", mas a frase "debaixo da lei" quer dizer algo que é "ilegal" e não "legal". Por isso, a tradução de Romanos 6.15, por exemplo, foi feita da seguinte maneira: "aquele que faz o que a lei manda".

O missionário tem de distinguir entre as formas que podem e as que não podem ser modificadas para esclarecer o verdadeiro significado do conceito original. Formas gramaticais ilustrativas, literárias e metafóricas podem ser trabalhadas. No entanto, a linguagem e as formas ligadas à história, ou símbolos relacionados com a história, logicamente, não podem ser modificados. Por isso não seria lícito modificar a expressão "o Cordeiro de Deus", refere-se a Jesus, para "o Porco de Deus". A palavra "cordeiro" está intimamente relacionada com o sistema sacrificial na história de Israel, tendo um significado inseparável do referencial original. Já a palavra

"porco" conotava "imundo" e "proibido" para os israelitas. Se os novos discípulos não souberem o que é um cordeiro, não será difícil explicar-lhes todo o sentido desse símbolo sob o ponto de vista judeu. O mesmo ocorre com muitas outras situações bíblicas, como, por exemplo, a morte de Jesus. Não poderíamos dizer que Jesus foi "enforcado", apenas porque desconhecemos o método da crucificação em nossa cultura. Mas podemos aprender como se dava a morte por crucificação e por que Ele morreu. Assim como Jesus não foi enforcado, porcos também nunca foram sacrificados a Deus pelos judeus, mas sim cordeiros.[1]

3. *Uma parte não é suficiente*

É importante lembrar que, às vezes, uma palavra traduzida em outra língua pode ter somente uma parte do sentido original. Precisamos conhecer bem todos os componentes de significado das palavras da língua que estamos usando para transmitir o evangelho.

4. *Sem graça?*

Um missionário que trabalhava em certa região africana traduziu "Espírito Santo" por "sopro limpo" para uma língua local. Ele havia lido num dicionário que a palavra grega para espírito ("pneuma") significava "sopro". Contudo, para aquele povo, "sopro" não significa espírito, mas sim um sopro de respiração duma pessoa — um mecanismo apenas físico. Então, quando ele juntou esta palavra a "limpo", a expressão mais aproximada para "santo", o missionário estava transmitindo algo sem sentido, ao invés de estar ensinando sobre o Espírito Santo.

5. *Cuidado com palavras emprestadas!*

Quando, numa língua indígena, faltam certos termos, a tendência é tomar emprestadas palavras de outra língua, muitas vezes do próprio original grego (como acontece muito com a nossa tradução clássica da Bíblia). Mas é muito perigoso fazer isso, mesmo que

[1] Para mais detalhes, consulte J. Beekman e J. Callow, *A Arte de Interpretar e Comunicar a Palavra Escrita: Técnicas de Tradução da Bíblia*, Ed. Vida Nova, 1992.

aparentemente as palavras tenham o mesmo sentido ou sejam escritas de forma parecida. Antes de mais nada, é necessário discernir cuidadosamente com que sentido as palavras emprestadas estão sendo empregadas e só usá-las quando realmente não há a palavra que se quer na língua original, com um adendo explicativo.

Por exemplo, os zapotecas usam a palavra "domingo" na forma escrita "dumingo", mas que significa "dança" e não um dia da semana. Os astecas usavam a palavra "glória", mas para significar alvoroço. Para eles, a palavra para "Dios" é "sol". Por isso, os missionários traduziram João 3.16 assim: "Porque o sol amou ao mundo de tal maneira..." Outro exemplo que bem mostra o perigo destas palavras é o uso da palavra "esquisito" em espanhol e em português. Para nós, "esquisito" significa diferente, estranho, isto é, tem uma conotação negativa. Já em espanhol, esta mesma palavra significa, além de uma coisa diferente, uma coisa maravilhosa! Assim é que um chileno, visitando uma casa brasileira, elogiou o almoço, dizendo: "Esta comida está muito esquisita"!

6. *Barreiras culturais*

Traduzir não é apenas transmitir informações, mas também expressar, num estilo local, um pouco do caráter emocional do original. O paralelismo da poesia hebraica é muito semelhante aos cânticos da Indonésia, e os provérbios do Antigo Testamento inflamam os corações dos povos do Oeste africano. Na língua dos valientes, descreve-se um professor como aquele que "instrui as crenças" ou, melhor ainda, aquele que "grava na mente". Na língua dos shiluks, a frase "importa que Ele cresça e que eu diminua" diz-se da seguinte forma: "Ele tem de se tornar mais importante, e eu menos importante". No entanto, a maneira certa de se alcançarem as emoções dos shiluks é dizer: "Ele tem de vir do amanhecer, e eu tenho de ir para o anoitecer".

O paralelismo lingüístico é interessante porque revela diferenças culturais sutis. Quando estamos irritados com uma pessoa, podemos dizer: "Vá tomar banho!" (Os brasileiros gostam dum banho gostoso todos os dias, gosto que infelizmente não é compartilhado por todos os povos.) Os norte-americanos dizem: "Vá cuidar de seus próprios negócios!" Já os uduks, do Sudão, na África, expressam a mesma coisa: "Vá sentar-se na própria sombra" (uma coisa importante naquele país quente). Dizemos (em especial os evangélicos) que

uma pessoa "chata" é um "espinho na carne" (expressão tirada da Bíblia). Os norte-americanos dizem que tal pessoa é uma "dor no pescoço" (mal-estar comum nos Estados Unidos por causa da tensão da vida), enquanto os habitantes das ilhas Marshall dizem: "ele é um osso de peixe na garganta" (peixe é a comida mais comum para eles). Com todas estas expressões, podemos ver as variações de preocupações e acontecimentos de cada cultura.

Como Aprender uma Língua Estrangeira

Não está no âmbito deste estudo a discussão dos problemas e das técnicas do aprendizado de uma língua estrangeira. Contudo, vamos fazer aqui algumas observações rápidas sobre o assunto, que valem como um primeiro alerta. Geralmente, a falha ou incapacidade de aprendermos uma nova língua é o resultado de uma atitude falsa quanto à cultura. O complexo de superioridade ou o sentimento paternalista em relação a outra cultura sempre atrapalha quem quer comunicar uma nova mensagem, isto é, uma mensagem que não é própria daquela cultura. Somos egocêntricos e etnocêntricos, e, por isso, é difícil nos esquecermos de nós mesmos o suficiente, para sermos desinibidos na comunicação. O *orgulho* é que causa a maior barreira! Também não queremos cometer nenhum erro nem falar algo que provoque risos e gracejos. Por isso, é que facilmente poderemos incorrer no erro de começarmos a rejeitar outras culturas e outras línguas, especialmente as que tachamos de "não civilizadas".

Além disso, não queremos ser humildes o suficiente para *escutar!* Aprender uma língua estrangeira não é só estudar livros e fazer exercícios escritos; é escutar! Para podermos escutar, teremos muitas vezes de nos envolver em situações nada agradáveis para nós: ambientes estranhos e diferentes, onde não seremos entendidos. Mas não podemos ficar isolados culturalmente e, ao mesmo tempo, conseguir aprender. Por isso, na África, por exemplo, aprender uma língua significa horas e horas de escuta, ao redor de uma fogueira, ouvindo histórias, às vezes desagradáveis e terríveis, mitos, provérbios, etc.

Sempre é bom ter um treinamento lingüístico antes de aprender uma língua estrangeira, mas tal treinamento não será válido se realmente não esquecermos nossa própria cultura e penetrarmos

ao máximo na nova cultura. E isso é um verdadeiro dom de Deus. Exemplificando: um índio que estava se esforçando muito para ensinar sua língua a uma missionária disse com tristeza: "Não sei mais o que fazer para ensinar a esta missionária. Tenho ensinado a ela por muito tempo; ela estuda, estuda, o dia todo, e nada aprende. Por que será que aquela moça espanhola que se casou com um moço da tribo logo começou a falar a nossa língua tão bem e sem estudo? Por que a missionária é tão ignorante?" O problema não era ignorância, mas, sim, isolamento cultural por parte da missionária. Ela aprendia *sobre* a língua, mas não aprendia a língua. Ela estudava, mas não falava. Enfim, ela não penetrou naquela cultura.

Muitos povos minoritários (as tribos indígenas brasileiras, por exemplo) são tão desprezados e rejeitados no que se refere à sua cultura e língua, que acreditam que ninguém pode aprendê-las e muito menos entendê-las. Estão completamente deprimidos. Mas, quando lá chega algum(a) missionário(a) e começa a aprender e a falar a língua deles e a comer a comida que eles comem, logo dizem: "Você é um dos nossos. Você come a nossa comida e fala a nossa língua. Você é um índio como nós".

No começo do aprendizado de uma língua estrangeira (e talvez por muito tempo depois), cometer erros é inevitável. Por exemplo: certa vez um missionário apontou com o seu dedo para uma árvore e perguntou para um índio: "O que é aquilo?", e recebeu como resposta: "É o seu dedo"! Naquela cultura, não se aponta com o dedo para fazer tal pergunta, mas, sim, com o queixo. Por isso, o índio fixou sua atenção na ação do missionário, não no objeto para o qual ele estava apontando. Outro missionário cometeu um erro gravíssimo na sua tradução das Escrituras. Por não ter distinguido certo som da língua que estava aprendendo, quando era para dizer "não peque", ele dizia "peque". Mas o erro foi descoberto a tempo e não trouxe maiores conseqüências.

Na verdade, há muitas dificuldades, mas todas elas precisam ser vencidas. As línguas precisam ser aprendidas, e muito bem, se queremos comunicar a Palavra de Deus em termos culturais compreensíveis, que alcancem nossos ouvintes onde estão. Isto é, nós é que devemos ir até lá e nos tornar como eles e nunca tentar fazer com que vivam a nossa situação e se tornem como nós. O primeiro passo para os alcançarmos é aprender a nos comunicar fluentemente com eles, na sua própria língua.

9

Velhos Costumes e Novos Caminhos

"Sabemos que nossos jovens irão abandonar nossos caminhos", lamentou um cacique dos san blas quando começou a observar as rápidas mudanças que estavam se operando na ilha com a chegada de professores, missionários e políticos. Na verdade, não há nenhuma sociedade no mundo inteiro, pré-letrada ou letrada, que tenha uma cultura totalmente estática, pois tudo está sujeito ao processo de alterações. Isso é verdade para a nossa própria cultura, ainda que não o percebamos, pois afinal nós também estamos mudando. Nossas próprias vidas estão sendo modificadas constantemente por causa de novas invenções, do crescimento da classe média brasileira, das decisões do governo e da mudança do nível educacional dos nossos filhos. Para alguns, a mudança é rápida; para outros, é lenta; mas, seja agora, seja mais tarde, a vida mudará e nunca permanecerá a mesma em gerações futuras.

Sociedades Pré-letradas e Letradas ("Primitivas" e "Civilizadas")

As características dos povos pré-letrados podem ser assim resumidas: (1) grupos pequenos e isolados de pessoas que formam uma sociedade "face a face", isto é, onde tudo é feito pessoalmente, uns com os outros; (2) culturas basicamente homogêneas; (3) sem especialistas de tempo integral (seja qual for o ramo de atividade); (4) com um forte senso de união, baseado nos graus de parentesco; (5) relações interpessoais, baseadas no nível social da família e da amizade e não em riquezas ou reputação (*status*); (6) um alto grau de cooperação mútua para suprir as necessidades básicas da vida; e (7) uma adesão implícita à ordem moral.

Uma característica marcante desses povos é a total aceitação, sem questionamento, da ordem moral própria da sua cultura. Esses povos geralmente têm, cada um na sua própria cultura, os mesmos alvos e valores. A base das suas sociedades não é uma organização formal, mas, sim, a ordem social, composta de sentimentos compartilhados naquilo que é certo e errado.

Em contraste, temos as seguintes características principais das culturas letradas: (1) grandes grupos que muitas vezes moram em cidades; (2) grande diversificação de ocupações e perspectivas; (3) relações políticas (em vez de ligações de parentesco); (4) uma forte ênfase na melhoria e conseqüente mudança da ordem técnica; e (5) tendência de crítica e dúvida da ordem moral aceita pela maioria. Como algumas prioridades secundárias, temos ainda: (1) impostos e taxas cobrados pelo Estado; (2) trabalhos e realizações públicas; (3) desenvolvimento da escrita (ou de qualquer outro método que permita o registro dos acontecimentos); (4) ciência; (5) comércio organizado; e (6) uma classe governante.

As diferenças entre as sociedades letradas e as pré-letradas são tão grandes e diversas, que o conflito cultural é inevitável quando uma tem contato com a outra. O impacto da civilização sobre as sociedades "primitivas" consiste não somente num ataque contra toda a sua ordem técnica, como também contra toda a sua ordem moral. Apesar de os elementos heterogêneos da civilização proporcionarem o fundamento para um rápido desenvolvimento técnico, introduzem também fatores que levam ao declínio moral. O escritor, o filósofo, o cientista e o artista "não podem" aceitar as coisas simplesmente como são. Precisam questioná-las, analisá-las, o que

leva à maior sistematização do conhecimento, à comparação das opiniões e das idéias e, por isso, muitas vezes, eles ficam em dúvida quanto às bases da ordem moral "primitiva" (nem sempre superiores).

. O "meio-termo" entre os povos primitivos e os povos civilizados são as culturas "folclóricas", como as dos índios do México, dos pobres da Índia e dos felás do Egito. Esses povos não vivem em completo isolamento, mas também não participam integralmente das cidades industrializadas que há perto deles. Eles têm certa ligação com as cidades, mas se julgam moralmente superiores por causa da vida "mais simples, mais ordeira e mais decente que levam". Eles dizem que a vida nas cidades é uma vida de corrupção.

Outro exemplo de uma cultura de "meio-termo" são os índios que moram nas proximidades de Dourados, no Mato Grosso do Sul. Eles moram perto da cidade, às vezes bem perto, e têm relações econômicas com a cidade. Politicamente, são dominados pela cidade. Aproveitam-se das diversões que a cidade proporciona e, às vezes, uma ou outra pessoa adquire um pouco de escolaridade na cidade, pois eles não a têm nas aldeias. Contudo, fundamentalmente, esses índios permanecem desconfiados da cidade e não conseguem nem querem se integrar na vida citadina.

Então, pessoas pertencentes a tais culturas "folclóricas" geralmente pensam que são superiores moralmente falando e que a vida da cidade, vida esta na qual ainda não se integraram, é má. Mas tal conclusão pode ser enganosa, pois o que se define como "ordem moral" não é uma ordem perfeita, em qualquer cultura. Membros da cultura folclórica que dizem ter uma ordem moral superior, muitas vezes, admitem comportamentos nada morais. Por exemplo: magia negra, crueldade com pessoas aleijadas ou retardadas e intolerância total para com estrangeiros e para com tudo o que é diferente ou baseado numa nova mentalidade. Logicamente, tais características variam de cultura para cultura. E, também, muitas vezes se esquecem de admitir que os povos que vivem em cidades têm muitas coisas boas e que a vida não é só corrupção, apesar de haver tais coisas. Por exemplo: (1) o direito de justiça e liberdade de desenvolvimento; (2) responsabilidade mútua, não restrita somente ao "meu grupo"; (3) humanidade para com o próximo; (4) preocupação com o destino nacional; (5) reformas sociais e econômicas; (6) necessidade de subordinar a ordem técnica à ordem moral (apesar de algumas exceções bem negativas) e (7) o

desejo de uma paz mundial. Então, podemos dizer que cada tipo de cultura tem as suas partes boas e desagradáveis também. Uma cultura não pode julgar a outra, considerando-a "melhor" ou "pior". Cada uma tem de ser avaliada por si mesma. E, se quisermos entender os processos de desenvolvimento cultural em geral, precisamos considerar todas as conseqüências do impacto de uma cultura sobre a outra, como no caso da industrialização em relação às culturas primitivas e folclóricas.

Compromisso ou Revolta?

Onde se situa o *indivíduo* em meio a todas as influências da cultura? Que oportunidade ele tem no conflito entre leis e exigências da sociedade? Nesta época do "homem-massa", há ainda lugar para o indivíduo? É verdade que a cultura continua, enquanto os indivíduos nascem e morrem. Não obstante, a cultura em si é composta de indivíduos (não é uma estrutura independente dos membros da sociedade cultural). Este é um conceito importantíssimo, pois a cultura não é uma "nuvem mística" suspensa sobre as pessoas; os indivíduos é que a compõem e lhe dão expressão. Um homem paranóico, com uma filosofia etnocêntrica, pode fazer uma diferença terrível para milhões de pessoas, como Hitler nos mostrou! Hitler, porém, não era o tudo do nazismo; ele foi apenas o foco principal e o manipulador inteligente das forças culturais já influenciadas por homens como Bismarck e Nietzsche.

Qual o papel ideal do homem no mundo? Cada cultura tem uma resposta. Na época clássica, os filósofos gregos e romanos viam o homem como um ser em harmonia com a natureza. Mas o homem "moderno", voltado para a ciência, para a industrialização e para o progresso, já pensa diferente. Ele se vê como um ser em constante conflito com as tradições, com o "normal" do presente, sempre lutando por alcançar o progresso e o prazer. O muçulmano, no entanto, um fanático, apesar de toda a sua ferocidade, é um resignado ao fatalismo; pensa que nada pode fazer para melhorar qualquer coisa; tudo o que acontece tem de acontecer mesmo, e ponto final. (Por sinal, o fatalismo muçulmano influenciou a cosmovisão brasileira.) Os místicos do Oriente acham que o homem deve procurar, acima de tudo, a tranqüilidade de espírito, sejam quais forem as circunstâncias da vida. A aparente "jovialidade" dos africanos é

muitas vezes uma fachada que encobre o grande medo das forças malignas do mundo espiritual.

Em todas as culturas, os homens em geral adotam as filosofias da sua própria cultura. Mas, como sempre, há exceções em nossa própria cultura, e também nas outras há pessoas que diferem do que é aceito em geral. E, por isso, há, em todas as culturas, especialmente nas regiões das metrópoles, pessoas que estão fisicamente dentro de uma cultura, mas que agem duma maneira bem diferente dela.

Numa sociedade como a dos índios do Noroeste dos Estados Unidos, o que mais importa é a capacidade de competição e luta, enquanto, para outros, exemplificada nos indígenas do Sudeste, a pessoa é que deve ter uma personalidade boa e destacada. No entanto, o que é característico de um povo, em determinado nível, talvez já não o seja em outro nível. Por exemplo, um homem de negócios, implacável, pode ser, em casa, um marido e pai compassivo e amável. Um membro da Máfia, que mata e rouba, pode ser respeitado pela família como homem honesto e simpático. Ao contrário, alguém que diante dos colegas de trabalho é um homem gentil, muitas vezes, quando chega à sua casa, "vira uma onça", descarregando sua falta de iniciativa e fraca personalidade sobre a esposa e filhos.

As potencialidades biológicas de cada indivíduo são canalizadas pela cultura. O visionário ou neurótico religioso, venerado na Idade Média, mas criticado entre os anos 40 e 60 da nossa época, agora está voltando a ser conceituado. Há poucos anos, nos Estados Unidos, o missionário que ia para o estrangeiro era tido em baixo conceito, pois achavam que ele não queria enfrentar a sociedade mecanizada e técnica do século xx. Recentemente, porém, 16.000 universitários da Aliança Bíblica Universitária estiveram reunidos para pensar no trabalho missionário, colocando à disposição da obra de Deus suas capacidades e talentos, assim como os seus conhecimentos técnicos, para serem usados no exterior. A "profissão" missionária tornou-se uma "profissão respeitada e desejada".

A Cultura Expõe a Personalidade

Da mesma maneira que indivíduos e pequenas sociedades demonstram qualidades distintas que os caracterizam, também

grandes sociedades, incluindo nações inteiras, possuem características definidas. Kroeber descreveu os habitantes da Birmânia como vaidosos, preguiçosos, mimados, fuxiqueiros e, muitas vezes, violentos. Em contraste, os tailandeses são alegres, joviais e calmos. Também em contraste com estes, que são calmos, temos os vietnamitas, agressivos e dinâmicos. Poderíamos continuar estudando as generalizações temperamentais de centenas de povos. Mas, enquanto tais conclusões são verdadeiras sobre os fatores dominantes de cada cultura, precisamos lembrar que sempre há exceções. Além disso, a maioria das sociedades é complexa demais para ser descrita com exatidão em poucas palavras. Entretanto, em todas as culturas, há certos aspectos que sempre se destacam e que aparentemente caracterizam de forma generalizada os pensamentos e reações de seus elementos. Por isso, podemos dizer que o foco da cultura dos Estados Unidos recai sobre a tecnologia e as negociações; na Grécia antiga, recaía sobre a filosofia e as artes; para os romanos, sobre o governo e o exército. Os chineses não somente estimavam a educação e honravam o bom estudante, mas também faziam da educação clássica o pré-requisito para o serviço civil e o prestígio social. A vida dos hebreus antigos era dominada pela teocracia, enquanto a Europa medieval baseava-se principalmente na eclesiologia.

O foco de uma cultura não é necessariamente a sua característica mais importante, mas é o que é mais comum em seu meio, o aspecto mais consciente da vida do povo. Para os todas, da Índia, o foco principal da cultura está na religiosidade, que idolatra a vaca. Para os ponapeanos, o cultivo de grandes batatas doces é o seu dínamo central. Na África ocidental, o foco cultural é a experiência religiosa. Por isso, não é difícil entender como tal interesse, aliás dominante, pela religião e a crença na superioridade dos deuses dos conquistadores prepararam o caminho para que houvesse muitas conversões (pelo menos exteriormente) destes africanos à religião dos vários países que os colonizaram. O foco da cultura não é equivalente ao sistema geral de valores, mas contribui muito para influenciar a ênfase de tal sistema.

Depois de se descobrirem os focos numa cultura, não é difícil *ver* as razões para as suas caracterizações, mas chegar a tais conclusões não é fácil. Para fazer um trabalho bem feito, há de se empreenderem pesquisas profundas de todos os aspectos de uma cultura. Podem-se também tirar conclusões válidas, observando-se

os prêmios que as culturas oferecem, pois estes determinam a importância dada aos seus vários aspectos. Por exemplo, os chipeianos, do Canadá, adulam e prestigiam o melhor caçador, enquanto os palauanos, do Pacífico Sul, consideram que o homem rico é que chegou ao máximo da projeção social. O sucesso, nos Estados Unidos, pode ser medido pelo número (e o tipo) de carros que se possui, mas, em alguns outros países, a distinção é feita de acordo com o número, fama e beleza das esposas de um homem. Entre os índios kechis, da Guatemala, a distinção social é bem diferente: depende da quantidade de terras que uma pessoa possui, pois isso lhe possibilita oferecer mais festas e, daí, galgar melhores posições na sociedade.

Mudança Social

Entre os processos culturais de mudança estão: a inércia (a estabilização e a conservação dos modelos existentes) e o progresso (o crescimento e a transição), os quais se expressam por adições, perdas e deslocamentos. As mudanças que ocorrem são, muitas vezes, lentas e até quase imperceptíveis. Por exemplo, o desenvolvimento da chamada "atitude científica" na vida moderna ocorreu lentamente. Nossa memória histórica é curta. Muitas pessoas hoje se surpreendem quando ouvem dizer que houve uma época em que os livros eram escritos à mão, e algumas chegam a pensar que as "armas" mencionadas na Bíblia (1 Sm 20.40) eram revólveres!

As mudanças podem ser tão cumulativas, que muitas vezes nem conseguimos saber em que ponto se tornaram modificações completas do modelo original, tão grande é a modificação. Em outras ocasiões, as modificações podem ser formalizadas por leis e regulamentos. Nos anos 20, em Long Beach, na Califórnia, era contra a lei os homens irem à praia sem camisa. Alguns tentaram desafiar a lei, mas receberam pesadas multas. Mas, no ano seguinte, a prefeitura baixou novo decreto, permitindo o banho na praia de calção, sem camisa. Dois anos depois, o homem que ia à praia de camisa era considerado "quadrado"! O sentimento de mudança já vinha de muito tempo atrás, mas só com a lei é que veio a transição, e bem rápida, por sinal.

As mudanças geralmente acontecem mais no foco central das culturas. Numa cultura que está em rápida mudança, as alterações

são diferentes, nos seus diversos aspectos. Uma maneira de medir a rapidez e a intensidade das mudanças é observar as barreiras existentes entre a nova geração e seus pais e avós. Um pouco de choque entre gerações é normal, mas, quando o choque é muito grande, é porque está havendo uma rápida mudança cultural. Outro medidor de transição é também o comportamento real comparado com o comportamento ideal do povo. Se há grande diferença entre o real e o ideal, isso produz frustração em excesso e é sinal de que a cultura está em rápida transição.

Muitas vezes, o conteúdo de certas práticas muda, mas a forma permanece a mesma. Por exemplo, antigamente, quando nasciam gêmeos entre os ifugaos, da África, eles os colocavam numa cesta e os expunham numa encruzilhada para serem mortos. Hoje, eles ainda fazem isso, mas trazem de volta os gêmeos vivos. Ao contrário, uma cultura pode conservar o conteúdo e só mudar a forma exterior. Os budistas, do Japão, por exemplo, fizeram uma série de inovações na sua seita. Eles agora têm "escolas dominicais", um "Exército de Salvação", uma "convenção" e até um "reino de Deus". Mas mudou o conteúdo do budismo? Não. Na Tailândia, eles têm uma Bíblia: "Os Dizeres de Buda". Organizam também trabalhos sociais, para auxílio a vítimas de enchentes; introduziram nos seus cultos o cântico de "hinos"; e, em certos casos, celebram cerimônias de iniciação (em competição com o batismo cristão).

Todas as Culturas São Devedoras

Até as culturas mais simples prestam às outras culturas contribuições importantes às suas atividades. Culturas compostas, como a nossa, são combinações monumentais, resultantes, na maioria das vezes, do processo de empréstimo cultural. A raiz da nossa língua, por exemplo, é latina, e temos ainda influências das línguas francesa, italiana, espanhola, grega, além da mais óbvia, a portuguesa. Os italianos, franceses, africanos, japoneses também influenciaram muito nossa maneira de comer, de plantar, de agir, etc. Os africanos trouxeram-nos muitas crenças religiosas, além de um variado cardápio e influências na língua e nas artes. Por causa do contato intenso com a cultura dos Estados Unidos, temos tomado por empréstimo muitas coisas deles, enquanto eles, por sua vez, têm sido influenciados também por muitas coisas de outros países.

Não é necessário haver boas relações entre países para que emprestem um ao outro modelos culturais. Métodos, armas, técnicas bélicas e outras coisas são "tomadas por empréstimo" por espiões profissionais!

Resistência

A revolta na Grécia, por causa da tradução do Novo Testamento em grego moderno, e a rebelião dos zelotes, recentemente, queimando uma nova tradução da Bíblia em inglês, (em última análise é melhor esta prática do que a antiga, que era de queimar os tradutores!) são evidências de que há mais inércia na área religiosa do que em muitas outras áreas da cultura. Mas o que é verdade sobre a religião também o é para alguns outros aspectos da cultura. Comer arroz e feijão é quase indispensável na cultura brasileira, e, mesmo que os preços subam assustadoramente, nós não paramos de tomar o nosso cafezinho!

Devido ao nosso tradicionalismo, não devemos criticar, à primeira vista, outras culturas antes de uma boa análise de suas características. Pois, às vezes, há razões válidas para não mudar determinado comportamento. Por exemplo, os índios conobos, da Guatemala, ainda resistem à alfabetização. E tal atitude não é apenas parte do modelo total de resistência à cultura espanhola; é também um forte sentimento adquirido por uma amarga experiência durante os dias do General Barrios. Qualquer pessoa, naqueles dias, que soubesse ler, seria provavelmente colocada na posição de prefeito pelo referido General. Isso tornava tais pessoas passíveis de obediência e execução de todas as ordens do governo. Qualquer prefeito que falhasse na sua tarefa de obediência às determinações governamentais era fuzilado em praça pública. Não é de admirar que eles tenham desenvolvido tal barreira ao aprendizado das letras!

Nossas atitudes culturais têm raízes tão profundas, que, muitas vezes, explicamos certos comportamentos nossos dizendo que estão "no sangue". Claro que não estão no sangue, mas sim no profundo do nosso pensamento. Os luteranos protestavam contra a falta de liberdade de consciência e a tirania eclesiástica, na mesma época em que perseguiram centenas de anabatistas a "espada e fogo"! A Igreja Anglicana denunciou o papado, mas ela, por sua vez, tomou uma posição papal contra os metodistas, que, por sua vez, não

aceitaram os nazarenos. Os hábitos, por muito tempo, em muitas épocas, combinaram com os interesses pessoais e com as convicções religiosas na promoção de rebeliões emocionais contra as transições culturais.

Crescimento e Morte

As culturas assemelham-se a organismos que, ou estão crescendo, ou estão morrendo, mas nunca permanecem estáticos. O crescimento acontece com a infusão de influências exteriores ou com a acumulação de traços oriundos das diferenças individuais do comportamento humano. Não havendo duas pessoas que se comportem exatamente do mesmo modo, é lógico que, quanto maior o grupo, maiores as variações de seu comportamento. Quando há especialistas como sacerdotes, profetas, ferreiros, músicos, escultores ou filósofos, a diversidade deles tende a provocar na sociedade um impulso cultural. Contudo, as sociedades podem também sofrer da paralisia cultural, oriunda de fatores conflitantes de classes rivais, perda da vitalidade por causa de pestes, doenças, má nutrição e subjugação por poderes inimigos que podem destruir, pela escravidão, qualquer dinamismo. Em poucos anos, os fortes índios das planícies norte-americanas se tornaram beberrões e parasitas das comunidades das fronteiras, vivendo sem rumo. O antigo foco da cultura, o prestígio do guerreiro, fora destruído. Por causa da sua origem, eles não tinham condições de se ajustarem a uma cultura agrícola baseada em valores monetários. Só agora, depois de gerações, é que eles estão se normalizando, ajustando-se ao modelo de vida americano e tomando posições de liderança, que suas capacidades inerentes merecem. O império inca foi dominado metodicamente pelos espanhóis, que mataram seu governo central e reduziram o povo à escravidão e aos trabalhos forçados, bem como lhes transmitiram as doenças do homem branco. Sob tratamento tão cruel, eles se refugiaram na bebida, nas orgias, na irresponsabilidade, tornando-se carrancudos. O alcoolismo extremado, que está geralmente em direta proporção ao nível de ansiedade e frustração, pode matar uma sociedade ou pelo menos uma classe da sociedade.

O povo da Micronésia também sofreu de morbidez cultural, por duas ou três gerações. Novas doenças (especialmente varíola e

sífilis), nutrição inadequada e a perda da moralidade (devido aos caprichos dos administradores espanhóis, alemães e japoneses) resultaram na redução do número de nascimentos, aumentando também o número de mortes. Mas, em anos recentes, tem havido uma mudança distinta: as populações voltaram a crescer, uma nova liderança está surgindo, e o ritmo de vida está melhorando. Tudo resultado, direto ou indireto, da Segunda Guerra Mundial.

Profundos deslocamentos podem ocorrer nas sociedades sem que se percebam tais acontecimentos. Por exemplo, o govemo belga treinou um bom número de jovens para supervisionarem agricultores numa colônia africana. Eles não somente ensinavam o povo a plantar, como também fiscalizavam se as plantações estavam sendo devidamente cuidadas por cada agricultor (ou por suas esposas). O poder e a autoridade oficial deram aos novos e jovens agricultores uma tal importância, que superou a dos chefes das colônias. Aos poucos, o poder foi transferido dos chefes para os jovens educados pelo governo.

Se as culturas querem mudar sem deslocamentos problemáticos, substitutos funcionais tornam-se necessários. Os antropólogos, na Nova Guiné, tiveram sucesso quando, em lugar de um ser humano, usaram um porco num sacrifício de um rito da fertilidade e uma bola em lugar de lanças, para resolver a hostilidade de duas tribos rivais. Um missionário no Zaire enfrentava um sério problema, pois, nas horas das decisões, a igreja se dividia em duas facções, por causa de dois clãs rivais que a ela pertenciam. A solução que ele encontrou não se limitou somente à denúncia dessa prática rivalesca, mas, na escola que ele dirigia, distribuiu os alunos em dois dormitórios, misturando os elementos dos dois clãs. Cada dormitório funcionava como uma unidade esportiva, com honras acadêmicas e de comportamento geral. As novas relações surgidas entre os dois clãs trouxeram novas lealdades entre eles e, com isso, uma nova realização comum, em que as diferenças de opinião sobre os negócios da igreja não precisavam ser resolvidas com base na cega lealdade ao clã de cada um.

Há Progresso?

Na história do homem, sempre houve o pensamento de que estamos melhorando, tornando-nos mais científicos, mais capazes,

mais humanos no relacionamento pessoal. A idéia egoísta de que somos melhores que os nossos antepassados e de que iremos construir um mundo mais seguro para as próximas gerações é mais proeminente especialmente nas culturas mais diversificadas e mais "civilizadas". Contudo, temos de ser honestos conosco e concordar com o que a Bíblia diz sobre o homem: "Não há justo, nem sequer um, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer..." (Rm 3.10-12). Foi uma cultura bem avançada, a alemã, que exterminou 6.000.000 de judeus a sangue frio; foi um país como os Estados Unidos que teve um presidente capaz de mentir e usar táticas infantis para ganhar uma eleição (o caso Watergate); uma nação como a URSS, que colocou o primeiro satélite artificial no espaço, que chegou a não admitir liberdades fundamentais, como a de religião; é um país rico como a África do Sul que não permite que o homem branco entre pelas mesmas portas das estações ferroviárias que os negros.[1] Progresso? Na verdade, no fundo do coração do *homem*, sempre existirão os mesmos pecados que até agora o acompanharam: o orgulho e a vaidade. O homem sem Deus vive nas trevas e, com toda a sua ciência e conhecimento, é capaz de sacrificar outros homens no altar do seu egoísmo. A verdade eterna e imutável é que o ser humano precisa de Deus — do Salvador, para que um real progresso possa acontecer. Cristo é a única esperança. Ele é o Salvador para todas as nações.

[1] Essas situações eram importantes na década de 70. Em nossos dias poderíamos citar outros exemplos como a Bósnia, a liberdade de aborto, o crime, a expansão do uso de drogas e o poder mafioso entre governantes de países "desenvolvidos".

10

Novas Soluções para Velhos Problemas

Como resultado de apenas quinze anos de trabalho missionário numa tribo da América Latina, hoje há mais de 30.000 índios que já não são vítimas da devassidão, do medo paralisador da magia negra e das confusas crenças pagãs e semi-cristãs. Apesar do pequeno número de missionários, esses índios têm demonstrado grande responsabilidade para com a comunidade e a igreja. A própria falta de missionários exige que os "nativos" ou "nacionais" assumam a liderança tão logo seja possível. Em outra tribo não muito distante desta, a obra missionária tem sido feita por missionários igualmente dedicados, que ali estão há o dobro do tempo dos missionários acima citados, mas quase sem resultados. Eles têm mais dinheiro, um número maior de missionários e um ambiente muito simpático. Apesar disso, ao invés de um grupo de crentes animados, eles têm um grupo cheio de inveja, de suspeitas da liderança dos missionários e indiferença quanto à igreja.

É falso supor que os resultados da obra missionária possam ser facilmente preditos mediante a aplicação de fórmulas ou receitas, pois a obra do Espírito Santo não é controlada pela aplicação de fórmulas definidas de princípios missionários científicos. Contudo,

um exame cuidadoso dos trabalhos missionários bem-sucedidos revela que um dos segredos do sucesso está na identificação com o povo e na comunicação contextualizada de acordo com os padrões da cultura onde é realizado o trabalho. Por outro lado, quando o trabalho missionário não é bem sucedido, sempre vamos descobrir que a causa está em pelo menos dois problemas sérios: *falta de identificação e falta de comunicação.* Não devemos avaliar o trabalho missionário pelo número de convertidos somente, mas principalmente se há uma igreja estabelecida, que se multiplica, que funciona efetivamente no seu meio ambiente e que, por sua vez, se torna também uma igreja missionária.

Um Pagão Vê o Trabalho Missionário

Normalmente, para um pagão, a mensagem cristã é confusa. A insistência em se unir a religião à moralidade parece muito esquisita para ele. Como podem os espíritos, que são "safados", ter interesse pelo comportamento ético? Para um índio quechua, que declarou: "Nossos deuses são todos beberrões, e por isso nós somos também", o conceito de sobriedade, como parte da religião, é bobagem. Além disso, a maioria argumenta: "A religião é um assunto para padres, feiticeiros e videntes. Não é para mim e nada tem que ver com a minha vida". Muitos navajos rejeitam fortemente a idéia de louvar um Homem morto, que ressuscitou e se oferece para viver nos seus corações por meio de um Espírito! O medo tremendo dos espíritos dos mortos faz com que a pregação sobre a ressurreição seja mais do que "loucura". Aos olhos de muitos africanos também, o Deus do cristianismo é ou "barato" ou burro, pois Ele não requer sacrifícios contínuos. Dizem eles: "Como alguém obteria vantagens nos negócios com Deus, se Ele não pode ficar devendo favores para mim, por causa das minhas ofertas de sangue e dos rituais?" Isto é, Deus requereria sacrifícios e ofertas, mas ficaria obrigado a atender os meus pedidos. As denúncias de um missionário contra o vício de fumar são totalmente sem sentido para alguém que pensa que o cheiro do fumo intensifica a comunhão com seu Deus.

Apesar de todas essas barreiras culturais, freqüentemente não é a mensagem, mas, sim, o mensageiro, quem acaba criando os maiores problemas para os não-cristãos. Graças a Deus, os missionários que gritam com os "nativos", como se estes fossem animais, obrigan-

do-os a servir e a construir igrejas e casas, são hoje exceção. Mas há ainda muitas vítimas do complexo dos que se julgam melhores e que demonstram tal sentimento nas suas atitudes cheias de paternalismo pietista. Estes têm a idéia paternalista de que devem trabalhar para o povo, em vez de trabalhar com o povo. A autojustificação e a identificação da cultura ocidental com o cristianismo não possibilita a comunhão com o povo. Isso faz com que os missionários permaneçam estrangeiros, não só na aparência física, mas também no íntimo. Como exemplo disso, a insensibilidade grosseira de uma missão resultou num programa de treinamento para a "liderança nativa" que requer dos novos pregadores a separação das suas famílias por quase onze meses do ano, durante oito anos, quando eles têm de provar a sua espiritualidade em penosos trabalhos manuais.

A falha do missionário em se identificar com o povo não está na simpatia, mas sim na ausência de empatia (a tendência de se sentir como se estivesse na mesma circunstância do outro), e isso se torna mais agudo quando ele não fala a língua do povo de maneira correta. A comunicação é uma dupla experiência: precisa-se entender antes de falar e aprender antes de ensinar. O uso correto da língua não apenas abre o coração dos incrédulos, mas deve também ajudar a abrir o coração culturalmente fechado do missionário, para que ele entenda as necessidades e esperanças do povo.

A mentalidade do missionário que considera incapazes todos os outros homens tem sido uma praga em missões através da história. Os missionários que não permitem aos nacionais liderar e se responsabilizar pelo trabalho estão perdendo o campo e não estão atingindo o propósito principal pelo qual foram enviados a outro país.

Está na hora de tirar a máscara do "missionário estrangeiro" (o que acha que pode fazer tudo sozinho) e pensar diretamente na Bíblia; observando como Paulo realizava a obra missionária, indo e ganhando outros povos para Cristo, e, o mais rápido possível, entregando as novas igrejas nas mãos de líderes locais capacitados e escolhidos pelo Espírito Santo. Eles se tornaram "companheiros de luta" com Paulo, colaboradores e colegas estimados, irmãos na fé.

Em Defesa dos Missionários

"Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui...", gritava a multidão em Tessalônica, denunciando Paulo e Silas às autoridades locais. Desde aqueles dias, os missionários são homens comprometidos com a obra de transformar o mundo e, em grande parte, é exatamente isso o que têm feito! O veneno da injustiça, os medos terríveis da magia negra, as mutilações cruéis em nome da religião, a pobreza resultante do sistema de castas, a ignorância geral, a difícil situação das mulheres, os sofrimentos sem alívio do corpo e do espírito — tudo isso tem sido enfrentado pelos missionários no mundo inteiro. O governo inglês não foi capaz de lidar com as chamadas "Tribos Criminosas" na Índia, e ninguém ousava tentar mudar aquela já antiga "praga" social. Contudo, missionários do Exército de Salvação entraram naquela região, aprenderam a língua do povo, fundaram escolas industriais e agrícolas, ministraram às necessidades físicas do povo e o instruíram na fé cristã. A transformação operada nos indivíduos e naquela sociedade foi tal, que os oficiais locais alteraram o nome da tribo. É certo que os missionários cometeram erros, mas eles não conheciam as árduas pesquisas antropológicas que temos hoje, feitas com base nas experiências dos missionários atuais. Como pioneiros, o material de estudo que possuíam era escasso. Hoje, nossa responsabilidade é bem maior que a deles, pois eles nos legaram experiências que devem iluminar nossas decisões. Temos condições de errar bem menos que eles, graças às importantes experiências que tiveram, ao levar avante a obra missionária.

Alguns missionários têm sentido muito os erros dos seus colegas e, temendo o complexo de superioridade, têm procurado uma grande identificação com o povo, mas têm-se esquecido do caráter revolucionário dos seus ministérios. Vão para outro extremo, onde a mensagem do evangelho se torna muito fraca, a ponto de quase nada fazer em prol das necessidades espirituais dos povos. Mas Jesus disse: "Não vim para trazer paz, mas espada..." (Mt 10.34-37). Um missionário ficou tão chocado com as conseqüências sociais que a conversão a Cristo Jesus no mundo islamita podia trazer, que ele aconselhou uma moça, numa escola, a não se converter. Mas a obra missionária não é verdadeiramente cristã se não traz revolução — mudança radical — para os indivíduos e para as sociedades. Os cristãos de países comunistas sabem muito bem o preço que

precisam pagar para seguirem a Jesus, mas nem por isso deixam de anunciar as boas-novas de salvação. E a Igreja continua crescendo, e as "portas do inferno" não têm prevalecido contra ela.

Muitos missionários, hoje, já estão aproveitando as experiências do passado, os estudos antropológicos e os novos horizontes que estão se abrindo na obra missionária. Eles sabem que foram chamados por Deus para atingir o centro de cada instituição cultural e para fazer de Jesus Cristo o Senhor *absoluto* de cada homem e mulher.

Cristandade Não É Cristianismo

Na Líbia, um pastor recém-ordenado, para demonstrar o prestígio que havia adquirido, subiu ao púlpito e pregou em inglês, com um intérprete, ao seu próprio povo! Que lástima! Na sua concepção de cristianismo, essa atitude era "correta", a qual todo pregador devia seguir, e parte inseparável da sua nova posição. A confusão que certos missionários têm causado, comunicando "cristandade" em vez de cristianismo, cultura ocidental em vez do evangelho de Cristo e costumes e cultura próprios em vez da Bíblia, tem sido a base de mal-entendidos trágicos e experiências frustrantes. É difícil para muitos missionários entender por que não devem levar consigo a sua própria cultura (com todas as suas conseqüências) até aos confins da terra. Por exemplo, é realmente necessário usar anel e vestido branco num casamento na Ásia? (Então, por que aqui no Brasil não se usa o pagamento do dote, se esse era o costume do Antigo Testamento?) O corpo de um morto está mais bem preparado para a ressurreição se enterrado num caixão do que enterrado sentado, em posição fetal? Uma igreja com arquitetura no estilo batista do sul dos Estados Unidos (com colunas e escadaria) é mais aceita do que uma com arquitetura ao estilo de Portugal (com a fachada quadrada)? Tudo isso é cultura, não evangelho.

Contudo, a mistura da cultura do missionário com o cristianismo, vista da perspectiva da roupa (bermuda acima ou abaixo do joelho), do estilo de culto (violão ou piano, horário fixo, etc.) ou da classificação de pecados (que é pior: beber vinho ou ser vaidoso?), não é o mais grave. Nossos erros mais graves são sutis e difíceis de extirpar. O nosso individualismo nos impede de ver a mão de Deus operando numa sociedade inteira. A grande tendência de depender

das reações emocionais é um perigo muito sério. Nossa mensagem não é: "Desde que você se sinta bem assim, então esta deve ser a verdade", mas, sim: "Isto que a Bíblia diz é a verdade e, por isso, é bom". Muitas vezes, os missionários ficam satisfeitos por produzir crentes emotivos, mas ainda são verdadeiros pagãos no entendimento. Esse tipo de convertido é estéril e, quando vêm as lutas, não permanece e não tem condições de levar avante a obra do Senhor.

O fato de os missionários freqüentemente viverem em "mansões", usarem roupas melhores ou diferentes e comerem comida estranha aparentemente atrapalharia as suas relações com o povo. Mas, na realidade, só atrapalha quando tais ações simbolizam uma atitude íntima de superioridade e de separação espiritual (talvez o que mais acontece). Em todas as sociedades, há os ricos e os pobres, e os povos não têm problemas com os ricos só porque eles têm riquezas. Há problemas por causa do desprezo real que os ricos têm para com os pobres. Alcançamos a identificação não só usando a mesma roupa que os outros povos (ou a falta de roupa), comendo mandioca com cupim, ovos chocos ou morando numa casa de folhas de bananeira (tudo isso ajuda na identificação, mas não é parte essencial). O que é realmente importante é ter uma mente aberta para entender, mãos que labutam juntas nos deveres diários com os povos e um coração que responde às alegrias e às tristezas do próximo: em outras palavras, um coração que *ama*.

O cristianismo é uma experiência contínua com Cristo. Não é principalmente ser membro de uma denominação ou igreja, não é obedecer a certas estruturas ou leis humanas, não é cumprir as formas exteriores do culto, mas aprender, diariamente, a aplicar os princípios básicos da Bíblia na vida cotidiana e seguir a Jesus Cristo cada vez mais de perto. Se o missionário se preocupa com seus projetos pessoais, seus próprios interesses e quer resolver todos os problemas do povo, em vez de ter uma visão de que ele deve apenas ensinar o povo a depender de Deus para resolver seus próprios problemas e ser fermento na sociedade, estará roubando da igreja local a experiência de crescimento e de maturidade espiritual.

A Missão e a Igreja Nacional

A tendência dos novos convertidos é continuar dependendo da missão (de onde vêm benefícios tais como educação, serviço,

prestígio e outras coisas), em vez de passar a depender da igreja nacional. Isso cria muitos problemas sérios. O mais sério é pensar que "aquele que paga manda". Isso é um pensamento errado. Os missionários têm, muitas vezes, investido seu dinheiro em edifícios, escolas, hospitais, templos, etc. e não querem perder o controle de tudo isso, com medo de que a direção dos nacionais seja inferior ou errada. (Por outro lado, o missionário não deve empregar o seu dinheiro irresponsavelmente.) Vemos, então, que a dependência dos novos convertidos está intimamente ligada à atitude paternalista dos missionários. Os missionários que dizem: "Os nacionais não querem assumir a responsabilidade da liderança", colocando assim a culpa sobre eles, também podem estar enganados. Muitas vezes, um nacional tem o bom senso de não aceitar a liderança da obra, pois sabe que será um líder só de "nome". Quem estará tomando as decisões não será ele. E, se ser líder-fantoche já não é bom, quanto mais ter de arcar com conseqüências de decisões erradas que nem sequer foram tomadas por ele próprio.

"Ninguém É Justo..."

A pessoa que pensa que todos os crentes nacionais são cristãos verdadeiros pode se desiludir da mesma forma que a pessoa que imagina que todos os missionários são "santos". Uma avaliação realista das nossas próprias igrejas ajuda-nos a não sermos idealistas demais em relação aos nacionais. As igrejas das ilhas Marshall têm um alto grau de freqüência aos cultos e uma doutrina oficial muito puritana, mas, ao mesmo tempo em que muitos estão condenando abertamente a imoralidade, secretamente estão fazendo o que é proibido. No Brasil, muitos enfatizam a "santidade" na aparência das roupas e em outros costumes, quando essas mesmas pessoas, muitas vezes, têm sérios problemas financeiros, praticam subornos nos seus negócios, são hipócritas, pois vivem falando dos outros, e até têm problemas morais, que estão escondidos. Também, às vezes, o dízimo se torna um jogo para se saber quem ganha mais ou quem dá mais para a igreja. Aqueles que, muitas vezes, denunciam o racismo, eles mesmos estão sendo racistas, tratando os índios como animais — ou não se importando se estão vivendo ou se estão morrendo. Com freqüência, os hindus têm-se revoltado e ofendido os brancos, por causa das dificuldades sociais impostas a eles, mas

os hindus, por sua vez, desprezam os negros. Esse é um exemplo entre milhares. Homens são homens, sejam do Brasil, sejam dos Estados Unidos, quer da Índia, quer de outro lugar qualquer; não importa sua cor ou raça, não são melhores ou piores que os outros.

Por Onde Começar?

Deve o missionário cristão se preocupar com as descrições das diferenças que dividem o cristianismo das outras religiões ou deve ele estabelecer um "território comum" entre elas e o cristianismo e prosseguir na evangelização? A expressão "território comum", no âmbito religioso, é essencialmente uma ilusão, quando se trata do cristianismo comparado a outras religiões. Nós estamos separados das outras religiões por imensas barreiras, e não há nenhuma base comum por onde se possa começar a construir o edifício cristão. Apesar da impossibilidade de união, o uso introdutório de um "ponto de contato" é essencial e de muito valor. O apóstolo Paulo usou um "ponto de contato" quando ele se referiu ao "Deus Desconhecido" dos atenienses (At 17.23), e Jesus constantemente fazia isso, usando os trabalhos, o ambiente e os interesses do povo. O interesse dos maometanos pelo Evangelho de Mateus (porque começa com Abraão), a lembrança de Ngobo (o criador benevolente) dos valientes, o amor dos índios tzeltales pela instrução religiosa em forma de cânticos, o grande interesse dos hindus pela filosofia e o amor dos africanos por provérbios — tudo isso pode ser um "ponto de contato" valioso para atrair a atenção das pessoas, para que ouçam o evangelho de Jesus. O mais importante de tudo são os pontos de contato que todo ser humano tem: saúde física e mental, esperança e aspirações, a educação dos filhos, segurança para o futuro, ajuda para resolver problemas familiares, conflitos pessoais e falhas morais e uma fé num propósito último da vida. Em todas essas coisas, a humanidade se encontra num "território comum" — um ponto de contato. E é aqui — no coração da necessidade humana — que uma pessoa pode entender verdadeiramente o significado do plano divino, que não constitui apenas uma mensagem, mas também um Homem: Jesus Cristo, a encarnação de Deus e a resposta ao problema universal, a separação de Deus por causa do pecado.

Soluções Novas

A maior parte dos missionários da atualidade entende que nem todos os traços culturais têm o mesmo valor. Costumes tais como idolatria, racismo, casta, casamento de crianças e homicídio de recém-nascidos devem ser rejeitados definitivamente. Outros costumes, tais como tomar banho freqüentemente, ter boa nutrição, boas relações na família, etc., devem ser incentivados, mas, ao mesmo tempo, esclarecendo-se que tais costumes já não são parte da velha religião e devem ser feitos para Deus e não pelas antigas razões. Outros costumes são neutros. A posição durante as orações, se oram alto ou baixo (pelo menos com decência e ordem), se oram todos juntos ou um de cada vez, se há uma liturgia ou não para as orações, tudo isso não tem regra bíblica específica, pois encontramos todo tipo de oração na Bíblia. Este é um costume neutro. Também os tipos de comida, a etiqueta, o modo costumeiro de vestir-se são da mesma forma neutros, e o próprio povo é que deve decidir como tudo isso será, pois eles sabem muito melhor do que qualquer missionário o que é certo ou não.

Os métodos missionários e antropológicos que melhor funcionam para os povos não-cristãos não são apenas resultantes de teorias, mas resultantes do contato íntimo com o povo, do enfrentar problemas diários e viver dificuldades junto com eles. Os antropólogos de "gabinete" podem analisar e indicar a natureza dos problemas culturais e as várias possibilidades de solução, mas só uma pessoa envolvida na vida do povo pode conseguir descobrir a verdadeira solução para os problemas culturais. Uma genuína sensibilidade às necessidades humanas tem preparado muitos missionários para uma ação estável e objetiva na solução de costumes culturais totalmente estranhos e chocantes para ele. A associação constante com o povo e pesquisas cuidadosas e diárias de eventos significantes têm possibilitado aos missionários a compreensão da maneira de pensar e viver dos povos. Por exemplo, os missionários precisam ter discernimento para saber se as obras de um artista espírita devem ser jogadas fora (por terem ligações com a religião) ou não (por serem obras de arte apenas).

Em muitas partes, também, os missionários já não estão pensando em grandes templos com arquitetura estrangeira e construídos com dinheiro do exterior. A dependência do povo para com um pastor que recebe um alto salário do estrangeiro, literatura im-

portada e direção impessoal de uma distante missão tem sido substituída pela idéia de igrejas nacionais, independentes de missões estrangeiras, que funcionam com maturidade e de maneira bíblica. É hora (apesar de que sempre devia ter sido assim) de os missionários e nacionais trabalharem juntos. O missionário ajudando naquilo que pode e, o mais rápido possível, treinando o próprio povo para assumir o seu lugar na liderança e responsabilidade da obra. Não é hora de o missionário ir embora, mas de servir o Senhor de acordo com a posição certa que ele tem no corpo de Cristo, seja na África, seja na América Latina, quer na Ásia, quer na Europa.

As missões médicas, agora, também estão se preocupando mais com a medicina preventiva do que com hospitais, ensinando ao povo como proceder para não ficar doente, em vez de aguardar os doentes para então atendê-los.

Nas escolas profissionalizantes das missões, as atitudes estão mudando também. Em vez de importar currículos dos Estados Unidos ou da Europa, estão procurando formular seus próprios currículos, que preparam obreiros para enfrentar com propriedade as situações reais da vida, de acordo com cada cultura. Um exemplo de um currículo errado seria um curso de História da Igreja, em que toda a ênfase esteja na Reforma e nos avivamentos da Inglaterra e dos Estados Unidos, e em que nenhuma menção seja feita à história da Igreja do próprio país onde o missionário-professor está trabalhando. Hoje, os professores de Bíblia estão procurando fazer estudos mais relevantes e contemporâneos e não apenas históricos.

Os missionários culturalmente sensíveis vêem a necessidade de uma nova atitude no que diz respeito aos ritos de iniciação. Alguns sugeriram que as circuncisões sejam feitas por médicos, prevenindo assim infecções e outros problemas, e que sejam providenciados substitutos funcionais para a iniciação feminina, retendo o que é bom e banindo o que é mal das velhas tradições. Entre os cewas, por exemplo, a puberdade cristã tem dois aspectos: um público e outro particular. Uma mulher cristã madura e capacitada é escolhida para instruir as moças sobre higiene, sexo, os cuidados com crianças e suas responsabilidades em geral. Às vezes, um médico e uma enfermeira podem ajudá-la. A parte pública do rito consiste num culto de recepção formal das moças pelas mulheres mais velhas da igreja. Nessa ocasião, mais instruções são dadas quanto à vida cristã, e, depois, elas tomam assento junto com os adultos do grupo. Esse rito não tem quase nenhuma aparência com o antigo ritual de inicia-

ção da tribo, quando as moças ficavam em reclusão por seis dias, eram forçadas a ter relações sexuais, não podiam comer sal e eram instruídas sobre os "tabus" sexuais. Eles eliminaram essas partes negativas do antigo rito e permaneceram com o que era bom, providenciando um substituto funcional culturalmente aceitável.

Há numerosas maneiras de aproveitar o que existe entre os povos para comunicar o evangelho. Por isso, é necessário que o missionário seja equipado com sabedoria, flexibilidade, uma mente aberta e capacidade para analisar, pela Bíblia, o que ele realmente pode utilizar para a glória do Senhor. Ele também precisa saber quais são os lugares em que ele pode gastar melhor suas forças — quais os lugares mais abertos e receptivos e mais estratégicos. Ele precisa também comunicar-se de forma que torne a mensagem do evangelho (tanto falada como escrita) viva e entendida por todos.

O missionário sábio é o que está alerta para as possibilidades de, o mais cedo possível, subordinar a missão à igreja local. A atenção do povo deve estar sobre a igreja, não sobre a(s) casa(s) ou a vida dos missionários. A igreja local deve ser auto-suficiente, o mais rápido possível, para tomar as decisões, escolher os candidatos para o batismo e ordenar os seus próprios obreiros para o trabalho. Deve se tornar imediatamente uma igreja missionária — que se preocupe não somente com os seus planos, mas também com os outros — até outras nações e povos.

Todas essas novas soluções para velhos problemas indicam que o desenvolvimento da igreja é o alvo ideal de missões. Nossa obra é: fazer "*discípulos* de todas as nações" e preparar "homens fiéis e também idôneos para instruírem a outros". Este é o segredo do missionário: não fazer tudo sozinho, mas preparar discípulos para se multiplicarem e continuarem a obra da Igreja de Jesus Cristo. Programas e estratégias são importantes, mas o que realmente faz um missionário bem-sucedido é que ele esteja consciente da realidade de Deus, da graça salvadora do Senhor Jesus, da obra transformadora do Espírito de Deus e do reconhecimento da sua incapacidade pessoal e cultural. O poder de Jesus Cristo em Seus servos, que estão abertos para ouvir a Sua voz e receber as Suas instruções, pode santificar muitas vidas, onde estiverem, para alcançarem o alvo mais alto da carreira do homem — ver a glória de Deus manifesta no mundo inteiro.

Impressão e Acabamento
na Gráfica Imprensa da Fé